****

**Ritos Iniciais**

**Procissão e Cântico de Entrada**

**Saudação inicial** – cf. Missal Romano, 3.ªedição, p.479

P. A Paz e o amor de Deus Pai, que Se manifestaram em Cristo, nascido para nossa salvação, estejam convosco.

R. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Ou – mais apropriado a este dia:

P. A luz e a Paz de Deus nosso Pai, que Se manifestaram no rosto de Cristo, nascido em Belém, para nossa salvação, estejam convosco.

R. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

**Monição inicial**

P. Peregrinos de esperança, viemos a Belém, à Casa do Pão, onde encontramos Cristo vivo, a Estrela que guia o nosso coração, a Estrela que ilumina o nosso chão. Não teremos, por certo, melhor ícone dos *peregrinos de esperança*, do que os Magos que vêm do Oriente, guiados pela Estrela, em busca do Salvador. Eles representam a esperança das nações, neste mundo global, que nos tornou vizinhos, mas não nos fez irmãos. Podemos associar este movimento ao de tantos migrantes, exilados, deslocados e os refugiados, que fogem à guerra e procuram uma terra, um teto e um trabalho. Neste dia (na véspera do dia) em que o Santo Padre abre a Porta Santa da *Basílica de São Paulo fora dos muros*, peçamos ao Senhor a graça de derrubar os muros que nos impedem de viver como irmãos e de abrir as portas do coração a todos os que Deus põe no nosso caminho.

***Kyrie*** (cantado) ou proposta do Missal Romano, 3.ª edição, p.484

P. Senhor, Filho de Deus que, nascendo da Virgem Maria, Vos fizeste nosso irmão, Senhor, misericórdia ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eleison. R.

P. Cristo, Filho do Homem que conheceis e compreendeis a nossa fraqueza, Cristo, misericórdia ou Cristo, tende piedade de nós ou Christe, eleison. R.

P. Senhor, Filho Primogénito do Pai, que fazeis de nós uma família, Senhor, misericórdia ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eleison. R.

Ou

P. Senhor, Vós sois a Luz, que vindo a este mundo ilumina o coração de todos nós. Senhor, misericórdia ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eleison. R.

P. Cristo, Vós sois o Único Rei e Salvador de todos os povos. R, Cristo, misericórdia ou Cristo, tende piedade de nós ou Christe, eleison. R.

P. Senhor, Vós sois o rosto luminoso da beleza, da verdade e da bondade que procuramos. Senhor, misericórdia ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eleison. R.

**Hino do Glória** (cantado)

**Oração coleta:** Missa da Vigíliaou Missa do Dia

**Liturgia da Palavra**

**1.ª Leitura:** *Is* 60, 1-6

**Salmo Responsorial:** *Sl* 71 (72), 2. 7-8. 10-11. 12-13

**2.ª Leitura:** *Ef* 3, 2-3a. 5-6

**Aclamação ao Evangelho:** *Mt* 2,2

**Evangelho:** *Mt* 2,1-12

**Anúncio solene da Páscoa 2025 |** Senhora da Hora

Irmãos caríssimos,   
a glória do Senhor manifestou-se   
e sempre se manifestará no meio de nós   
até ao seu retorno.   
Na sucessão dos tempos e das festas   
recordamos e vivemos os mistérios da salvação.

O centro de todo o Ano litúrgico   
é o Tríduo do Senhor   
crucificado, sepultado e ressuscitado,   
que culminará no domingo de Páscoa, dia 20 de abril.

Em cada domingo, Páscoa da semana,   
a santa Igreja torna presente este grande acontecimento,   
no qual Cristo venceu o pecado e a morte.

Da Páscoa procedem todos os dias santos:   
as Cinzas, início da Quaresma, dia 5 de março,   
a Ascensão do Senhor, dia 1 de junho.   
o Pentecostes, dia 8 de junho,   
e o primeiro domingo do Advento, dia 30 de novembro.

Também nas festas da santa Mãe de Deus,

**de Nossa Senhora da Hora, a 29 de maio,**  
dos apóstolos, dos santos,  
e na comemoração de todos os fiéis defuntos,   
a Igreja peregrina sobre a terra   
proclama a Páscoa do seu Senhor.

A Cristo que era, que é e que vem,   
Senhor do tempo e da história,   
louvor e glória pelos séculos dos séculos.   
R. Ámen.

**Anúncio solene da Páscoa 2025 |** Guifões

Irmãos caríssimos,

a glória do Senhor manifestou-se

e sempre se manifestará no meio de nós

até ao seu retorno.

Na sucessão dos tempos e das festas

recordamos e vivemos os mistérios da salvação.

O centro de todo o Ano litúrgico

é o Tríduo do Senhor

crucificado, sepultado e ressuscitado,

que culminará no domingo de Páscoa, dia 20 de abril.

Em cada domingo, Páscoa da semana,

a santa Igreja torna presente este grande acontecimento,

no qual Cristo venceu o pecado e a morte.

Da Páscoa procedem todos os dias santos:

as Cinzas, início da Quaresma, dia 5 de março,

a Ascensão do Senhor, dia 1 de junho

o Pentecostes, dia 8 de junho

e o primeiro domingo do Advento, dia 30 de novembro.

Também nas festas da santa Mãe de Deus,

dos apóstolos, dos santos,

**de São Martinho a 6 de julho e 11 de novembro,**

e na comemoração de todos os fiéis defuntos,

a Igreja peregrina sobre a terra

proclama a Páscoa do seu Senhor.

A Cristo que era, que é e que vem,

Senhor do tempo e da história,

louvor e glória pelos séculos dos séculos.

R. Ámen.

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 2025** – forma mais longa

1. Abre-se hoje, em Roma, mais uma, e por última, a Porta Santa do Jubileu de 2025. É a Porta Santa da Basílica de São Paulo *fora dos muros*. A expressão *fora dos muros* define praticamente o programa de todas as Portas, que se abrem a todos e que, por isso, nos desafiam a derrubar os muros do medo, do isolamento, do preconceito, do elitismo e do protecionismo, na sociedade, na Igreja, no mundo. A Igreja, também ela, é chamada a altear os seus pórticos (Sl 24,9-19), a abrir de par em par a Porta formosa da esperança (At 3,2), para que nem seja preciso bater à porta, sendo que é Cristo a bater à nossa porta para lhe abrirmos o coração em adoração (Ap 3,20). Esta abertura da Porta Santa, tem lugar, precisamente, neste dia da Epifania, em que chegam a Belém, vindos de longe, uns Magos, guiados por uma discreta Estrela, que os deslumbra e atrai. No Presépio, não há muros, nem portões de alta segurança. É de entrada livre.

2. Não teremos, por certo, melhor ícone dos *peregrinos de esperança* – lema deste Jubileu – do que os estes Magos, que vêm do Oriente, guiados pela Estrela, em busca do Salvador. Há, certamente outras e belíssimas leituras, interpretações e aplicações desta cena bíblica, tão comovente e inspiradora. Mas, no contexto da caminhada, que vimos percorrendo, guiados pela Estrela, deixemos que estes Magos representem, hoje e para nós, a esperança das nações, neste mundo global, que nos tornou vizinhos, mas não nos fez irmãos (CV 19; FT 12). Assim, a figura dos quatro peregrinos, sinalizados no logótipo do jubileu, que representam a humanidade dos quatro cantos da terra, bem pode ser associada à imagem dos Magos em peregrinação, a que se junta o “eu peregrino”, que é cada um de nós. Cada um é, por assim dizer, com os tradicionais três Magos, o “quarto Mago”, desta belíssima viagem espiritual, que não é turismo sem meta interior, mas saída de si mesmo ao encontro do Salvador. Podemos associar este movimento de peregrinação dos Magos ao de tantos e tantos migrantes, exilados, deslocados e refugiados, que fogem à guerra e à morte e procuram um Presépio, uma terra, um teto e um trabalho, para viverem em Paz.

3. Por isso, hoje – mesmo que não estejam presentes fisicamente nesta celebração (certamente estarão alguns!) – gostaria de dizer uma palavra aos migrantes, a este novos Magos, vindos dos quatro cantos do mundo. Peço a todos os que me escutam (ou leem) que lhes façam chegar esta mensagem, ali onde eles estiverem, nos cafés e restaurantes, nos trabalhos mais humildes, nas escolas e em estudos superiores, onde quer que estejam:

Queridos migrantes, vindos dos quatro cantos da terra, como os peregrinos sinalizados no logótipo do jubileu: a nossa comunidade abre-vos a *Porta formosa da Esperança*. Sede bem-vindos. Esta é a Casa de Deus, sem muros, nem fronteiras, em que não há estrangeiros, pois somos todos peregrinos da mesma Pátria, concidadãos do Reino dos Céus (Ef 2,19). Queridos migrantes: vinde e participai com alegria nas nossas celebrações; vinde e integrai-vos, sem medo nem complexos de inferioridade; vinde e participai, com o vosso entusiasmo, nos diversos grupos pastorais; vinde e partilhai connosco a vossa história de vida, o vosso modo tão próprio de celebrar com alegria a fé e de construir com criatividade a comunidade cristã. Sede muito bem-vindos!

3.1. Queridos migrantes, vindos dos quatro cantos da terra, como os peregrinos sinalizados no logótipo do jubileu: **vós sois ouro e riqueza**, para o nosso país, para a nossa sociedade, para esta comunidade paroquial, com os vossos filhos a dissipar o nosso inverno demográfico, com os vossos sonhos, com os vossos trabalhos e sofrimentos e com a bagagem de tantas esperanças, que vos trouxeram até aqui. Quanta coragem, quanta resiliência, para aqui chegar. Sois ouro e riqueza, para nós; não sois ameaça, nem problema. Sede muito bem-vindos!

3.2. Queridos migrantes: **vós trazeis-nos de longe o incenso do nosso louvor**, cheio de alegria e de entusiasmo, que quebra a rigidez fria das nossas celebrações e reanima a nossa fé cansada; que o vosso estilo cordial de rezar, de celebrar e de viver a fé nos reanime, nos renove, nos reinvente a todos. Não queremos usar o incenso tóxico dos tiros, dos preconceitos e isolamentos. Queremos elevar a Deus o incenso do louvor e da gratidão, por cada um de vós. Sede muito bem-vindos.

3.3. Queridos migrantes, vindos dos quatro cantos da terra, como os peregrinos sinalizados no logótipo do jubileu: **vós sois a mirra**, que nos traz os aromas do mundo. **A mirra** era usada para perfumar e embalsamar os corpos falecidos. Esta mirra traz-nos, também, o cheiro horrendo de tantas vidas ceifadas, pela miséria moral e social, pela perseguição, pela violência e pela guerra, ou simplesmente pelas tentativas goradas de saltar o muro e atravessar o Mediterrâneo, na esperança de uma Pátria melhor. Que esta mirra exale a sua fragrância. Como o perfume revela a presença da flor, a alegria de viver revele a força da vossa esperança! Sede muito bem-vindos.

4. Irmãos e irmãs: na presença de Jesus, já não há qualquer divisão de raça, língua e cultura: naquele Menino, toda a Humanidade encontra a sua unidade. Sugiro que cada um de nós, esta semana, tenha uma palavra de boas-vindas, um especial gesto de acolhimento, de simpatia, de agradecimento, de ajuda, a um migrante, a uma família de migrantes, de modo que se sintam, entre nós, como os Magos no Presépio.

5. Que esta nossa comunidade cristã abra generosamente, de par em par, as portas do acolhimento, para que nunca falte a ninguém a esperança de uma vida melhor (SNC 13). Continuemos juntos, por um novo caminho, cantando este refrão:

*Senhor, Tu és a Estrela que guia o meu coração. Tu és a estrela que iluminou meu chão. És o sinal de que só é grande, quem se faz pequenino. Tu és a Estrela e eu sou o peregrino!*

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 2025** – forma mais breve

1. Abre-se hoje, em Roma, mais uma, e por última, a Porta Santa do Jubileu de 2025. É a Porta Santa da Basílica de São Paulo *fora dos muros*. A expressão *fora dos muros* define praticamente o programa de todas as Portas, que se abrem a todos e que, por isso, nos desafiam a derrubar os muros do medo, do isolamento, do preconceito, do elitismo e do protecionismo, na sociedade, na Igreja, no mundo. A Igreja, também ela, é chamada a altear os seus pórticos (Sl 24,9-19), a abrir de par em par a Porta formosa da esperança (At 3,2), para que nem seja preciso bater à porta, sendo que é Cristo a bater à nossa porta para lhe abrirmos o coração em adoração (Ap 3,20). Esta abertura da Porta Santa, tem lugar, precisamente, neste dia da Epifania, em que chegam a Belém, vindos de longe, uns Magos, guiados por uma discreta Estrela, que os deslumbra e atrai. No Presépio, não há muros, nem portões de alta segurança. É de entrada livre.

2. Não teremos, por certo, melhor ícone dos *peregrinos de esperança* – lema deste Jubileu – do que os estes Magos, que vêm do Oriente, guiados pela Estrela, em busca do Salvador. Há, certamente outras e belíssimas leituras, interpretações e aplicações desta cena bíblica, tão comovente e inspiradora. Mas, no contexto da caminhada, que vimos percorrendo, guiados pela Estrela, deixemos que estes Magos representem, hoje e para nós, a esperança das nações, neste mundo global, que nos tornou vizinhos, mas não nos fez irmãos (CV 19; FT 12). Assim, a figura dos quatro peregrinos, sinalizados no logótipo do jubileu, que representam a humanidade dos quatro cantos da terra, bem pode ser associada à imagem dos Magos em peregrinação, a que se junta o “eu peregrino”, que é cada um de nós. Cada um é, por assim dizer, com os tradicionais três Magos, o “quarto Mago”, desta belíssima viagem espiritual, que não é turismo sem meta interior, mas saída de si mesmo ao encontro do Salvador. Podemos associar este movimento de peregrinação dos Magos ao de tantos e tantos migrantes, exilados, deslocados e refugiados, que fogem à guerra e à morte e procuram um Presépio, uma terra, um teto e um trabalho, para viverem em Paz.

3. Por isso, hoje – mesmo que não estejam presentes fisicamente nesta celebração (certamente estarão alguns!) – gostaria de dizer uma palavra aos migrantes, a este novos Magos, vindos dos quatro cantos do mundo. Peço a todos os que me escutam (ou leem) que lhes façam chegar esta mensagem, ali onde eles estiverem, nos cafés e restaurantes, nos trabalhos mais humildes, nas escolas e em estudos superiores, onde quer que estejam: “Queridos migrantes, vindos dos quatro cantos da terra, como os peregrinos sinalizados no logótipo do jubileu: a nossa comunidade abre-vos a *Porta formosa da Esperança*. Sede bem-vindos. Esta é a Casa de Deus, sem muros, nem fronteiras, em que não há estrangeiros, pois somos todos peregrinos da mesma Pátria, concidadãos do Reino dos Céus (Ef 2,19). Queridos migrantes: vinde e participai com alegria nas nossas celebrações; vinde e integrai-vos, sem medo nem complexos de inferioridade; vinde e participai, com o vosso entusiasmo nos diversos grupos pastorais; vinde e partilhai connosco a vossa história de vida, o vosso modo tão próprio de celebrar com alegria a fé e de construir com criatividade a comunidade cristã. Sede muito bem-vindos! Sois ouro e riqueza, para nós; não sois ameaça, nem problema. Sois incenso de louvor e da gratidão, pelo dom de cada um de vós. Sois mirra que exala a sua fragrância, para perfumar de esperança o nosso mundo! Sede muito bem-vindos”.

4. Irmãos e irmãs: na presença de Jesus, já não há qualquer divisão de raça, língua e cultura: naquele Menino, toda a Humanidade encontra a sua unidade. Sugiro que cada um de nós, esta semana, tenha uma palavra de boas-vindas, um especial gesto de acolhimento, de simpatia, de agradecimento, de ajuda, a um migrante, a uma família de migrantes, de modo que se sintam, entre nós, como os Magos no Presépio.

5. Que esta nossa comunidade cristã abra generosamente, de par em par, as portas do acolhimento, para que nunca falte a ninguém a esperança de uma vida melhor (SNC 13). Continuemos juntos, por um novo caminho, cantando este refrão: «*Senhor, Tu és a Estrela que guia o meu coração. Tu és a estrela que iluminou meu chão. És o sinal de que só é grande, quem se faz pequenino. Tu és a Estrela e eu sou o peregrino»!*

Alternativa à Homilia – um conto de Dom António Couto, Bispo de Lamego

**A ESTRELA DA ESPERANÇA**

1. Era uma vez milhões e milhões de estrelas, espalhadas pelo céu. Havia estrelas de todas as cores: brancas, amarelas, prateadas, cor-de-rosa, vermelhas, azuis… Um dia foram à procura de Deus, Senhor de todo o universo, e disseram-lhe: «Senhor, gostaríamos de viver na terra, no meio dos homens». «Seja como quereis», respondeu Deus. «Podeis descer à terra. Conservar-vos-ei pequeninas, como sois vistas pelos homens».

2. Conta-se que, naquela noite, houve uma deslumbrante chuva de estrelas. Acoitaram-se umas nas montanhas, enquanto outras se instalaram no meio dos brinquedos das crianças. Certo é que a terra ficou maravilhosamente iluminada.

3. Algum tempo depois, porém, as estrelas resolveram abandonar a terra, e voltaram para o céu. A terra ficou outra vez escura e triste. «Por que voltastes?», perguntou Deus. Então as estrelas responderam: «Senhor, não aguentámos permanecer no meio de tanta miséria, violência, guerra, fome, doença, morte». Ao que Deus terá retorquido: «Tendes razão, estais melhor aqui no céu, em que tudo é sossego e perfeição, ao contrário da terra em que tudo é transitório e mortal».

4. Depois de todas as estrelas se terem apresentado e de ter conferido o seu número, Deus anotou: «Mas falta aqui uma estrela; ter-se-á perdido no caminho?» Ao que um anjo, que estava por perto, respondeu: «Houve uma estrela que resolveu ficar na terra, porque pensa que o seu lugar é exatamente no meio da imperfeição, onde as coisas não correm bem». «Mas que estrela é essa?», perguntou novamente Deus. E o anjo respondeu: «por coincidência, Senhor, era a única estrela daquela cor». «Qual é a cor dessa estrela?», insistiu Deus. O anjo respondeu: «Essa estrela é verde, da cor da esperança».

5. Olharam então para a terra, mas a estrela verde, da esperança, já não estava só. A terra estava outra vez iluminada, com luzes em todas as janelas, porque ardia uma estrela no coração de cada ser humano. A esperança, diz a tradição hebraica, é o único sentimento que o ser humano possui, e Deus não, porque, conhecendo o futuro, Deus já não espera. A esperança é própria do ser humano, que é imperfeito, que erra e que não sabe como será o dia de amanhã.

Rezo para que brilhe cada vez mais a estrela da esperança que arde em ti e na tua casa. E a nossa terra pode ser mais céu.

…

Continuemos juntos, por um novo caminho, cantando este refrão: «Senhor, Tu és a Estrela que guia o meu coração. Tu és a estrela que iluminou meu chão. És o sinal de que só é grande, quem se faz pequenino. Tu és a Estrela e eu sou o peregrino»!

**Credo**

**Oração dos fiéis**

P. Deus, Pai omnipotente, somos a Vossa Igreja peregrina, a caminho do Reino dos Céus, guiada pela verdadeira Estrela, que é Cristo. Pondo n’Ele a nossa esperança, apresentamos as preces, os sonhos, os desafios e dificuldades de todos os que caminham connosco, como peregrinos da esperança, neste Ano Jubilar. Pela mediação de Cristo, Vosso Filho, nós Vos invocamos dizendo:

R. **Jesus, Estrela do Peregrino, iluminai de esperança o nosso caminho!**

1. Pela Santa Igreja, em Ano Jubilar: para que seja, para fora e por dentro, uma Porta alta, aberta e formosa, para todos quantos procuram a luz irradiante da fé, a chama viva da esperança e o fogo ardente da caridade. Invoquemos. R.

2. Pelos que governam: para que abram as portas do acolhimento e da responsabilidade social a tantos migrantes, exilados, deslocados e refugiados, garantindo-lhes a segurança, a saúde, o acesso ao trabalho e à educação e outros instrumentos necessários à integração social (SNC 13). Invoquemos. R.

3. Por todos os crentes e buscadores de Deus, verdadeiros peregrinos de esperança: para que encontrem em nós sinais de esperança e se deixem fascinar pelo brilho discreto da Estrela, que é Cristo. R.

4. Pelos fiéis das Igrejas Orientais e pelos nossos irmãos ortodoxos: para que sejam bem-vindos às peregrinações jubilares a Roma e se sintam amados pela Igreja, que os deseja acompanhar no caminho da fé (SNC 5). Invoquemos. R.

5. Por todos nós: para que sejamos capazes de abrir, de par em par, as portas da nossa Paróquia aos migrantes dos quatro cantos da terra, para que nunca lhes falte a esperança de uma vida melhor (SNC 13). Invoquemos. R.

P. Senhor, nosso Deus e nosso Pai, a graça deste Ano Jubilar reavive em todos nós, Peregrinos de Esperança, a confiança e a esperança e o desejo dos bens celestes, para que o mundo inteiro seja agraciados pela alegria e pela paz do nosso Redentor, Jesus Cristo, Vosso Filho. Ele que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons**

*Pode fazer-se uma apresentação solene dos dons simbólicos do ouro, incenso e mirra, com as ofertas em dinheiro e o Pão e Vinho para a celebração. A apresentação pode ser acompanhada de um breve texto:*

**Cântico de ofertório:** *enquanto se recolhem as ofertas e se organiza e decorre a procissão das oferendas; quando os ofertantes chegarem ao altar, interromper o cântico.**Dois monitores (ou um) acompanharão(á) os gestos com este texto:*

Monitor 1: Os quatro peregrinos, que representam a humanidade dos quatro cantos da terra, fazem parte do logótipo do jubileu. Eles podem ser a representação dos (tradicionais três Magos), a que se junta o “eu peregrino”, de cada um de nós, como o “quarto mago” desta viagem espiritual. Por isso, hoje, 4 peregrinos apresentam ao altar o ouro (e com ele as ofertas dos fiéis), o incenso e a mirra: o quarto mago traz ao altar o cálice e a patena, com o pão e o vinho para a celebração.

1. no caso de haver bandeiras nas mãos dos Magos

Os Magos trazem com eles as bandeiras dos muitos países, cujos cidadãos vivem entre nós. [Pode fazer-se referência aos nomes dos países]

ou

1. no caso de os Magos estarem revestidos com as bandeiras:
2. Os Magos estão revestidos das bandeiras dos muitos países, cujos cidadãos vivem entre nós. [Pode fazer-se referência aos nomes dos países]

Em Guifões: Nas escolas da área geográfica de Guifões, temos 55 alunos provenientes de Angola, Argentina, Brasil, Cabo Verde, Colômbia, Letónia, Rússia, Uruguai, Venezuela, Vietnam.

Na Senhor da Hora: Na nossa catequese, temos catequizandos provenientes de Espanha, França, Itália, Inglaterra, Brasil, Colômbia, Venezuela, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe (confirmar outros).

Monitor 2: Senhor, contigo aprendemos a fazer da nossa vida uma doação. Hoje é o dia de Te oferecemos os nossos presentes:

[Mago com ouro e as ofertas dos fiéis – recolher as ofertas num único saco ou numa única cesta]: Nós Te oferecemos, Estrela do Peregrino, o ouro da nossa liberdade e, como expressão dessa liberdade, a partilha dos nossos bens. Tu és o nosso único Rei, a riqueza da nossa Vida!

[Mago com incenso]: Nós Te oferecemos, Estrela do Peregrino, o incenso da nossa oração fervorosa, que se eleva para Ti em louvor e adoração. Tu és o Único Deus vivo e verdadeiro!

[Mago com mirra]: Nós Te oferecemos, Estrela do Peregrino, a mirra do nosso afeto mais profundo. Tu és verdadeiramente Homem, o Verbo que se fez Carne na fragilidade da nossa condição humana.

Mago com o cálice e a patena:

Monitor 1: Apresentamos-Te, Senhor, o Pão e o Vinho, alimento para o nosso caminho de peregrinos de esperança.

**Cântico de ofertório**: retoma-se e canta-se *enquanto se prepara o altar e se faz a incensação*

**Oração sobre as oblatas –** cf. Missal Romano, 3.ª edição, p.170 (Missa da Vigília) ou p. 172 (Missa do Dia) **| Prefácio da Epifania** – cf. Missal Romano, 3.ª edição, p. 524 **| Aclamação cantada: *Mistério admirável da nossa fé!* | Oração Eucarística II com Doxologia final** (cantada) R. Ámen. **| Ritos da Comunhão**

**Ritos de Despedida**

**Agenda pastoral | Guifões**

1. Este Domingo, dia 5, às 16h00, no Salão Paroquial, Sarau Cultural promovido pelo Grupo de jovens.
2. Curso Bíblico, segunda-feira, 6 de janeiro, 21h30, via zoom. Tema: Situação política e social da Palestina no tempo de Cristo.
3. Quinta-feira, 9 de janeiro, 11h00, visita mensal aos idosos do Centro Cultural de Solidariedade Social de Guifões.
4. Sexta, 10, 21h30, na Sra da Hora, reunião para os Batismos do mês de janeiro.
5. Sábado, 11, às 21h30, na Igreja da Senhora das Hora, Concerto de Reis, promovido e organizado pelo *Vidi Aquam, Coral de Nossa Senhora da Hora*, com participação interparoquial (Senhora da Hora e Guifões) de um grupo de jovens e crianças e de outros grupos corais convidados.
6. Domingo, dia 12, às 15h30, na Casa Diocesana de Vilar, encontro de leitores, em preparação do seu Jubileu.
7. Domingo, dia 12, às 16h00, início vicarial do Ano Jubilar, na Igreja Jubilar do Bom Jesus de Matosinhos. Há um período para confissões entre 15h00 e as 16h00.

**Agenda pastoral | Senhora da Hora**

1. Curso Bíblico, segunda-feira, 6 de janeiro, 21h30, via zoom. Tema: Situação política e social da Palestina no tempo de Cristo. Orienta Pe. Ricardo, Vice-reitor do Seminário do Bom Pastor.
2. Terça-feira, dia 7 de janeiro, às 21h30, na Paróquia da Senhora da Hora: Encontro da Pastoral Familiar Interparoquial e Vicarial. Reflexão sobre o Tema do EPM: Novas situações. Novas exigências.
3. Sexta, 10, 21h30, na Sra da Hora, reunião para os Batismos do mês de janeiro.
4. Sábado 11, Rito da Admissão aos catecúmenos do 3.º ano, GIC e do Percurso Catecumenal.
5. Sábado, 11, às 21h30, na Igreja da Senhora das Hora, Concerto de Reis, promovido e organizado pelo *Vidi Aquam, Coral de Nossa Senhora da Hora*, com participação interparoquial (Senhora da Hora e Guifões) de um grupo de jovens e crianças e de outros grupos corais convidados.

**Bênção solene** (cf. Missal)

**Despedida**

P. (Diácono): Como os Magos, peregrinos de esperança, ide em Paz de que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

**Oração para a bênção da mesa**

**Epifania do Senhor | 05.01.2025**

Senhor Jesus,

Deus Menino,

Estrela do Peregrino:

está aberta de par em par

a porta da nossa Casa

aos vizinhos e aos de longe,

que nos dás para acolhermos

como amigos e irmãos.

Abençoa esta mesa,

para que os dons partilhados,

fortaleçam os nossos passos

de peregrinos de esperança.

Ámen.

**Oração – Jubileu 2025**

Pai que estás nos céus,

a fé que nos deste no Teu Filho Jesus Cristo, nosso irmão,

e a chama de caridade,

derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo

despertem em nós a bem-aventurada esperança,

para a vinda do Teu Reino.

A tua graça nos transforme em cultivadores diligentes

das sementes do Evangelho

que fermentem a humanidade e o cosmos,

na espera confiante dos novos céus e da nova terra,

quando, vencidas as potências do Mal,

se manifestar para sempre a tua glória.

A graça do Jubileu

reavive em nós, Peregrinos de Esperança,

o desejo dos bens celestes

e derrame sobre o mundo inteiro

a alegria e a paz

do nosso Redentor.

A Ti, Deus bendito na eternidade,

louvor e glória, pelos séculos dos séculos.

Amém.

**HOMILIAS**

**E OUTROS TEXTOS**

**EPIFANIA**

**1992-2024**

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 2024**

«***Vamos com alegria! Vamos todos a Belém***». Podemos recapitular o caminho percorrido, desde o Advento até hoje, a partir desta viagem dos Magos. Ela desperta-nos para uma outra alegria do Natal: a alegria sinodal, a alegria de caminharmos juntos!

**1. “*Vamos*”.** Vede que este é um convite feito no plural, um imperativo conjunto, a levantarmo-nos, a partirmos, a caminharmos, a sairmos, para alcançarmos juntos e juntos resplandecermos a alegria do encontro com o Senhor. Foi esta a primeira palavra de ordem dos Magos, para a peregrinação: «*Vamos*». A tal ponto que este «*vamos*» se concretiza naquele «*vimos*» e «*viemos*»: “*vimos a sua Estrela no Oriente e viemos adorá-l’O*” (Mt 2, 2). Os Magos levantam-se, põem-se a caminho, mas não são corredores isolados, em competição. Não. Eles falam sempre na primeira pessoa do plural: «*vimos*» e «*viemos*». Tudo o que fazem, fazem-no juntos: juntos, puseram-se a caminho; juntos sentiram grande alegria, juntos entraram na Casa, juntos prostraram-se e adoraram, juntos ofereceram presentes e juntos regressaram por outro caminho, Vede: Ninguém chega a Jesus sozinho e sem se pôr a caminho. Façamo-lo então juntos, em casal, em família, em grupo, em comunidade. Sonhemos juntos. Caminhemos juntos.

2. “***Com alegria*”.** Os Magos, indagadores inquietos, sentiram-se atraídos por uma *grande alegria* e encontraram-na, no final da sua peregrinação, sem se escandalizar, na pequenez daquele Menino, na pobreza do Presépio. Não deixemos que o cansaço, as quedas e os fracassos do caminho nos precipitem no desânimo; antes, pelo contrário, reconhecendo-os com humildade, devemos fazer deles ocasião de progredir na proximidade com o Senhor Jesus. Olhando para o Senhor, encontraremos a força para continuar o caminho juntos, com *renovada alegria*. Deus dá a liberdade e distribui a alegria, sempre e só, em caminho, juntos. Seja a alegria deste encontro a estrela que nos guia.

**3. “*Vamos todos a Belém*”.** Os Magos perceberam que não era Jerusalém a meta da sua viagem. Era Belém, uma pequena cidade da periferia, uma cidade onde *todos* têm lugar: os pastores e os magos, as pessoas rudes e as pessoas eruditas, os pobres ricos e os ricos pobres. Mas, para descobrirem esta cidade de Belém, os Magos precisaram de se deixar guiar por uma Estrela, o mesmo é dizer, de se deixar tocar pela linguagem silenciosa do Universo, de se deixar interpelar pelos sinais, de se deixar iluminar pela Palavra das Escrituras, de se deixar atrair pela Luz de Deus, de se deixar mover pelo desassossego do coração, que, no mais fundo de si mesmo, deseja ver a face de Deus. Aprendamos, pois, com os Magos a desassossegar, a sonhar alto, a caminhar para novas e mais altas metas, a caminhar mais longe e por caminhos novos, com a humildade de quem se deixa interpelar e guiar!

4. E retomamos, por fim, a segunda parte do lema do nosso ano pastoral: “***Juntos por um caminho novo***”. Os Magos regressam «*por outro caminho*» (Mt 2, 12). Não se pode encontrar Cristo e deixar ficar tudo como dantes, seguindo o cómodo critério do “*fez-se sempre assim*” (EG 33). O Espírito Santo nos guie por caminhos novos, para levarmos o Evangelho ao coração de *todos, todos, todos*. Comecemos pela nossa casa, por quem é indiferente ou vive alheado, por quem perdeu a esperança, mas anda à procura da «*grande alegria*» (Mt 2, 10), que só o encontro com Cristo oferece.

**5.** Irmãos e irmãs: *Vamos com alegria. Vamos todos a Belém.* Vamos mais longe, mais além. Vamos juntos, como Povo. *Vamos com alegria. Juntos por um Caminho novo.*

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 2023**

1. Chegámos hoje à plenitude do tempo de Natal, que preparámos e celebramos, movidos pelo desejo de um abraço ao verdadeiro presente de Natal, que é Cristo vivo. No fundo, o nosso caminho foi semelhante ao dos Magos, quanto ao seu desejo: “*Viemos adorá-l’O*” (Mt 2,2). E adorá-l’O não significa apenas submeter-se e reconhecer Deus, como verdadeira medida do bem e da verdade, pela qual orientar a nossa vida. A palavra «*adoração*», na sua raiz latina, «*ad-oratio*», quer dizer muito mais: é contacto boca a boca, é beijo, é abraço e, por conseguinte, é fundamentalmente, Amor. Dito de maneira simples, “*viemos adorá-l’O*” significa, literalmente, “*viemos para O beijar, para O abraçar, para Lhe dizer, de viva-voz, no final desta etapa do nosso caminho de busca e de encontro com o Senhor: «Senhor, eu adoro-Te» ou «Senhor, eu amo-te*»”. A adoração dos Magos não é mais do que o beijo e o abraço ao presente que é Cristo vivo.

2. Nesta perspetiva, o longo caminho de busca de Deus, de indagação da verdade, de atração pela bondade e pela beleza do rosto de Deus, percorrido pelos Magos, tem o seu ponto culminante, neste encontro pessoal com Cristo e traduz-se num gesto humilde de adoração e doação: “*prostrando-se, adoraram-n’O; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra*” (Mt 2,11). Eis, mais uma vez, a admirável permuta de dons, entre Deus e nós: Deus faz-Se presente no Menino e os Magos oferecem os presentes, abraçando e deixando-se abraçar pelo Presente que é Cristo vivo. A adoração, o beijo e o abraço, o amor a Cristo, são os verdadeiros presentes. Os presentes que os Magos oferecem ao Messias simbolizam a transformação de uma vida, a partir do encontro com Cristo. Cristo transforma a vida dos Magos em vida dada, doada, oferecida.

3. Irmãos e irmãs: estes últimos dias foram marcados pela ascensão de uma Estrela mundial, que, por muito tempo, guiou pensadores, iluminou filósofos, inspirou teólogos e orientou tantos fiéis e inúmeras pessoas de boa vontade, na Sua busca da verdade, na procura do rosto Deus, no desejo de encontro pessoal com Cristo. A Estrela de que falamos é obviamente o Papa emérito Bento XVI. Sem exagero, poderemos dizer que se trata de um verdadeiro *Mago* dos tempos modernos, isto é, um sábio desinstalado, um humilde indagador dos sinais de Deus, um peregrino, um buscador inquieto do rosto de Cristo, um crente “*arrebatado pelo amor do que é invisível*” (Prefácio I do Natal). Naquilo que pensou e escreveu e no modo como viveu, como teólogo «*colaborador da verdade*» e como Pastor e *humilde trabalhador da vinha do Senhor*, Bento XVI não é apenas um *Mago* do nosso tempo. Poderíamos dizer que é também, como Papa, um *Magno*, isto é, um grande Mestre e testemunha da fé. Os seus olhos não estavam voltados para a terra, mas eram janelas abertas para o céu. E por isso, como os Magos, soube estar atento aos sinais e guiar a Igreja na direção justa, até discernir e decidir livremente dar lugar a outro, seguindo por outro caminho, de serviço orante, discreto e igualmente fecundo à Igreja. E vede como terminou Bento XVI a sua peregrinação na Terra, o seu caminho ao encontro face a face com o Senhor?! Terminou naquela frase, a última que ele, prostrado, pronunciou como um sussurro, como um suspiro, como o seu último gesto de adoração: “*Senhor, eu amo-Te*”. É o beijo, o abraço, a declaração de amor, que resume todo o seu caminho de fé.

4. Quem dera, que o nosso caminho de fé nunca se instalasse na comodidade do que ouvimos dizer; nunca se contentasse com o reconhecimento de um Deus, princípio criador de todas as coisas, que governa o mundo, fixa e move as estrelas (cf. DCE 9). Quem dera que o nosso caminho de fé chegasse à relação pessoal com um Deus, que nos ama com a paixão de um verdadeiro amor (cf. DCE 10). Quem dera que a nossa fé brotasse do “*encontro pessoal com Cristo, que dá à nossa vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*” (DCE 1). Quem dera, que pudéssemos traduzir a nossa fé numa declaração de amor, com a de Bento XVI: “*Jesus, eu amo-te*”. Que melhor presente poderíamos dar ao Senhor senão abraçá-l’O como o maior presente da nossa vida?! *Abraça o presente de Natal. É Cristo vivo.*

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 2022**

1. ***Pés ao caminho. Juntos pelo Natal.*** Este é o propósito dos Magos, ao partir do Oriente, caminhando juntos, em busca do Rei dos judeus. O brilho da Estrela, que movia os seus pés, refletia-se nos seus sapatos, apesar das poeiras do caminho. De vez em quando, um Mago dizia ao outro: *Dá brilho aos teus sapatos, para entrares dignamente no Palácio de Belém*! E outro Mago, de olhos bem fixos na Estrela, que a todos guiava, pediria simplesmente: *Senhor Jesus, Deus Menino, brilhe a Tua luz nos passos do nosso caminho.* Neste sentido, os Magos, peregrinos, ensinam-nos a *caminharmos juntos*, na busca do Senhor e a segui-l’O por um caminho novo!

2. Levantar-se e pôr *pés a caminho* não é fácil. Vejamos Herodes, fechado no seu palácio e, com ele, *toda a Jerusalém* (*Mt* 2,3): estão cheios de medo das coisas novas e das surpresas de Deus. Preferem que tudo permaneça como antes; seguem o cómodo critério do *foi* ou do «*fez-se sempre assim*». Imobilizados pelo medo da mudança e da novidade fecham-se no seu mundo. Mais subtil é a tentação dos sacerdotes e escribas: conhecem o lugar exato onde havia de nascer o Messias e indicam-no a Herodes, mas não dão um passo, não mexem uma palha. Esta é a tentação de quem é crente há muito tempo: falar sobre as coisas da fé como de algo já conhecido, mas sem se comprometer *pessoalmente* com o Senhor. Falar, mas não rezar; lastimar-se, mas não fazer nada por mudar. Pelo contrário, os Magos falam pouco e caminham muito. Os Magos põem-se juntos a caminho, num movimento intenso de procura da Luz. E, neste caminho de procura, sabem escutar com humildade a voz silenciosa de Deus na criação e na Palavra das Escrituras; sabem fazer orelhas moucas à voz enganadora de Herodes e distinguir entre a voz ambígua dos sacerdotes e a voz íntima de Deus; sabem deixar-se guiar e iluminar, para encontrarem juntos a Luz do mundo. E, tendo encontrado em Jesus tal Luz, sabem acolhê-la e resplandecê-la. Sabem que é preciso regressar por um caminho novo.

3. Irmão, irmã: neste novo ano de 2022, prossegue o processo sinodal nas nossas comunidades. Aprendamos dos Magos a caminharmos juntos, a procurarmos juntos o caminho a seguir, a perguntarmos e a escutarmos, para discernirmos juntos o que o Espírito Santo diz à nossa Igreja. Deixemos que os Magos, neste seu caminhar juntos, nesta procura do bem, do belo, do verdadeiro, de Deus, nos sirvam de modelo para o diálogo com outros crentes, com outras culturas, com os não crentes e com todas as pessoas de boa vontade. Não deixemos que a pandemia nos imobilize e deixe ficar tudo na mesma, no princípio ou a meio deste caminho. Sempre que o desânimo, o cansaço e as divisões, no caminho sinodal, nos tentarem a desistir, *dêmos brilho aos nossos sapatos*, com esta divisa pastoral tão nossa e tão atual: ***Levanta-te. Juntos por um caminho novo.***

4. Na linguagem do profeta Isaías, este imperativo *levanta-te* está colado a outro: *resplandece*. Dizia assim: *Levanta-te e resplandece* (*Is* 60,1)*.* Diríamos na linguagem da nossa caminhada: *Pés ao caminho. Dá brilho aos teus sapatos,* para que estes sejam bons refletores dos passos a seguir, para quem deseja, com a tua ajuda, encontrar a Luz de Cristo, sobretudo quando o seu caminho se faz pela noite escura. *Dá brilho aos teus sapatos*, quer dizer, *acende uma luz nos passos do teu caminho*, mas não caias na tentação de quereres *brilhar* com luz própria. Tal como a Lua reflete a luz que recebe do Sol, também tu deves fazer brilhar a luz que recebes de Cristo. Se a Luz amável de Cristo resplandece no amor humilde, também tu, com a pequenina luz acesa dentro de ti, desde o teu Batismo, podes e deves servir de estrela a quem deseja encontrar a estrada que conduz a Cristo. Deste modo, seguindo a tua *pequenina luz* procura e encontra a grande Luz, que é Jesus.

Por isso e para isso, querido irmão, querida irmã: *dá brilho aos teus sapatos*. *E pés ao caminho. Juntos pelo Natal*, que hoje celebramos verdadeiramente à escala universal.

**Homilia na Solenidade da Epifania 2021**

**1.** Nos alvores de 2021, os Magos, guiados pela Estrela da Ciência, trazem o ***ouro*** do labor científico dos investigadores, o ***incenso***de louvor aos profissionais de saúde e a ***mirra*** da eficácia *quase imortal* das vacinas contra a COVID-19. O primeiro Mago, de origem alemã, com boas relações norte-americanas, oferece a vacina da *Pfize*r. Maria faz sinal para a oferecer a José, que já tem uma certa idade e deve tomá-la quanto antes. Um outro Mago, de porte norte-americano, traz a vacina da *Moderna*. Maria, que é ainda uma menina na arte de ser Mãe, agradece muito e espera não ter complicações depois do parto. E o terceiro Mago, um britânico, aliado da Universidade de Oxford, traz a vacina da *AstraZeneca*. José sugere que não seria má ideia aplicá-la aos pastores, sem-abrigo, um grupo de risco a merecer-lhe um especial cuidado. E a caminho, lá do leste da Europa, vem ainda um quarto Mago, de nacionalidade russa, a ver se consegue aplicar, nem que seja no burro ou na vaca, a *Sputnik V*, aliás bem conservada pelas baixíssimas temperaturas de Moscovo.

**2.** O Menino Jesus não precisa desta vacina; pelo contrário, Ele vem imunizar a todos do vírus *mortal* do pecado e oferecer de graça o remédio da imortalidade. Em troca, oferece a salvação, com eficácia de 100%, e deseja oferecê-la de modo algo semelhante ao da aplicação das vacinas, com distribuição ***universal, gratuita e facultativa*.** São três características essenciais à construção da fraternidade, que brilha ali mesmo, na Estrela do Presépio, que é o próprio Jesus.

***2.1. Universal:***os Magos vêm de longe, lá «dos orientes». São intérpretes de outras culturas, de outros saberes, de outros costumes. Os Magos mostram-se capazes de ler o *livro da Criação,* deixando-se guiar pela Estrela; conhecem *o livro das culturas*, onde permanece viva, de muitos modos, a procura de Deus, e consultam o *livro das Escrituras*, que aponta para o Salvador. E nisto, os Magos mostram-nos que uma cultura verdadeira é sempre universal (cf. FT 146): não se fecha sobre si mesma, não evita o diálogo com outras culturas, onde igualmente germinam sementes do Verbo, da Verdade, do Belo e do Bom. Os Magos trazem a riqueza da sua diversidade, que só Herodes teme, porque ergue um muro no seu coração (FT 27); não quer “*misturas*” dentro das suas *muralhas defensivas* (cf. FT 146). Mas Maria, José e o Menino recusam fazer da sua Casa *um calabouço* (cf. FT 142) e acolhem, agradecidos, a beleza multicolor daquela diversidade. Com Jesus, que vem salvar a todos, é possível ter um coração aberto ao mundo inteiro, pensar e gerar um mundo aberto, onde todos são de casa, onde todos se recebem como irmãos.

***2.2. Gratuita:*** a cena dos Magos enternece-nos sobretudo pela troca de presentes, pelo intercâmbio de dons.Maria e José oferecem à adoração dos Magos o dom do Menino Deus e, com Ele, o dom da salvação. E os Magos enriquecem a Sagrada Família, não tanto com o ouro, o incenso e a mirra, mas sobretudo com os seus dons pessoais, a sua ciência, a sua resiliência testada no longo caminho de busca, a sua sabedoria depurada pelo olhar fito na mais alta Estrela, a sua cultura feita de procura, de diálogo, de partilha, de encontro. No Presépio, estes estrangeiros não são vistos como ameaça, mas como riqueza a acolher, a proteger, a integrar e a promover. Antes deles, vieram os pobres pastores da Judeia, que pouco ou nada tinham a oferecer. E foram acolhidos, como gente de casa. A Sagrada Família ensina-nos aquela gratuidade que acolhe o estranho ou o estrangeiro, mesmo que não traga de imediato benefícios palpáveis (FT 139), ao contrário, por exemplo, de alguns países, que pretendem receber apenas cientistas ou investidores!

***2.3. Facultativa:*** Jesus não Se impõe, na sua fragilidade. Não retém os Magos dentro do Presépio. Não os encandeia com a sua Luz. Expõe-Se agora aos nossos cuidados, à nossa decisão de O tomar, ou não, como Irmão.

Ele diz-te: *Não te salvarás sozinho. Segue por outro caminho. Cuida de ti, cuidando dos outros, com amor universal. Faz-te irmã, irmão de todos. Construamos juntos um mundo aberto, onde somos todos irmãos, todos de casa!*

**Homilia na Solenidade da Epifania 2020**

1. “*Nestas festas, o seu melhor presente é estar presente*”. Este foi o feliz mote da campanha levada a cabo pela Autoridade Nacional da Segurança Rodoviária, no período das festas do Natal de 2019 e do novo ano de 2020. Não ficava nada mal à Igreja aproveitar e divulgar, tornando seu um tão oportuno anúncio de Natal. O Papa Francisco também ajudou à *campanha dos presentes,* recordando-nos, no dia da Festa da Sagrada Família, que não basta estar à mesa a fazer figura de *corpo presente*. A pergunta foi direta lá a casa: “*Tu, na tua família, sabes comunicar, ou és como aqueles jovens à mesa, cada qual com o telemóvel, enquanto conversam no chat? Naquela mesa parece que há um silêncio como se estivessem na Missa... Mas não comunicam entre si. Temos de retomar o diálogo em família: pais, filhos, avós e irmãos devem comunicar entre si*” (*Angelus*, 29.12.2019).

2. Pois é! “*Nestas festas, o seu melhor presente é estar presente*”. Agora, que chegaram ao Presépio os Magos e estão já de partida, valia a pena interrogarmo-nos: “*Neste Natal, trouxemos algum presente a Jesus, pela sua festa, ou trocámos presentes apenas entre nós*”? Interroguemo-nos ainda mais frontalmente: “*Neste Natal, oferecemos ao Menino, o dom da nossa presença pessoal, num gesto de pura gratidão? Ou ficámos embrulhados nas prendas ou engarrafados na fila do refeitório, a comer e a beber, como se o Natal se reduzisse a um concurso de gastronomia*”?! Não faltaram, por certo, *cristãos* que gastaram todo o seu tempo nos preparativos e na longa degustação e digestão da consoada ou então passaram o ano distraídos nos festejos do *réveillon*, que – quem sabe – não sobraram sequer 5 minutos para rezar diante do Presépio ou, melhor ainda, 60 minutos, para participar na Eucaristia?! *Quem ofereceu, de presente, ao Menino, a sua presença à volta da manjedoura do altar, onde Cristo Se dá como alimento e faz da mesa da Eucaristia a verdadeira Belém, a Casa do Pão*?

3. Os Magos vão ter com o Senhor, não para receber, mas para dar.Porque um dom tão grande merece tanta gratidão! Acolher a graça é saber *agradecer*. Frequentemente, porém, as nossas vidas transcorrem alheias à gratidão. Mas ainda vamos a tempo, queridos irmãos e irmãs, de nos aproximarmos do sacrário, do presépio, da manjedoura, e dizermos “obrigado”. Acolhamos o dom que é Jesus, para depois *nos tornarmos dom* como Jesus.

4. E porque realmente o melhor presente é estar presente, retomo aqui uma graciosa história evocada pelo Papa Francisco na noite de Natal. Conta ela que…

“*No nascimento de Jesus, os pastores acorriam à gruta com vários dons. Cada um levava o que tinha, ora os frutos do seu trabalho, ora algo precioso. Mas, enquanto todos ofereciam presentes, com generosidade, havia um pastor muito pobre, que não tinha nada para oferecer. E enquanto todos se regozijavam na apresentação dos seus dons, o pobre pastor mantinha-se à parte, com vergonha. A dada altura, José e Maria, os pais do Menino, sentiram dificuldade para receber todos os dons – eram tantos –, especialmente Maria que devia segurar nos braços o Menino. Então, vendo com as mãos vazias aquele pastor, pediu-lhe que se aproximasse e colocou-lhe Jesus nas mãos. Ao acolhê-l’O, aquele pastor deu-se conta de ter recebido aquilo que não merecia: ter nas mãos o maior dom da História. As suas mãos, que lhe pareciam sempre vazias, tornaram-se o berço de Deus. Sentiu-se amado e, superando a vergonha, começou a mostrar aos outros Jesus, porque não podia guardar para si o dom dos dons*”!

5. E eu acrescento ao conto um ponto: aquele pastor ouviu uma voz que lhe sussurrou ao seu pobre coração: “*O teu melhor presente é estares presente*”. Feliz da vida, o pastor convidou então os Magos, a rezarem com Ele: “*Obrigado, Jesus, por nasceres em nós. Obrigado, Jesus, por nasceres por nós. Obrigado, Jesus, por teres nascido para nós”.*

**Homilia na Solenidade da Epifania 2019**

1. O *Presépio, lugar de encontro para todos*! Ao abrir a porta a uns Magos vindos do Oriente, o Presépio torna-se, a olhos vistos, *lugar de encontro para todos*. O Menino de Belém, Deus feito Homem, que resplandece de Luz, na fraqueza da carne humana, permite a todos chegarem até Ele. Quantos andam à procura de Deus podem encontrar-se com Ele, porque Ele desceu e veio até nós, abreviando o caminho. No dom daquele Menino, resplandece já a glória do Crucificado, que atrairá todos a Si (cf. *Jo* 12,32). Todos vêm ao seu encontro. E o Presépio torna-se lugar de encontro entre Deus e os homens, entre judeus e pagãos, entre o povo de Deus e todos os povos da Terra. Em todos os homens e mulheres de boa vontade, que procuram a Deus de coração sincero, seja nas interrogações da filosofia, seja nas investigações da ciência, seja na aspiração da ordem e da justiça, seja na luta pelo bem comum, em todos eles e elas há verdadeiras “*sementes do Verbo*”, vestígios da presença oculta de Deus. O Menino de Belém oferece-Se ao mundo como único Salvador da Humanidade, lugar de encontro para todos!

2. O *Presépio lugar de encontro para todos!* Sim. Mas, uma vez “encontrados” n’Ele, não podemos estacionar. Temos de nos levantar de novo, para regressar aos lugares da nossa vida *por outro caminho* (*Mt* 2,12), por “*um caminho novo e vivo*” (*Heb* 10,20), por um caminho ainda não percorrido, por um caminho esquecido ou mesmo não frequentado, por um caminho cheio de encruzilhadas. É por aí que saímos ao encontro, à procura dos afastados, para convidar os excluídos (cf. EG 24), mas sempre com esta consciência: Deus já habita o coração daquele a quem O queremos anunciar. Cabe-nos apenas ajudar a desvelar e a dar nome a essa graça.

3. Que fazer, então, para que o Presépio continue a ser lugar de encontro para todos? Duas coisas muito simples, nas palavras do profeta Isaías: “*Levanta-te e resplandece*” (*Is* 60,1).

3.1. *Levanta-te!* Levantemo-nos, para sairmos dos nossos hábitos e rotinas, dos nossos lugares seguros, para sairmos de nós mesmos e dos nossos interesses, para reconhecermos a luz esplendorosa que a todos ilumina. *Levanta-te!* Sai ao encontro daqueles que se sentem mais distantes de Deus e da Igreja, daqueles que têm medo e são indiferentes, daqueles que deixaram esmorecer a sua fé, daqueles que tropeçaram por tua causa: “O *Senhor chama-te também a ti, chama-te para fazeres parte do seu povo e fá-lo com grande respeito e amor*” (EG 113) por ti.

3.2. *Resplandece!* Resplandeçamos a luz que recebemos de Cristo, para assim a fazermos refletir sobre os outros. *Resplandece!* Também tu, com a pequenina luz que trazes acesa dentro de ti, desde o teu Batismo, podes e deves servir de estrela e de ajuda, para quem se encontra a teu lado e, talvez, sinta dificuldade em encontrar a estrada que conduz a Cristo. Tal como os Magos, torna-te discípulo missionário, “*ministro do Evangelho, cuja vida irradie fervor*”, já que foste tu “*quem primeiro recebeu a alegria de Cristo*” (EG 10; EN 80).

4. Irmãos e irmãs: a fé não se propaga graças a uma boa técnica de *marketing* religioso. A Igreja não cresce por proselitismo, por uma espécie de propaganda ou publicidade agressiva, de grande alcance. A fé dilata-se à medida que palpita de alegria e de vida em nós e assim mesmo se contagia aos outros. A Igreja cresce, em missão, por atração, pela irradiação do testemunho, pela força revolucionária do nosso encontro com Cristo.

“*Levanta-te e resplandece”* (*Is* 60,1)! Durante este Ano Missionário, imitemos o mesmo serviço que a Estrela prestou aos Magos do Oriente, atraindo-os e guiando-os, até encontrar Jesus, Luz e alegria de todas as gentes, no Presépio da tua casa, desta casa e da casa do nosso mundo, *lugar de encontro para todos os povos da Terra*!

**Homilia na Solenidade da Epifania 2018**

*Fórmula mais longa*

*«Levanta-te e resplandece, Jerusalém, porque chegou a tua luz*

*e brilha sobre ti a glória do Senhor»* (*Is* 60,1)!

1. Desde o início do Advento até à Epifania, que hoje celebramos, *movidos pela Estrela que brilha no amor*, empenhamo-nos em oferecer ao mundo, a partir da nossa casa e da nossa comunidade, o rosto jovem e belo da Igreja ou da família, *“que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor*” (Papa Francisco, *Homilia*, 13.05.2017). Tal como a Lua em relação ao Sol, a Igreja brilha, não com luz própria, mas com a luz que recebe de Cristo, para a refletir e irradiar, ao longe e ao largo. Por isso, a *última pegada* desta caminhada tem a marca de saída: “*missionária”*. A Igreja, na pequena ou grande família, evangeliza, por atração e irradiação. Esta é a sua missão: fazer resplandecer a luz de Cristo.

2. Perguntar-me-eis, com muitas dúvidas e inquietações: “*Como é que as nossas famílias se podem tornar missionárias”*?Eu diria, em jeito de Decálogo: ***uma família torna-se missionária…***

1. ***Pela irradiação, junto dos amigos, da alegria do amor na própria vida familiar***: sois missionários quando dais testemunho aos outros da experiência da alegria do amor, vivido em família, apesar das crises e dificuldades. A alegria do amor em família é, em si mesma, o primeiro anúncio do Evangelho e uma Boa Nova para o mundo.
2. ***Pela experiência da oração em família***: sois famílias missionárias, mesmo se não sabeis muito de doutrina, liturgia ou moral. Que grande missão é a vossa, quando ensinais a fazer do coração de cada um, lá em casa, um lugar de oração. Rezai em família, por breve tempo que seja, com aquilo que vos preocupa; rezai por vós e pelos outros; agradecei todos os dias o dom da vida, da fé, da família, do pão, do perdão, da casa, da escola, dos amigos. A experiência diária da oração abre o vosso coração para Deus e estende as vossas mãos aos irmãos.
3. ***Pela experiência da celebração em comunidade***: uma pequena família que sai de casa, para celebrar a fé, e assim se une à grande família, torna-se verdadeira igreja doméstica e edifica a Paróquia como família de famílias. Que as famílias da vossa urbanização, do vosso bairro, da vossa rua, se interroguem e se entusiasmem, ao ver-vos ir à missa e dela regressar com uma alegria e uma energia espiritual, que dura e perdura por toda a semana.
4. ***Pelo anúncio explícito da Boa Nova, na transmissão da fé*,** ***adaptada a cada pessoa, segundo a sua idade e sensibilidade***: os pais e os avós e até os irmãos, uns em relação aos outros, podem tornar-se sujeitos ativos da catequese. A palavra simples, a sabedoria de vida e o exemplo coerente da fé vivida pelos mais velhos são estimulantes e contagiantes para a fé dos mais novos.
5. ***Pelo acompanhamento dos filhos na catequese ou noutros grupos eclesiais.*** Muitas vezes são os filhos mais novos a levar os pais ao (re)encontro com Deus, a regressar à Igreja, a iniciar ou a reiniciar a sua vida cristã. Os pais que acompanham os filhos na catequese, na vida paroquial, ou que nelas se envolvem ativamente, acabam por crescer na fé com os filhos e como eles. Tanto aprendem os filhos dos pais, como estes dos filhos.
6. ***Pelo discernimento atento da vocação dos filhos***, dos seus sonhos e ideais, ajudando-os a descobrir a sua própria vocação e missão, na Igreja e no mundo. Uma família cristã, animada pelo amor de Cristo, que deu a vida por nós, educa para o dom de si mesmo, para a entrega do coração ao Senhor e aos irmãos. E por isso, uma família cristã valoriza tanto a vocação matrimonial, como a vocação sacerdotal, religiosa ou missionária. Uma família onde se vive a alegria do amor é missionária, na medida em que prepara o coração de cada um para responder e corresponder ao apelo do Senhor.
7. ***Pelo apoio dos casais cristãos a outros casais***, ***mostrando disponibilidade para os acolher, formar e acompanhar.*** A experiência dos casais mais amadurecidos na alegria da fé e do amor é uma preciosa ajuda aos jovens casais, na sua preparação para o matrimónio, nos princípios de vida conjugal ou em momentos de crise. Não é bom que o casal esteja só. Um casal cristão, feliz e experiente, é a melhor ajuda para um casal incipiente. Estai muito atentos a quem dá sinais de alarme e precisa de ajuda para salvar o casamento e a família.
8. ***Pela aproximação discreta, atenta, generosa e solidária a outras famílias*** ***provadas pelo sofrimento***, pela falta de saúde ou de trabalho, ou por causa da pobreza, do luto, da solidão. Uma família cristã é sempre irmã de outra família, se não for de sangue, há de ser em razão da nossa fé.
9. ***Pelo exercício da misericórdia, vivida em família, que a todos renova no amor.***Como é importante que as famílias se interroguem frequentemente se vivem a partir do amor, para o amor e no amor. Concretamente, isto significa doar-se, perdoar-se, não perder a paciência, antecipar-se ao outro, respeitar-se.
10. ***Pelo testemunho da misericórdia com os casais, cujo matrimónio fracassou***. Estai, estejamos disponíveis a curar as suas feridas, prontos a acolher, a acompanhar, a discernir e a integrar a sua fragilidade, de modo que tais casais possam descobrir o seu justo lugar na Igreja e fazer o seu próprio caminho, sem deixar de batizar e educar os seus filhos na fé.

Uma família missionária começa e acaba sempre por se mover pela única Estrela do Amor. Só assim se levanta, resplandece e faz brilhar a luz do Senhor!

**Homilia na Solenidade da Epifania 2018**

*Fórmula mais breve*

*«Levanta-te e resplandece, Jerusalém, porque chegou a tua luz*

*e brilha sobre ti a glória do Senhor»* (*Is* 60,1)!

1. As palavras do profeta Isaías convidam a levantar-nos e a sair: a sair dos nossos fechamentos, a sair de nós mesmos, para reconhecermos a Luz esplendorosa que ilumina a nossa vida. A grande Estrela, a verdadeira Supernova que nos guia é o próprio Cristo. Ele é, por assim dizer, a explosão do amor de Deus, que faz brilhar sobre o mundo o grande fulgor do Seu coração.

2. Desde o Advento até hoje, *movidos pela Estrela que brilha no amor*, empenhamo-nos em oferecer ao mundo, a partir da nossa casa e da nossa comunidade, o rosto jovem e belo de uma Igreja ou de uma família *“que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor*” (Papa Francisco, *Homilia*, 13.05.2017). Tal como a Lua em relação ao Sol, a Igreja brilha, não com luz própria, mas com a luz que recebe de Cristo, para a refletir e irradiar, ao longe e ao largo. Por isso, a última pegada desta caminhada tem a marca de saída: “*missionária”*.

3. Ser *missionária*, para a Igreja ou para a família, não significa fazer propaganda, publicidade ou qualquer campanha de angariação de fiéis; para a Igreja, como para a família, ser missionária equivale a deixar-se iluminar pelo Amor de Deus e refletir a Sua luz! A Igreja, na pequena ou grande família, evangeliza sempre por atração e irradiação. Esta é a sua missão: fazer resplandecer a luz de Cristo. Quantas pessoas esperam de nós este serviço missionário, porque precisam da luz de Cristo, de um sentido e de um caminho, de uma esperança e de uma meta para as suas vidas, em busca de um Salvador!

4.E que esta Luz comece por brilhar, a partir do interior da nossa casa, da nossa família e da nossa comunidade, precisamente quando é *acolhedora, livre, fiel, pobres de meios e rica no amor!* E, nessa medida, ela se torne uma casa, uma família *missionária*, uma igreja *missionária*!

5. Perguntar-me-eis, com muitas dúvidas e inquietações: “*Como é que as nossas famílias se podem tornar missionárias”?* Eu diria, em jeito de Decálogo: *uma família torna-se missionária…*

1. *Pela irradiação, junto dos amigos, da alegria do amor na própria vida familiar.*
2. *Pela experiência da oração em família, que nos abre o coração a Deus e as mãos aos irmãos.*
3. *Pela experiência da celebração em comunidade*, *que nos faz sair de nós mesmos.*
4. *Pelo anúncio explícito da Boa Nova, na transmissão da fé*, *adaptada a cada pessoa, segundo a sua idade e sensibilidade*.
5. *Pelo acompanhamento dos filhos, na catequese ou noutros grupos eclesiais.*
6. *Pelo discernimento atento da vocação dos filhos, dos seus sonhos e ideais.*
7. *Pelo apoio dos casais cristãos a outros casais*, *na disponibilidade para os acolher, formar e acompanhar.*
8. *Pela aproximação discreta, atenta, generosa e solidária a outras famílias,* *provadas pelo sofrimento*.
9. *Pelo exercício da misericórdia, do perdão e da reconciliação em família, que a todos renova no amor.*
10. *Pelo testemunho da misericórdia com os casais, cujo matrimónio fracassou*.

Uma família missionária começa e acaba sempre por se mover pela única Estrela do Amor. Só assim se levanta, resplandece e faz brilhar a luz do Senhor!

**Homilia do Papa Francisco – Epifania 2018**

O nosso percurso ao encontro do Senhor, que hoje Se manifesta como luz e salvação para todos os povos, é elucidado por três gestos dos Magos. Estes *veem a estrela*, *põem-se a caminho*e *oferecem presentes*.

***Ver a estrela*. É o ponto de partida.**

Mas, poder-nos-íamos perguntar: Por que foi que só os Magos viram a estrela? Porque talvez poucos levantaram o olhar para o céu. De facto na vida, muitas vezes, contentamo-nos com olhar para a terra: basta a saúde, algum dinheiro e um pouco de divertimento. E pergunto-me: Sabemos nós ainda levantar os olhos para o céu? Sabemos sonhar, anelar por Deus, esperar a sua novidade, ou deixamo-nos levar pela vida como um ramo seco pelo vento? Os Magos não se contentaram com deixar correr, flutuando. Intuíram que, para viver de verdade, é preciso uma meta alta e, por isso, é preciso manter alto o olhar.

E poder-nos-íamos perguntar ainda: Porque é que muitos outros, dentre aqueles que levantavam o olhar para o céu, não seguiram aquela estrela, «a sua estrela» (*Mt* 2, 2)? Talvez porque não era uma estrela deslumbrante, que brilhasse mais do que as outras. Era uma estrela que os Magos viram – diz o Evangelho – «despontar» (cf. *Mt* 2, 2.9). A estrela de Jesus não encandeia, não atordoa, mas gentilmente convida. Podemos perguntar-nos pela estrela que escolhemos na vida. Há estrelas deslumbrantes, que suscitam fortes emoções mas não indicam o caminho. Tal é o sucesso, o dinheiro, a carreira, as honras, os prazeres procurados como objetivo da existência. Não passam de meteoritos: brilham por um pouco, mas depressa caem e o seu esplendor desaparece. São estrelas cadentes, que, em vez de orientar, despistam. Ao contrário, a estrela do Senhor nem sempre é fulgurante, mas está sempre presente: é meiga, guia-te pela mão na vida, acompanha-te. Não promete recompensas materiais, mas garante a paz e dá, como aos Magos, uma «imensa alegria» (*Mt* 2, 10). Pede, porém, para caminhar.

***Caminhar*, a segunda ação dos Magos, é essencial para encontrar Jesus.**

De facto, a sua estrela solicita a decisão de se pôr a caminho, a fadiga diária da caminhada; pede à pessoa para se libertar de pesos inúteis e sumptuosidades embaraçantes, que estorvam, e aceitar os imprevistos que não aparecem assinalados no mapa da vida tranquila. Jesus deixa-Se encontrar por quem O busca, mas, para O buscar, é preciso mover-se, sair. Não ficar à espera; arriscar. Não ficar parados; avançar. Jesus é exigente: a quem O busca, propõe-lhe deixar as poltronas das comodidades mundanas e os torpores sonolentos das suas lareiras. Seguir a Jesus não é um polido protocolo a respeitar, mas um êxodo a viver. Deus, que libertou o seu povo mediante o trajeto do êxodo e chamou novos povos para seguir a sua estrela, dá a liberdade e distribui a alegria, sempre e só, em caminho. Por outras palavras, para encontrar Jesus, é preciso perder o medo de entrar em jogo, a satisfação do caminho andado, a preguiça de não pedir mais nada à vida. Simplesmente para encontrar um Menino, já é preciso arriscar; mas vale bem a pena, porque, ao encontrar aquele Menino, ao descobrir a sua ternura e o seu amor, encontramo-nos a nós mesmos.

Pôr-se a caminho não é fácil. Assim no-lo mostra o Evangelho através dos vários personagens. Temos Herodes, perturbado pelo temor de que o nascimento dum rei ameace o seu poder. Por isso, organiza reuniões e envia outros a recolher informações; mas ele não se move, está fechado no seu palácio. E, com ele, «toda a Jerusalém» (*Mt* 2, 3) tem medo: medo das coisas novas de Deus. **Prefere que tudo permaneça como antes – «fez-se sempre assim» -, e ninguém tem a coragem de se pôr a caminho**. Mais subtil é a tentação dos sacerdotes e escribas: conhecem o lugar exato e indicam-no a Herodes, citando inclusive a profecia antiga; sabem, mas não dão um passo rumo a Belém. Pode ser a tentação de quem é crente há muito tempo: discorre-se de fé, como de algo que já é conhecido, mas que não se compromete *pessoalmente* com o Senhor. **Fala-se, mas não se reza; lastima-se, mas não se faz o bem. Pelo contrário, os Magos falam pouco e caminham muito.** Embora ignorando as verdades da fé, estão ansiosos e põem-se a caminho, como evidenciam os verbos do Evangelho: «viemos adorá-lo» (*Mt* 2, 2), «puseram-se a caminho; entraram na casa; prostraram-se; regressaram» (cf. *Mt* 2, 9.11.12): sempre em movimento.

***Oferecer*.**

Quando chegaram ao pé de Jesus, depois da longa viagem, os Magos fazem como Ele: dão. Jesus está ali para oferecer a vida; eles oferecem as suas preciosidades: ouro, incenso e mirra. O Evangelho está cumprido, quando o caminho da vida chega à **doação.** Dar *gratuitamente*, por amor do Senhor, sem esperar nada em troca: isto é sinal certo de ter encontrado Jesus, que diz «recebestes de graça, dai de graça» (*Mt* 10, 8). **Praticar o bem sem cálculos, mesmo se ninguém no-lo pede, mesmo se não nos faz ganhar nada, mesmo se não nos apetece.** Isto é o que Deus deseja. Ele, que Se fez pequenino por nós, pede-nos para oferecermos algo pelos seus irmãos mais pequeninos. E quem são? São precisamente aqueles que não têm com que retribuir, como o necessitado, o faminto, o forasteiro, o preso, o pobre (cf. *Mt* 25, 31-46). **Oferecer um presente agradável a Jesus é cuidar dum doente, dedicar tempo a uma pessoa difícil, ajudar alguém que não nos inspira, oferecer o perdão a quem nos ofendeu. São presente**s gratuitos, não podem faltar na vida cristã; caso contrário, como nos recorda Jesus, amando apenas aqueles que nos amam, fazemos como os pagãos (*Mt* 5, 46-47).

Olhemos as nossas mãos muitas vezes vazias de amor, e procuremos hoje pensar num presente gratuito, sem retribuição, que possamos oferecer. Será agradável ao Senhor. E peçamos-Lhe: «Senhor, fazei-me redescobrir a alegria de dar».

Amados irmãos e irmãs, façamos como os Magos: **olhar para o Alto, caminhar e oferecer presentes gratuitamente.**

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA EPIFANIA 2017**

**1.** *“****Com Maria e José, sonhar a alegria do Natal****”.* Dos profetas aos sábios, dos pastores aos Magos, todos percorremos, ao longo de seis semanas, o caminho da alegria. Pelo sonho, aqui viemos. Pelo sonho, aqui chegámos, ao Presépio de Belém, com os Magos e como eles, comovidos e mudos, diante do Menino. E, por fim, “*avisados em sonhos*”, tal como os Magos, regressaremos, por outro caminho.

**2.** Hoje, ao concluirmos a nossa caminhada diocesana, gostaria apenas de propor duas coisas, que aprendemos dos Magos. Primeira: *Não deixemos que* *nos roubem* *o sonho!* Segunda: *Não deixemos que nos roubem a alegria do Natal, a alegria do amor em família!*

Primeira: ***Não deixemos que nos roubem o sonho! Não deixemos de sonhar!*** Os Magos procuram sem se cansar, buscam sem cessar, dão azo e asas ao seu desejo do Absoluto, do Além, da Beleza, da Verdade. Estes Magos são verdadeiros “*reis do sonho*”, *por*que correm diretos a um sonho, porque se deixam guiar por uma funda intuição do coração! Deles se pode dizer, o que Florbela Espanca escreve da condição do poeta, que «*é ser mais alto, é ser maior do que os homens! (…) É ter de mil desejos o esplendor… e não saber sequer que se deseja! É ter cá dentro um astro que flameja. É ter garras e asas de condor! É ter fome, é ter sede de Infinito”*. Os Magos ensinam-nos, pois, a sonhar e a não desistir dos nossos sonhos; eles ensinam-nos a procurar, a ir mais além, a levantar os olhos para a Estrela e a seguir e a perseguir os grandes anseios do nosso coração. Ensinam-nos a não nos contentarmos com uma vida medíocre, sem «*grandes voos*», mas a deixarmo-nos sempre fascinar pelo que é bom, verdadeiro e belo... a deixarmo-nos alcançar por Deus, que é tudo isso, no seu máximo esplendor! “*O homem é do tamanho do seu sonho! Matar o sonho é mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetrável e inexpugnavelmente nosso*" (Fernando Pessoa)!Não deixemos, portanto, que nos roubem o sonho! Não deixemos de sonhar!

Segunda: ***Não deixemos que nos roubem a alegria do Natal, que se manifesta sobretudo na alegria do amor em família.***Essa é a nossa tentação, ao desmontar o presépio, ao deitar fora os embrulhos dos presentes, ao voltar à dureza do dia a dia. Mas os Magos ensinam-nos a preservar a alegria, a cuidar da alegria do amor, que brota do nosso encontro com Maria, José e o Menino. Eles usam aquela astúcia, de quem não se deixa enganar, nem levar por falinhas mansas, nem seduzir por presentes envenenados, de quem sabe fugir dos perigos. O caminho dos Magos está, aliás, cheio de enganos: chegam à cidade errada; falam de uma criança ao assassino de crianças; perdem a estrela, procuram um rei e encontram um bebé. E encontram-no, não num trono, mas entre os braços da mãe. Todavia não se rendem aos seus erros; têm a infinita paciência de recomeçar, até que, ao verem a Estrela, experimentam uma imensa alegria. Deus seduz sempre, porque fala a linguagem da alegria! Ali, onde houver a alegria inteira e indivisa no coração, aí está o sinal de Deus. E, para guardar esta alegria, para que ninguém lha roube, os Magos, «*avisados em sonhos, regressaram à sua terra, por outro caminho*”. Não deixeis, portanto, que vos roubem a alegria do Natal, mesmo no meio da escuridão, do pranto e da dor! Cuidai da alegria do amor em família. Como Maria e José, como os Magos de Belém, defendei-vos das ameaças e ilusões, fugi dos perigos, e são tantos, que vos podem fazer perder a alegria do amor em família!

**3.** Amanhã, com a festa do Batismo do Senhor, atravessaremos a porta do Natal para entrar no Tempo Comum! Continuai, com Maria e José, com os Pastores e o Magos, a guardar o sonho e a alegria do amor! Voltai para vossa casa, como os Magos, mas por outro caminho, para que nada nem ninguém vos roube o sonho e a alegria do amor neste Natal, que, por vontade de Deus, não tem ponto final!

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 2016**

Nas *doze badaladas*, com que vos anunciei e vos propus viver o Ano da Misericórdia, faltou uma deveras importante, que hoje gostaria de tocar: *a Peregrinação*. Na verdade, não há Ano Santo, sem peregrinação. Na diocese do Porto, além da Catedral, Igreja-Mãe, foram-nos propostas algumas Igrejas jubilares, dentre as quais, a mais próxima, é a do Senhor de Matosinhos. Lá iremos, em peregrinação jubilar, no primeiro domingo de julho. Creio que os Magos nos podem servir de *companheiros espirituais* desta peregrinação jubilar, sugerindo-nos três aspetos importantes:

**1º: Os magos ensinam-nos que a peregrinação faz parte da aventura da fé!** Eles são os primeiros daquela grande procissão, de que falava o profeta Isaías (cf. 60, 1-6): uma procissão que nunca se interrompeu, desde então, e que, através de todas as épocas reconhece a mensagem da Estrela e encontra no Menino, o rosto da misericórdia do Pai. Os Magos ensinam-nos a caminharmos juntos, a não nos contentarmos com uma vida medíocre, sem «grandes voos», mas a deixarmo-nos sempre fascinar, pelo que é bom, verdadeiro e belo... por Deus. Ser cristão não é um estado de vida! É um Caminho para toda a vida! O cristão não é um instalado. É um desassossegado, que busca continuamente o esplendor do rosto de Deus e a quem, por sua vez, Deus diz continuamente: «*Levanta-te e resplandece*» com a misericórdia que usei para contigo. A peregrinação jubilar tem exatamente este sentido: “*ajudar-nos a descobrir que somos peregrinos de uma estrada, em direção a uma meta desejada*” (MV 14).

2º **Os magos ensinam-nos que o caminho se faz caminhando, por entre dificuldades e sacrifícios**. No seu caminho, há momentos obscuros, em que desaparece o brilho da Estrela – oh quantas vezes se perde de vista a Estrela! No palácio de Herodes, os Magos atravessam um momento de escuridão, de desolação, que conseguem superar graças às indicações do Espírito Santo, que fala através das profecias. Estas indicam que o Messias nascerá em Belém, a cidade de David. Na verdade, o GPS dos Magos tem o seu satélite, colocado nos céus, “que proclamam a glória de Deus”. Mas as suas coordenadas encontram-nas na Palavra das Escrituras, que é farol dos seus passos e luz dos seus caminhos (*Sl.* 118, 105). Ora, estas dificuldades do caminho são sinal, também, para nós, de que não se pode chegar à meta da peregrinação – contemplar o rosto da misericórdia – sem “*empenho e sacrifício*” (MV 14).

**3º Os magos entram no presépio, pela porta da humildade:** Aquela Estrela que os acompanhou no caminho, fá-los entrar no mistério e eles sentem uma grande alegria, ao contemplar a misericórdia divina, manifesta no rosto de um Menino. Deus não Se lhes manifesta, no poder deste mundo, mas revela-se, na humildade do Seu amor. O amor de Deus é humilde, tão humilde! Os magos desafiam-nos a atravessarmos a Porta Santa da Igreja jubilar, como humildes pecadores e “*a deixarmo-nos abraçar pela misericórdia de Deus***”** (MV 14), dobrando os joelhos, para a confissão e adoração.

E, por fim, há queseguir, como os Magos, por outro caminho! A peregrinação não termina quando se alcança a meta do santuário, mas *quando se volta para casa e se retoma a vida de todos os dias*, fazendo valer os frutos espirituais da experiência vivida. Alcançada a meta da peregrinação, vem o compromisso fundamental, que é lema, para todo este ano jubilar: sermos, para os outros, “*misericordiosos como o Pai*” (Lc. 6,36) é para nós.

**Homilia na Solenidade da Epifania 2015**

**1.** “*Uma Casa para a alegria do evangelho*”. Com este desejo, percorremos, como os Magos, o nosso caminho, em direção ao Presépio, atraídos pela luz, que, lá do alto, sempre nos precede, e vai à nossa frente: é a luz de Deus, que resplandece no rosto do Menino de Belém. Tal como os Magos, também nós experimentamos uma *grande alegria*, neste caminho, que nos leva à Casa, onde Deus se manifesta no rosto humano de um Menino, e donde partimos por um caminho novo!

**2**. A Epifania é, pois, a festa, em que todos estão em movimento «*em saída*», num trânsito, que segue em dois sentidos: por um lado, há o movimento de Deus, que sai do seu mundo, rumo ao nosso mundo, ao encontro da humanidade, a ponto de se fazer Homem, em Jesus; e por outro lado, há o movimento de tantos homens e mulheres, que saem de si mesmos, em direção a Deus!

**3.** A Igreja inteira está dentro deste movimento de Deus, para com o mundo: a sua alegria é o Evangelho, a sua alegria é refletir a luz de Cristo. A Igreja não tem luz própria; só pode refletir a luz que primeiro recebe de Cristo. É preciso, pois, que cada um tome a iniciativa e saia daqui, desta casa de Jesus, para levar a sua luz, a sua alegria, a um mundo que tanto a desconhece (EG 2). É preciso «sair» e dizer àqueles que se sentem distantes de Deus e da Igreja, àqueles que têm medo e são indiferentes: “*o Senhor chama-te também a ti, chama-te para fazeres parte do seu povo e fá-lo com grande respeito e amor*” (E.G. 113) por ti. Tal como os Magos, tornemo-nos discípulos-missionários, “*ministros do evangelho, cuja vida irradie fervor*” já que fomos nós “*quem primeiro recebeu, em si, a alegria de Cristo*” (EG 10; E.N:80). Sejamos, para os outros, pequenas estrelas, que refletem a sua luz, e assim atraem os homens para Deus! E que esta Luz comece por brilhar, a partir do interior da nossa casa! E, nessa medida, ela se torne uma Casa, de portas abertas, para a alegria do evangelho!

**Homilia na solenidade da epifania 2014**

1. ***“Mantém acesa a luz da fé”****!* Foi este o propósito, que nos guiou, neste caminho, que nos trouxe do Advento ao Natal e do Natal à Epifania! Hoje, do Presépio de Belém, irradia uma grande luz! Luz que se projeta, ao largo e ao longe, como a de um farol, que pode chegar, de uma à outra extremidade do mar! Hoje esta Luz resplandece, em todo o seu resplendor! De Belém, atrai os povos vindos de mais além, e todos aqueles que, de coração sincero, buscam a Deus! “*Imagem desta busca são os Magos, guiados pela estrela, até Belém*” (LF 35).

**2.** Como manter então acesa esta luz da fé? O que é que nos ensinam os Magos a este respeito? Aprendamos, deles, três atitudes muito simples, no caminho de fé: ***buscar a Deus sem cessar, deixar-se guiar, para brilhar como astros no mundo!***

***2.1. Buscar sem cessar!*** Os Magos eram homens sábios, mas inquietos e insatisfeitos, inconformistas, sedentos da verdadeira luz da verdade, da justiça, do amor; no mais fundo de si mesmos, buscavam a Deus e, caminhavam para Ele. Para O encontrar, não ficaram sentados comodamente, nos seus gabinetes, nas suas certezas e seguranças, como Herodes, mas puseram-se a caminho! Na verdade, a inquietação do homem por Deus e, a partir dela, a inquietação de Deus pelo homem, não nos devem dar tréguas! A fé é isto mesmo: deixar-se interiormente tocar por Deus e dispor-se a buscá-l’O, entre as luzes e sombras do caminho. Vede: os Magos começaram por ver uma Estrela, caminhavam iluminados pelo desejo de ver a Deus, mas, a certa altura, deixam de ver a Estrela e têm de prosseguir, buscando outras fontes de luz, tomando a Palavra das Escrituras como farol dos seus passos! Assim se vê, que a fé não é nunca um dado adquirido! Esta fé pode diminuir ou amentar de intensidade, como pode apagar-se ou reacender-se perante as dificuldades. Uma fé, sem os altos e baixos, da visão e da obscuridade, da confiança e da dúvida, da incerteza e da adoração, é uma fé morta, tal como uma linha contínua denuncia falta de batimentos no coração! Por isso, nunca podemos “descansar” no caminho da fé. É preciso caminhar sempre, desassossegados, na busca de Deus, no encalço da sua luz! O fulgor desta luz da fé aumenta quanto maior for o desejo e mais persistente for a nossa busca de Deus!

***2.2. Deixar-se guiar!*** A fé dos Magos é humilde e corajosa, porque de outro modo não teriam acolhido o sinal da estrela, como uma ordem para partir, rumo ao incerto. Esta decisão terá provocado, com certeza, o riso cínico dos inteligentes da época. Mas, para estes Magos, tocados interiormente por Deus, a busca da luz da verdade era mais importante que qualquer aplauso ou reprovação*.* Também nós, no caminho da fé, teremos de suportar, humilde e corajosamente, o desdém e a reprovação, por parte da mentalidade dominante! Para manter acesa a luz da fé precisamos de nos deixar interpelar pelos sinais; é preciso deixar-se guiar pela fé da Igreja, *sair do centro de si mesmo, para encontrar o rosto do verdadeiro Deus, que não para de nos surpreender.* A Igreja há de ser o Farol, a conduzir-nos a Cristo, “*a* *Estrela da Manhã, que não tem ocaso*” (LF 1)!

**2.3. Brilhar como astros no mundo!** Os Magos seguiram a estrela e assim chegaram a Jesus, à grande Luz que, vindo a este mundo, ilumina todo o homem (cf. *Jo* 1, 9). Como peregrinos da fé, os Magos tornaram-se, eles mesmos, estrelas que brilham no céu da história, e nos indicam a estrada! Todos nós, que agora seguimos, por outro caminho, devemos “*brilhar como astros no mundo”* (cf. Fil 2, 15), à frente dos homens, a indicar o caminho certo da vida, o rumo, a salvação!

**3.** Cada um de nós possa, finalmente, chegar ao Presépio, dobrar os joelhos, diante do Menino, e rezar: “*Emanuel, Deus connosco, ilumina-me para saber reconhecer-Te em todos os sinais da Tua presença. Deus da Luz, ilumina-me e faz de mim um farol para todos os que Te procuram*” (adaptado da oração para a noite de Natal).

**Homilia na Solenidade da Epifania 2013**

**1.** E eis-nos, no fim, e por fim, a celebrar o tal «*Natal cinco Estrelas*». Aqui chegámos, não guiados, pela cegueira do poder de Herodes, que vê no Menino Deus a ameaça de um concorrente. Aqui chegámos, não guiados pela ignorância dos príncipes dos sacerdotes e escribas, que sabiam as escrituras de cor, mas eram incapazes de ler os sinais do tempo e dos tempos.

**2.** Aqui chegámos, sim, guiados pelas estrelas: começámos pelos **Santos,** que pouco a pouco, se tornaram constelações de Deus, que nos indicam o caminho. Os Santos são estrelas de Deus, pelas quais nos deixamos guiar para Aquele, por quem o nosso ser anseia, a quem a razão e o coração tanto procuram. Seguimos o testemunho e a palavra dos **profetas**, “*à qual prestámos atenção, como a uma lâmpada que brilha num lugar escuro, até despontar o dia e a estrela da manhã nascer nos nossos corações*” (cf. II Pe.1,19). Aprendemos, com **os pobres,** a ser humildes, a estar vigilantes, tal como os pastores, na noite de natal, para acolher o dom e as surpresas de Deus. **Maria** brilhou e rebrilha, sempre, como Estrela-do-mar, que ajuda a barca da Igreja, a fazer a sua grande travessia, no mar da história. Certamente brilharam, para nós, também **estrelas menores**, que nos ajudaram a não errar no caminho, como os nossos pais e avós, o nosso pároco, os nossos catequistas e amigos. Em todas estas pessoas, o contacto com a Palavra de Deus provocou, por assim dizer, uma **explosão de luz**, através da qual o esplendor de Deus ilumina este nosso mundo e nos indica o caminho. Por isso, são estrelas que nos guiam no caminho da fé! Numa palavra: ninguém chegou sozinho ao Presépio de Belém; como ninguém chega só, e pelo próprio pé, à fé no Filho de Deus.

**3.** Isso mesmo nos é testemunhado, nesta história tão bela dos Magos, em busca do “*rei dos judeus, acabado de nascer*” (Mt 2,2). São Mateus fala-nos de uns homens, vindos «*dos orientes*», vindos do mundo dos pagãos, e que se deixaram tocar e guiar, interior e exteriormente, por uma Estrela, para assim chegar ao conhecimento do Deus vivo, para assim chegar ao encontro com o Salvador do mundo!

Isto deu-se em Jerusalém e em Belém, de Judá, no tempo do Rei Herodes! Não se trata aqui de uma fábula, tipo «*era uma vez*», como se os evangelhos nos quisessem entreter, com histórias de embalar meninos. Aconteceu, realmente, a alguns homens, adultos, uma procura, da mente e do coração, que chegou a um encontro inesperado com a pobreza do rei dos judeus; aconteceu a uns magos, percorrer um longo caminho de busca, até chegar à adoração humilde do Deus, feito Menino! Aconteceu, a estes homens grandes, do mundo das ciências de então, deixarem-se tocar, sabiamente, por um sinal, por uma promessa, pela Esperança daquela Estrela, de que, talvez, tenham ouvido falar. Na verdade, já Balaão, adivinho e pagão, como eles, tinha anunciado: «*Eu o vejo, mas não agora, eu o contemplo, mas não de perto: uma estrela desponta de Jacob, um cetro se levanta de Israel*» (Num 24,17).

**4.** Trata-se, enfim, de pessoas, que andam em busca da verdade, em busca do verdadeiro rosto de Deus. Não tem a arrogância dos racionalistas, que julgam saber tudo e poder provar ou reprovar a existência de Deus, pelo telescópio do seu saber. Pelo contrário, os Magos procuram o sentido e o segredo do todo, da sua vida e do seu mundo.

[Diria que estes homens se encontram na esteira de Abraão, que, ao chamamento de Deus, partiu; na esteira de Sócrates, o filósofo grego, que procurava a verdade, para lá das respostas já elaboradas, por outros pensadores e religiões. Eles representam assim o encaminhamento de toda a humanidade para Cristo. Eles inauguram uma procissão, que percorre a história inteira. Os Magos estão no movimento do pensamento e do coração, da razão e das religiões, ao encontro da luz de Cristo].

**5.** Por isso, e por mim, atribuía-lhes, este ano, e de bom grado, o Prémio Nobel da Fé! Porquê? Por dez razões simples:

1. porque não temeram desprender-se das suas certezas científicas, para ir em busca da verdade e do verdadeiro rosto de Deus;
2. porque se deixaram tocar interiormente pelo sinal exterior da estrela, isto é, porque se deixaram guiar, pela luz cintilante da razão e da fé;
3. porque, sabendo muito, não tiveram vergonha de perguntar a outros e de se deixarem guiar pela sábia palavra das Escrituras;
4. Porque não desistiram, perante os sinais de desorientação do poder político e religioso;
5. porque Se deixaram surpreender por um Deus, bem diferente das suas expetativas e completamente fora das suas medidas;
6. porque então abandonaram o mundo da astrologia, da bruxaria e da feitiçaria, na certeza de que não é já nenhuma Estrela que determina o destino do Menino, mas o Menino que guia a Estrela;
7. porque, diante daquela imensa Luz, que se lhes descobria no coração, se encheram de grandíssima alegria;
8. porque se dobraram e desdobraram diante do Deus, feito assim pequenino;
9. porque se renderam diante do Menino e Lhe ofereceram o melhor que tinham;
10. porque, no regresso, foram por outro caminho, pois encontraram em Cristo, um novo horizonte e um rumo decisivo (cf. DCE 1).

Queridos irmãos e irmãs: deixemo-nos, conduzir, pela estrela da fé. E tornemo-nos estrelas para os outros, reflexos daquela luz, que Cristo fez resplandecer sobre nós! Sejamos estrelas de Deus, para os homens, que andam longe, de Deus e da sua Igreja! Brilhe em nós a estrela da santidade, do testemunho, da simplicidade e da esperança, que guie a outros, pelo caminho, que leva a Cristo! É Ele a Estrela Polar, a verdadeira Luz dos Povos, que “vindo a este mundo, ilumina todo o Homem” (Jo 1,9)!

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA EPIFANIA 2012**

## Do Oriente a Jerusalém, e desde aí a Belém, caminham uns Magos, em busca do rei dos judeus, “o rebento” acabadinho de nascer! No coração de uns Magos, arde serena uma Estrela secreta, que os guia, por entre sinais, ao Presépio de Belém, ao rosto do verdadeiro Deus, a quem desejam ver e adorar! Apetece-nos perguntar: Que tipo de pessoas eram afinal os Magos? E que tipo de pessoas encontraram eles ao longo do seu caminho, na sua busca do verdadeiro rosto de Deus?

## 1. Os Magos eram, provavelmente, sábios que perscrutavam os céus, não como quem procura «ler» o futuro nos astros e com isso fazer sucesso e adivinhação; eram sobretudo homens «à procura» de algo mais, em busca daquela verdadeira luz, capaz de indicar o caminho a percorrer na vida! Eram pessoas, que sabiam olhar o firmamento, convictas de que, na obra da criação, nos céus e na terra, existe uma espécie de «assinatura» das mãos de Deus, que o homem pode e deve procurar descobrir e decifrar! Sábios, como eram, os Magos estavam conscientes de que não é com um telescópio qualquer, mas com os olhos da razão, em busca do sentido último da realidade, e com o desejo de Deus, impelido pela fé, que é possível encontrar Deus! Ou melhor, que só assim é possível deixar Deus aproximar-se de nós!

## 2. Mas que tipo de pessoas, encontraram os Magos, ao longo da sua busca de Deus?

## Em primeiro lugar, encontraram o rei Herodes! Herodes é um homem do poder, que no próximo só consegue ver um rival a combater, um inimigo a abater. Até Deus lhe parece um rival, um rival particularmente perigoso, que gostaria de privar os homens do seu espaço vital, da sua autonomia, do seu poder. Mas não. No Menino de Belém revelar-se-á um Deus, que é o Amor todo-poderoso, um Deus que nada tira, não ameaça; aliás é o Único capaz de nos oferecer a possibilidade de viver em plenitude e de sentir a verdadeira alegria!

## Em segundo lugar, os Magos encontram os príncipes dos sacerdotes e escribas, os teólogos especialistas, que sabem tudo sobre as Sagradas Escrituras, que conhecem as suas possíveis interpretações, que são capazes de citar de cor cada um dos seus textos, e que, por conseguinte, deviam ser uma ajuda preciosa, para quem quer percorrer o caminho de Deus. Contudo, eles gostam de ser guias para os outros, indicam a vereda, mas não caminham, permanecem imóveis. Para eles, as Escrituras tornam-se uma espécie de atlas a ler com curiosidade, um conjunto de palavras e de conceitos a examinar e sobre o qual debater com sabedoria. Mas não um guia seguro, que nos indica o caminho, para alcançar a vida! Mas, do princípio até ao fim, os Magos vão guiados por uma Estrela! Ela não representa mais do que a cintilante luz da razão e da fé, a brilhar no coração inquieto dos Magos, que andam em busca do rosto de Deus! Assim, a linguagem da criação, dos astros e das estrelas, permitiu a estes Magos percorrer um bom pedaço do caminho rumo ao divino, mas não lhes concedeu a luz definitiva. Para os Magos era indispensável ouvir a voz das Sagradas Escrituras: unicamente estas lhes podiam indicar o caminho. A Palavra de Deus é afinal a verdadeira Estrela que, na incerteza dos discursos humanos, lhes oferece o imenso esplendor da verdade divina!

## 3. Queridos irmãos e irmãs: deixemo-nos então guiar pela estrela, que é a Palavra de Deus; sigamo-la na nossa vida, caminhando com a Igreja, onde a Palavra armou a sua tenda. A nossa senda será sempre iluminada por uma luz, que sinal algum nos pode oferecer. E assim também nós poderemos tornar-nos estrelas para os outros, reflexo daquela luz, que Cristo fez resplandecer sobre nós!

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA EPIFANIA 2011**

Hoje, uma grande luz irradia da Gruta de Belém! Ao Presépio, não chegam, nem os poderosos, nem os reis da terra, mas alguns Magos, uns estranhos e curiosos desconhecidos, talvez vistos no seu tempo, com enorme suspeita, gente que não seria digna de uma qualquer atenção particular! Mas diríamos que, neles, homens de coração puro, e através deles, e do seu puro olhar, o Evangelho, a Boa Nova do Natal, viaja, além-fronteiras, e sem passaporte!

**1.** Vindos do Oriente, estes peregrinos são os primeiros, da grande procissão daqueles que, através da história, sabem reconhecer a mensagem da estrela, caminhar pelas veredas indicadas pela Sagrada Escritura e, assim, encontrar O Menino Deus! Esta estrela, que arde nos olhos e no coração dos Magos, está, portanto, longe de ser uma história infantil. Orienta os passos dos Magos e, neles, os de toda humanidade para a verdadeira Estrela que desponta e para o “rebento” que germina, que é o Menino. Aparentemente fraco e frágil, este Menino tem o poder de conferir a maior e mais profunda alegria ao coração humano!

**2.** Eles levam ouro, incenso e mirra. Diriam os mais avisados na economia doméstica, que naquele momento, a Sagrada Família precisaria bem mais de algo diferente, do que incenso e mirra, e nem sequer o ouro lhe podia ser útil. Mas estes dons têm um profundo significado: são um ato de justiça. Pois, segundo a mentalidade da época, representam o reconhecimento de Jesus, como Deus e como Rei: ou seja, são um ato de submissão e de reconhecimento da soberania de Jesus nas suas vidas. Esta «adoração» pessoal é o verdadeiro presente a oferecer ao Menino! E a consequência é imediata: os Magos já não podem regressar, para junto de Herodes e seguir o seu caminho. A partir daquele gesto, foi traçado um novo caminho, desceu sobre o mundo uma nova luz, que não mais se apagou. Cristo torna-se o caminho!

**3.** Caríssimos irmãos e irmãs: É verdade que foram muitos os que viram a estrela, mas poucos compreenderam a sua mensagem. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas, isto é, os piedosos e estudiosos da Escritura conheciam perfeitamente a Palavra de Deus, mas não reconheceram o Menino Deus. «*Aconteceu com eles, como com as pedras que indicam o caminho: enquanto davam indicações aos romeiros, elas permaneciam inertes e imóveis*» (Santo Agostinho). Então, perguntamo-nos: qual é a razão, pela qual alguns veem e encontram Jesus, e outros não? Poderíamos responder: a demasiada segurança em si mesmos, a presunção de já ter formulado um juízo definitivo sobre as coisas… Tudo isto torna os corações fechados e insensíveis à novidade de Deus!

**4.** Ao fim e ao cabo, para chegar à fé, neste Deus, feito homem, o que falta é a humildade autêntica, que sabe submeter-se ao que é maior, mas também a coragem genuína, que leva a crer naquilo que é verdadeiramente grande, mesmo que se manifeste num Menino inerme. Falta-nos a muitos de nós, a capacidade evangélica de ser criança, de nos admirarmos e de sairmos de nós mesmos, para seguirmos o caminho indicado pela estrela, o caminho de Deus!

**5.** Caríssimos irmãos e irmãs: Vivemos o último ano, guiados pela Estrela da Missão 2010! Aprendemos, como os Magos, a percorrer caminhos novos. Irradiamos mais longe, lá fora e cá dentro, a Luz de Cristo! Mas a Missão continua e não podemos mais voltar atrás. É preciso continuamente dar testemunho desta Luz, que não mais se apaga, percorrendo um caminho diferente, mais ousado, mais aberto, maiscriativo, atento aos que estão fora e aos que vêm de longe, a todos quantos procuram na cidade o Salvador. Que o Menino de Belém nos dê um coração sábio e inocente, para vermos a Estrela e seguirmos o Seu caminho, para O encontrarmos, e assim sermos inundados pela grande luz! Desde o mais íntimo de nós próprios, irradiemos a Luz de Cristo, a Luz do mundo, agora e sempre, e por toda a parte!

**Homilia na Solenidade da Epifania 2010**

**“E eis que a Estrela que tinham visto, no Oriente, seguia à sua frente!”**

**1.** Bem à nossa frente, diante de nós e connosco, permanecerá uma Estrela! Uma Estrela que nos atrai e nos guiará, ao longo de todo o ano de 2010! Uma Estrela que, ao longo do nosso caminho para o Presépio, fomos já desenhando, no mais ínfimo espaço da nossa vida, e tatuando, no mais íntimo dos nossos corações! Uma Estrela, que atraiu também, vindos de longe, os Magos, e os conduziu até chegar a Jesus! Essa Estrela “*parou sobre o lugar onde estava o Menino*”, o Deus único, cujo «*amor move o sol e as altas estrelas*” (Dante, *Paraíso,* XXXIII, 145)**!**

**2.** Se, desde o primeiro dia deste novo ano, fomos desafiados a entrar na missão 2010, com os pés apressados dos Pastores e as mãos postas de Maria, hoje podemos orientar os passos da missão, pelo testemunho dos Magos, guiados por uma Estrela! O caminho dos Pastores para Deus, pareceu-nos, talvez, mais breve, em razão da sua simplicidade e da sua pobreza. O caminho dos Magos é certamente mais longínquo. Eles são sábios, vindos do Oriente, representam todos aqueles que possuem nível e nome! Tiveram de percorrer um caminho longo e difícil, até chegar a Belém, sob a guia e orientação de uma Estrela! Mas a Estrela não teria sido suficiente, se eles (os magos) não fossem pessoas, intimamente abertas à luz da verdade, que se manifestou em Cristo!

**3.** Pois bem, hoje também há pessoas simples e humildes, como os pastores, que vivem muito perto do Senhor. São, por assim dizer, os seus vizinhos, e podem facilmente ir ter com Ele. Mas a maior parte de nós, homens modernos, gente da cidade, vive, como os pagãos, longe de Jesus Cristo, deste Deus que veio para o nosso meio. Vivemos hoje levados por correntes diversas e dispersas de um pensamento débil, ocupados em ócios e negócios, que nos enchem totalmente, e a partir dos quais o nosso caminho, para Cristo se torna, como o dos Magos, mais árido e mais longo. De certo modo e muitas vezes, Deus tem de nos impelir e dar uma mão, para podermos sair da enrodilhada dos nossos pensamentos e ocupações, e encontrar o caminho para Ele. Mas há um caminho para todos. Para todos, o Senhor estabelece sinais adequados a cada um!

**4.** A Estrela de Belém, que faz parte do logótipo da Missão 2010, é um desses sinais! A Estrela acabará por ser cada um de nós, chamado a atrair e a guiar para Cristo, os irmãos, que andam mais longe! Como a Estrela, devemos atrair, mediante o testemunho do amor, todos os homens para Deus!"*Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu*"» *(Mt* 5, 16). Todo o crente autêntico, com a pequena luz que traz dentro de si, no seu caminho pessoal de busca de Deus, pode e deve servir de estrela e de ajuda, para quem se encontra ao seu lado e, talvez, sinta dificuldade para encontrar a estrada que conduz a Cristo. Toda a Igreja, em cada dos seus fiéis, está chamada a fazer resplandecer no mundo a luz de Cristo, refletindo-a em si mesma, como a lua reflete a luz do sol. A Igreja é a nova Jerusalém, desafiada hoje pelo Senhor à missão: "*Levanta-te, resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz... As nações caminharão à tua luz, e os reis ao esplendor da tua aurora*" *(Is* 60, 1-3).

**5.** *«Levanta-te»!* A Igreja não é estação de serviço! A Igreja é Missão. O Senhor parece dizer-nos, pelo sinal desta Estrela: *Atravessemos para o outro lado! Façamo-nos viandantes, rumo a Deus, interiormente a caminho para Ele e trazendo outros até Ele!* Durante a missão 2010, imitemos o serviço que a Estrela prestou aos Magos do Oriente, atraindo-os e guiando-os, até encontrar Jesus, Luz e alegria, de todas as gentes!

**Homilia na Solenidade da Epifania 2009**

**«*O Natal é a maior festa do mundo! Dê-lhe uma Estrela*».** Foi esta a mensagem, reencaminhada diretamente da publicidade para a celebração, que tomamos, como anúncio do Natal cristão. Não há, de facto, Natal, sem uma Estrela, que lá do céu, possa conduzir ao Presépio, todos os filhos de Deus, dispersos entre as nações. Para lá caminham, os Magos, filhos da Promessa, na certeza de que «*a esperança, se cumpre, atravessando a noite, sem bagagens*» (J. A. Mourão)!

**1.** E como são tortuosos os caminhos dos Magos, até chegar a Belém. Entre o silêncio, o medo e o frio, eles procuram o Rei dos Judeus, acabado de nascer! Um Rei – imaginavam eles – em berço de ouro, no seu Palácio, com os seus guardas e soldados! Não por acaso se detêm primeiro às portas de Jerusalém, sede do poder religioso e político de então, para obter do Rei Herodes, notícias acerca do Rei prometido, que acabara de nascer. Pensam, ainda, na sua boa-fé, que para mudar o mundo, é preciso ter nas mãos o poder. É para lá que se dirigem, mas é também de lá que rapidamente se afastam! Tinham de ir bater a outra porta!

**2.** A longa peregrinação dos Magos desde o Oriente, é conduzida apenas pela Estrela serena e secreta do desejo, desse desejo profundo de encontrar «o Rei dos Judeus»! Do fundo do seu coração, andavam à procura do direito, da justiça, que por certo, devia vir de Deus. Desejavam ouvir aquele Rei, prostrar-se aos seus pés e desta forma servir, eles próprios, à renovação do mundo!

**3**. Mas eis que chegam a Belém. “*E a estrela do céu parou em cima, duma rua sem cor e sem beleza, onde a luz tinha o mesmo tom que a cinza, longe do verde-azul da Natureza*” (Sophia). Sem palácio, sem defesas, sem soldados, está o Menino Jesus e sua Mãe. Parece-nos ler agora no Diário de um Mago, o primeiro desabafo da noite: “*Quanto deserto atravessei, para encontrar aquilo, que morava entre os homens tão perto*” (Sophia). Os Magos inclinam-se diante daquele Menino, diante desse Deus, “*que tem o seu trono nas alturas e Se inclina lá do alto a olhar os céus e a terra*” (Sal.113,5). E outro Mago parece já ler entre as estrelas: “*Aquele que «está sentado nas alturas», olha para baixo. Inclina-se para baixo. Ele vê-nos a nós, e vê-me a mim. Com o seu olhar para baixo, Ele levanta-me, toma-me benignamente, pela mão e ajuda-me, a mim próprio, a subir de baixo para as alturas*” (Bento XVI). Oh como era diferente o novo Rei, terão pensado. Disse ainda outro Mago: “*É o único rei, que não reina desde fora. Não empunha a espada, não impõe a força, não lança impostos, não age por decreto. Traz consigo um domínio novo, que se insinua mansamente e cura a nossa velha e estafada humanidade, desde o coração*” (Dom António Couto).

**4.** **Meus queridos e amados irmãos:**

Voltemos, à parte essencial da mensagem inicial: *«Dê-lhe uma Estrela»****.*** Dê uma Estrela, a quem procura, neste mundo, o rosto do Deus verdadeiro! Dê uma Estrela, a quem não acha caminho, na sua busca sincera de Deus. Dê uma Estrela, a quem bate à porta da Igreja, na esperança de encontrar o Caminho!

Tantos e quantos serão os homens do nosso tempo, que procuram Deus, a sua verdade, a sua justiça, o bem maior?! E batem à porta da Igreja, como os Magos outrora à porta de Herodes. Mas não partirão eles, quantas vezes, desapontados, com as nossas respostas secas, frias, de cor sabidas, quando esperavam de dos cristãos apenas o esboço de um sorriso das estrelas?!

Chamada a ser «luz do mundo» (L.G. 1), esta nossa Igreja há de ser os olhos do corpo da Humanidade, através dos quais entre no mundo a luz de Cristo. Olhos que se queiram ver a si mesmos são cegos. Mas muitas vezes, esta Igreja que somos, gira demasiado em torno de si mesma, está muito fechada dentro da própria casa. Desse modo o testemunho do Deus vivo, que nos dá luz e Vida, não resplandece no mundo. Em vez de expor Cristo, queremos resguardá-lo para consumo interno! Ora a Igreja não foi criada para si mesma; existe para ser os olhos, através dos quais, os outros possam ser alcançados pela luz de Deus. Não queiramos, por isso, aferrolhar o Salvador, entre as paredes frias da Igreja. Ele é de todos e veio para todos. Não tenhamos, por isso, medo, de ir para fora, nem medo dos que chegam de fora, dos que mal sabem benzer-se ou soletrar o seu nome. Dêmos-lhe uma Estrela, abramos uma porta, acendamos uma luz, para verem a luz vinda do céu, para verem como o céu desce até eles. Sejamos Igreja missionária, igreja desde casa e de casa em casa, igreja de porta em porta e de porta aberta, igreja capaz de tatuar o sorriso das Estrelas, no coração dos que procuram o rosto de Deus!

**5. E que Estrela oferecer ao Natal, para que seja de Cristo?**

Retomo a conclusão da Homilia de Natal: «Podia ser a Estrela da ternura, que luz e produz a energia alternativa do amor, para vencer as correntes frias do nosso tempo?! Podia até ser a Estrela cadente, que luz, mas não reluz, pois se inclina, para o chão e se desfaz, silenciosa, no serviço humilde aos mais pequeninos?! E porque não havia de ser a Estrela Polar deste ano, São Paulo»?!

Com Ele e como Ele, recebamos o dom daquela intensa luz, que nos faz mudar de rota e seguir, doravante, por novo caminho, um caminho, povoado de estrelas, cujos nomes são os nossos e estão escritos no céu!

**Homilia na solenidade da epifania 2008**

**1.** Não tinham “a bússola dourada”, para adivinhar o futuro, na “poeira dos ares”. Nem tampouco um moderno GPS, que os pudesse orientar, no caminho para Belém. Para chegar à meta, não consultam os astros, mas a Palavra das Escrituras (Miq.5,1), que se torna então “*farol dos seus passos e a luz dos seus caminhos*”. Partem, então, na aventura comum da fé. Não partem sozinhos. Ora o desânimo de um é compensado pelo entusiasmo de outros. Ora a desistência de uns, é vencida pela insistência de outro. Na verdade, a fé dos Magos é como que a sua «estrela», que lhes dá a esperança e a luz bastante, para ir caminhando, de busca em busca, até ao encontro pessoal com Cristo. Ainda assim, é uma luz discreta; a fé não é nunca como o sol, claro e radiante. Às vezes custa mesmo dar com o caminho; às vezes parece dominar, no coração, mais a obscuridade, do que a luz; em alguns momentos, parece mesmo que a estrela desaparece!

**2.** Estes Magos estão tão possuídos pela esperança de chegar à meta… estão tão seguros dela, «*que suportam a canseira do caminho*» (*Spe Salvi*, 1). Os Magos querem apenas encontrar a luz e o sentido da vida, que lhes traga alegria e felicidade para si e para os seus povos; querem conhecer “*o rei dos judeus que acaba de nascer*” e vêm para O adorar. É, de facto, a fé em Cristo que os guia, entre hesitações, dúvidas e interrogações do caminho. Acreditam em Cristo, dobram-se diante d’Ele, adoram-n’O, como verdadeiro Deus.

**3.** Diríamos então, que no preciso “momento em que os Magos, guiados pela estrela, adoraram Cristo, deu-se por encerrada a astrologia” (*Spe Salvi*, 5): não fazem mais falta horóscopos, adivinhações, futurologia, cartomancia. Se não há estrelas no céu a doirar o seu caminho, é porque “*agora as estrelas giram segundo a órbita determinada por Cristo*” (*Spe Salvi*, 5). De facto, “*nesta cena fica invertida uma ideia que se tinha do mundo de então, que hoje, de um modo distinto, aparece de novo florescente*” (*Spe Salvi*, 5)**:** basta ver o êxito de bilheteira da maior parte dos filmes de magia, e a procura do «segredo» da sabedoria oriental. No tempo dos Magos, como agora, havia ainda gente que imaginava o mundo dos homens “determinado” e “governado” pelos movimentos do sol, da lua, das estrelas, dos astros. Ora, fica claro: “*Não são os elementos do cosmos, as leis da matéria que, no fim das contas, governam o mundo e o homem”. Ao adorar aquele Menino de Belém, Deus feito Homem, os Magos dizem-nos: “é um Deus pessoal que governa as estrelas e todo o Universo! As leis da matéria e da evolução não são a última instância*” (*Spe Salvi*, 5). Por detrás de tudo, e no princípio de todas as coisas, há uma razão criadora, uma vontade amorosa, que não é nenhuma «energia cósmica». É Amor. É uma Pessoa”. É Jesus Cristo. “Por Ele todas as coisas foram feitas”. Nesta perspetiva, «a vida de cada pessoa e do nosso mundo, não é um simples produto das leis e da casualidade da matéria, mas em tudo e, simultaneamente, acima de tudo, há uma vontade pessoal, há um Espírito, que em Jesus Se revelou como Amor!**”** (*Spe Salvi*, 5). De certo modo, os Magos dizem-nos: este Deus, “princípio criador de todas as coisas, é, ao mesmo tempo, um Deus que te ama pessoalmente, com toda a paixão de um verdadeiro amor” (cf. *Deus Caritas est*, 10).

**4.** Meus caros amigos: O mais importante, para encontrar a felicidade não é conhecer “o segredo” dos astros, ou saber ler a “mensagem” das estrelas. O que é preciso é encontrar Cristo, conhecê-l’O e reconhecê-l’O. “E – olhai - se conhecemos esta Pessoa e Ela nos conhece, então verdadeiramente deixámos de ser escravos do universo e das suas leis, então somos livres” (*Spe Salvi*, 5). As práticas de bruxaria, magia, horóscopos, mostram o vazio de quem nunca encontrou Cristo, e ainda vive, como os pagãos, “*num mundo sem Deus e sem esperança*” (*Ef* 2,12).

**5.** Para chegardes a Belém, e sentirdes a felicidade dos Magos, vou oferecer-vos hoje um GPS, um «**Guia do Peregrino da Santidade**»!

- Olhai: o “**hardware**”, isto é, o “instrumento visível” de comunicação, deste GPS, é a **Igreja**! Ela recebeu a “força do Alto”, para comunicar Cristo aos homens. Cabe-lhe, “receber o sinal” do Altíssimo, “o grande satélite”, e “transmitir a mensagem”, indicando o caminho e a meta. **A Igreja** é sempre o “guia mais seguro” e a melhor companhia na fé. Ao fazer-nos caminhar juntos, a Igreja formata a nossa vida, segundo o próprio “**software**” de Deus, cuja essência mais íntima é ser comunhão.

- A “bússola dourada” deste GPS é a “**Sagrada Escritura**”, que sempre havemos de ler e consultar, até se tornar, em cada circunstância da vida, “farol dos nossos passos e luz dos nossos caminhos”!

- Depois, procurai os **Sacramentos**, que assinalam o grande “**mapa da nossa vida”**, com os sinais de Deus; eles marcam os pontos de chegada do nosso encontro pessoal com Cristo, a partir dos quais havemos sempre de partir, por um caminho novo.

Que a humildade dos Magos nos ajude a aceitar a oferta deste GPS, deste “Guia do Peregrino da Santidade”: a companhia da Igreja, a luz da Palavra e a graça dos Sacramentos. Este GPS não está em saldo. Nem em promoção. É oferta especial dos Magos, neste Natal, em grande!...

Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 2007

**1.** Para surpresa de muitos, não faltaram presentes, na Noite de Natal. Numa economia em crise, as prendas e mensagens de Natal atingiram, em Portugal, valores recordes, de fazer inveja a qualquer país rico. Os analistas têm dificuldade em compreender tal contradição. Bento XVI lembrava, a propósito, no último dia do ano, que uma boa parte dos gastos e excessos desta época são uma *forma de iludir a realidade*. E, já antes, na Missa da Noite de Natal, o Papa colocava-nos na rota do sentido cristão, que as prendas de Natal deviam seguir. Dizia-nos o Santo Padre: “*O Natal tornou-se a festa das “prendas”, para imitar Deus, que por nós se doou a Si próprio. Deixemos que o nosso coração, a nossa alma e a nossa mente, fiquem tocados por esta realidade! Entre os inúmeros presentes que damos e recebemos, não esqueçamos o verdadeiro dom: doarmo-nos mutuamente, darmos algo de nós próprios*”.

**2.** Falo dos presentes de Natal, neste Domingo da Epifania, em que vemos o caminho dos Magos desembocar num verdadeiro cortejo de oferendas: «*abrindo os seus tesouros, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra”!* Eles oferecem os dons, pelos quais, significam a sua adoração: oferecem o ouro, como a um rei; o incenso, como a um Deus, e a mirra, que servia de unção aos pobres mortais.

**3.** Neste mês de janeiro, propício a balanços e balancetes, gostaria de indicar duas concretizações, muito práticas, para manter vivo o verdadeiro *espírito dos presentes*, que o Natal e a Epifania nos ensinam:

**1º. Enriquecer o ofertório da nossa Eucaristia**. Isso significa *dar realmente* e *dar-se pessoalmente*. O Ofertório não é um intervalo «*económico*» na celebração. Este gesto, integrado na Liturgia Eucarística, destina-se a preparar-nos, para a grande oferta, que Cristo faz de si ao Pai, por nós. Ao apresentar, no altar de Cristo, os dons do *Pão e do Vinho*, com as *ofertas recolhidas*, a comunidade pretende unir-se a Cristo e associar-se à sua oferenda pascal. A oferta do pão e do vinho, torna-se, por isso, o símbolo da oferenda da nossa própria vida. E isso é tanto mais rico e expressivo quanto os dons pão e do vinho vêm acompanhados de uma oferta, para ajudar eficazmente a vida da Igreja e os mais necessitados.

É claro que vos estou a fazer um apelo, não tanto «*para que deis mais*», mas sobretudo para que «*sejais mais a dar*», de modo que todos se integrem neste cortejo de oferendas, abrindo mão dos seus tesouros, pois “*onde estiver o nosso tesouro aí estará o nosso coração*”. Falo-vos sempre disto, com temor e tremor. Porque não queria que ouvísseis este apelo, como se fosse mais um anúncio da subida dos preços ou a aplicação de (mais) uma «*taxa*» litúrgica. Deus nos livre! Na Eucaristia, podemos dar tudo o que temos, que nunca pagaremos nada do valor eterno daquilo que recebemos. Convidados para este banquete, nunca estaremos à altura de o retribuir; só podemos é receber com alegria.

***2º.*** Mas o Papa, ao falar dos presentes de Natal, sabia que é mais fácil dar um presente, do que estar presente. E por isso fazia um outro apelo: “*doarmo-nos mutuamente, dando o nosso tempo. Abrir o nosso tempo, para Deus*”.

Ora, nesta comunidade precisamos muito da *oferta de tempo*, por exemplo, para manter aberta, todos os dias, a Igreja de São Pedro, ou para manter sempre em funcionamento o Museu Paroquial de Arte Sacra. Um grupo de meia dúzia de pessoas, em cada um destes espaços, era bastante para garantir a sua abertura, manutenção e guia! Como é possível, faltar o tempo, com um número cada vez maior de reformados? Mas acrescento mais um exemplo: não é, certamente, por falta de dinheiro, que o nosso Grupo Coral não tem mais vozes?! Ou será que os encontros de Oração têm cada vez menos participantes, porque «*tempo é dinheiro*»? A questão é esta: *é preciso abrir o nosso tempo para Deus*. *Assim desvanece-se a agitação. Deste modo brota a alegria, assim se cria a festa.*

Seguindo a *Estrela dos Magos*, deixo a arder na Luz de Belém este desejo:

“Que todos os filhos da Igreja,

que aqui se reúnem e *vêm*

*ao encontro do Senhor*,

se façam realmente presentes,

trazendo, com enorme alegria,

os tesouros de um coração livre

e as riquezas de uma vida pobre,

oferecida, como ouro, incenso e mirra

sobre a manjedoura da Santa Eucaristia”!

**Homilia na Solenidade da Epifania 2006**

**1.** "*Entrando na casa (sobre a qual a Estrela tinha parado), viram o Menino com Maria, sua Mãe. Prostrando-se, adoraram-n'O*" (Mt.2, 11). O caminho exterior daqueles homens tinha terminado. Tinham chegado à meta; encontraram o Menino, o Príncipe da Paz! Mas, a este ponto, começa para eles um novo caminho, uma *peregrinação interior*. Começou no mesmo momento em que se prostraram diante deste Menino e O reconheceram como o Rei prometido. Deviam assim mudar a ideia que tinham acerca do poder, de Deus e do homem! E, fazendo isto, deviam também *eles mesmos mudar*, de rota! Pois outro é o rosto de Deus e outros são os seus caminhos, para a Paz!

**2.** Certamente, tinham imaginado este Rei recém-nascido, de maneira diferente. Não por acaso se tinham detido precisamente em Jerusalém, para obter do Rei local notícias acerca do Rei prometido, que acabara de nascer. Sabiam que o mundo estava em desordem, e por isso o seu coração andava irrequieto! Tinham a certeza de que Deus existe, e que é um *Deus justo e benigno*. E talvez tenham ouvido falar também das grandes profecias, como a de Isaías, que anunciavam um Rei! Um Rei que estaria em íntima harmonia com Deus, e que em seu nome, e por seu encargo, restabeleceria a ordem no mundo; seria chamado «*Deus Forte, Príncipe da Paz»!* Para procurar este Rei, tinham-se posto a caminho: do fundo do seu coração andavam à procura do direito, da justiça, que devia vir de Deus. Desejavam ouvir aquele Rei, prostrar-se aos seus pés e desta forma servir, eles mesmos, a renovação do mundo. Pertenciam àquele género de pessoas "*que têm fome e sede de justiça*" (Mt. 5, 6). Os Magos eram, na verdade, homens de boa vontade, em busca do Príncipe da Paz!

**3.** Todavia pensavam, na sua boa-fé, que para mudar o mundo era preciso ter poder. Nesse sentido, não podiam procurar o Menino da Promessa a não ser no palácio do Rei. É para lá que se dirigem e é de lá que se afastam! Mas agora, inclinavam-se diante de um Menino, filho de gente pobre. O novo Rei diferenciava-se muito da expectativa deles. *Começou assim o caminho interior dos Magos*.

**4.** Agora bem veem: o poder de Deus é diferente do poder dos poderosos do mundo! A maneira de agir de Deus é bem diferente de como nós a imaginamos e de como gostaríamos de a impor também a Ele. Neste mundo, Deus não entra em concorrência com as formas terrenas do poder. Não contrapõe as suas divisões a outras divisões. Ele contrapõe ao poder rumoroso e prepotente deste mundo, o poder inerme do amor, que o levará à Cruz. Deus é bem diferente. É isto que agora reconhecem. E isto significa que eles mesmos devem *tornar-se diferentes, devem aprender o estilo de Deus*, desarmar o coração, e procurar na fraqueza do amor divino, a força da Paz!

**5.** Seguindo-O, desejavam servir, juntamente com ele, a *causa da justiça e do bem no mundo*. Agora que o encontraram, cumpre-lhes fazer "*a paz na terra*". Uma paz que *não pode ser realizada simplesmente, por meio de ordens e do cimo de um trono*. Agora aprendem, que se devem renunciar à qualquer forma de violência ou de imposição. Devem depor-se e oferecer-se a si mesmos. E à maneira de Deus, tornarem-se homens da verdade, do direito, da bondade, do perdão e da misericórdia. Ao irem embora de Jerusalém, devem seguir por um caminho novo, continuar a sua busca da Paz, sobre as pegadas do verdadeiro Rei. Antes de se despedirem, os Magos tatuaram nos seus corações esta declaração: Este Menino, Deus Salvador, é a Estrela e Príncipe da Paz!

**Homilia na Solenidade da Epifania 2005**

Não é uma história da carochinha, que esta tem data e terra no mapa. Nem um conto de fadas, com um passe de magia, porque a história dos magos manifesta outra sabedoria. Não é o Diário de um Mago. O Evangelho da Epifania, tem poesia bastante, para nunca estar contado de vez. Vou, por isso, deixar-me guiar pela Estrela de Belém e conduzir-vos, pelos mesmos caminhos de encanto e de beleza. Ides chegar comigo ao Presépio, com certeza:

**1.** O Vladimir veio da Ucrânia, trabalhar para Portugal. Um imigrante de Leste. Veio, ao que diz, seduzido pelas “*estrelas*” da União Europeia… à procura neste canto da Europa de *arrumar* a sua vida… Brilha nele a Estrela do desejo; ou não viesse ele do Oriente, à procura de Belém, da Casa do Pão e da salvação… Bateu à porta de alguns, e ouviu que “*não*”… outros logo temeram pela sua chegada. Já viu que nesta *Casa do Pão* também há quem ralhe e sem razão. Está por aí, algures, a aprender a dar os primeiros passos… como o dos Magos, por outro caminho!

**2.** A Marina, *uma menina de cor*, tinha a mania dos horóscopos, dos signos, da magia. Consultava todos os videntes, para saber tudo, com evidência, a respeito do que lhe reservava o novo ano. Quando as coisas não lhe correm bem, pensa logo que isso é coisa do diabo, uma feitiçaria, como se Deus fosse um derrotado na sua vida. Aliás, triste sina, a sua vida parecia-lhe um inferno, sem lugar para a esperança e para a confiança. Mas um dia «*uma estrela*» brilhou na sua mente. Ouviu, pela boca de um seu colega catequista, dizer que “*não há outro por quem possamos ser salvos, a não ser Jesus Cristo*”. Então deixou todo esse mundo de fantasia… de ilusão e de magia… e começou um caminho novo, livre e responsável, na sua paróquia, num grupo de Jovens. A Marina deixara, como os Magos, o feitio e o feitiço dos velhos saberes. Agora sabe dizer que a sua Catequista, era uma verdadeira “*Estrela*” na sua vida… e graças a ela, tem topado, com uma discreta e secreta alegria, que, lá no fundo, encontra todos os domingos, no Pão santo da Eucaristia!

**3.** O Pai do João – esse lutava contra Deus, desde os tempos em que começou a ter aulas de filosofia. Lia os filósofos, ateus e cristãos, e no fim, ficava ainda mais confuso. Decidiu ser agnóstico, como quem lá *não vai, nem faz minga*. Mas uma Estrela brilhava no seu coração reto de quem procurava a verdade. A vida, entretanto, reservou-lhe algumas surpresas. E um destes dias começou a olhar para a sua idade e para o seu caminho… e a perceber que Deus tinha deixado o seu rasto de luz, nalgumas estrelas, a começar pelos seus pais, já no Céu… pelos seus professores e até pelo velho pároco da sua aldeia, que, apesar de já não ser deste tempo, era sábio e fazia-o mais humilde. O nascimento dos seus dois filhos, isso era uma coisa que lhe dava muitas voltas à cabeça. Um mistério onde não se cabia. Agora tem descoberto Deus como um acontecimento inesperado! E as suas conclusões lógicas já não lhe servem para nada.

O Pai do João é um Mago! A Marina, a menina de cor e de magia, encontrou a sua Estrela! E o Vladimir, da Ucrânia, procura novos caminhos.

No Presépio desta Igreja, está ao centro, o Menino, entre a Cruz e o altar. Estão apenas desenhadas silhuetas e estrelas na cabeça dos Magos. Qualquer um de nós pode lá chegar e ficar e representar o papel que melhor lhe assentar. No portal de Belém não se olha a quem!

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor B 2003**

**I.** São cheios de ternura e de encanto estes Magos. Não partem à conquista de terras, nem procuram tesouros ou alianças. Tão pouco, esperam vénias, apoios ou aplausos. Pelo contrário, levantam-se, de pé, diante dos homens, para se porem de joelhos, diante do Menino Deus. Eles não se querem estrelas. Mas simplesmente seguem a Estrela. Não viajam para pedir ou impedir, seja o que for. Eles querem oferecer tesouros. E adorar o Senhor. No Filho que nos foi dado, que mais podia brilhar senão a graça e a ternura do nosso Deus? Jesus é, para eles o sorriso e a carícia deste Deus humanizado. Os Magos deixam-nos o *testamento da ternura*, do carinho e da carícia. Os Magos, grandes e sábios, aninham-se, ali, pequeninos e humildes, dispostos a aprender do Menino que é seu mestre. Os Magos ensinam-nos a abandonar as nossas certezas e comodidades. Ensinam-nos, enfim, a saber mudar quando for preciso, a desinstalarmo-nos, sem nos apegarmos ao sítio do costume. Eles convidam-nos, sobretudo, a saber transmitir a luz de Deus, a *sermos testemunhas do que vimos, ouvimos e tocamos acerca do Verbo da Vida (I Jo.1,1-2)*, a convertermo-nos em “estrelas”, que guiam os outros ao encontro da Luz do Natal.

**II.** Fazem-nos falta *estrelas* assim, porque hoje, como outrora, «*a noite cobre a terra, e a escuridão os Povos*» (Is.60,2). Predomina um tom sombrio no nosso mundo, na nossa sociedade e nas nossas instituições: Poderíamos, pois, olhar para este novo ano, e perguntar como será e para que será a *guerra no Iraque*: se para defesa, se para vender armas, se para impor ao mundo um respeito que leve todo o planeta a vergar-se diante de uma grande potência. Se como parece claro, a palavra-chave desta guerra, fria nas causas, e quente nos seus efeitos, se chama simplesmente “petróleo”.Também não se sabe o que dará o *caldo europeu* dos Quinze que vai juntar mais dez retalhos geográficos e culturais que se foram patrioticamente aconchegando à custa de sangue, suor e lágrimas!

*Aqui neste nosso canto*, não sabemos os rios que vão transbordar, as margens que irão comprimir, os sobressaltos políticos, sociais e eclesiais que cada tempo novo comporta. Sabe-se que a sociedade e a Igreja não vivem tempos fáceis. Percebe-se que o embate social faz estragos, estimula avanços e agita rotinas. Sabe-se que há gerações que precisam de coragem para dar lugar aos novos. Sabe-se que nada detém a fúria da mudança. Sabe-se que o barco da história continua a fazer-se implacavelmente ao largo, deixando no cais os lenços húmidos de todos os medrosos da viagem.

**III.** No meio da obscuridade do nosso tempo, não interessa nada olhar para os astros e fazer futurologia, com o brilho baço dos novos magos deste tempo, com os vaticínios de cartomantes e adivinhos, sempre prontos a vender-nos, de barato, o futuro. É preciso, como os Magos, deixar para trás todo esse mundo de saberes apressados, para se deter e aprender diante do Menino, que é *sabedoria de Deus*. Ele tem nas mãos as «sete estrelas» (Ap.2,1), a medida do tempo e o tamanho da eternidade, que inclui o passado e envolve o futuro, que abraça o nosso presente e lhe dá a medida lenta e fecunda de Deus. Sabemos que Deus não deixou o barco da história à deriva. Diz-nos a fé que, para além de todos os solavancos, tempestades e turbulências, o relógio de Deus continua a marcar a hora certa de cada acontecimento, integrado dos séculos e nos milénios. E sabemos que não passamos de um insignificante fragmento desse todo.

**IV.** Os Magos convidam-nos a *dilatar o coração* (cf.Is.60,5) para não ter medo do futuro. A adorar só a Deus, em qualquer parte do caminho, sem se perder ou prender a estrelas cadentes, prontas a enganar e a desenganar o nosso desejo.

Os Magos desafiam-nos a levantarmo-nos do chão, para pormos os nossos pés, em caminho largo. Que ali onde houver escuridão, também haverá Luz. E a Luz sempre brilhará nas trevas, para quem não perder o norte da Estrela a luzir no seu coração e a reluzir no rosto do seu irmão. Vinde, adoremos o Senhor!

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor A 2002**

Pus-me no caminho de Belém e registei as memórias de três companheiros de viagem. Que me deram licença para publicar algumas perguntas silenciosas e outras tantas respostas caladas. Vamos a isso. Ao Diário de uns Magos. Chamemos-lhes, por respeito à tradição, Gaspar, Belchior e Baltasar.

Gaspar vai à frente. Negro como a noite. Mas iluminado pela estrela do desejo. Insatisfeito de tudo, faz-se ao caminho. Desfaz-se de todos os seus bens e dialoga assim, na noite estrelada:

- “Senhor, sois o meu Deus, sois o meu Senhor e nunca Vos vi. Vós me criastes e redimistes, concedestes-me todos os bens que possuo e ainda não Vos conheço. Fui criado para Vos ver e não atingi ainda o fim para que fui criado. Então, Senhor, até quando escondereis de mim o vosso rosto? Quando iluminareis os meus olhos e me mostrareis o vosso rosto? «É o vosso rosto, Senhor, que eu procuro!» (*Sal* 27/26,8)

- É um Salmista este Mago. «E não podia ter recebido resposta melhor e mais surpreendente que a contemplação do rosto de Cristo. N'Ele, Deus nos abençoou verdadeiramente, fazendo «*resplandecer sobre nós a luz do seu rosto*» (*Sal* 67/66,2)» (N.M.I. 23). Gaspar viu mais do que esperava: viu o rosto do verdadeiro Deus e o rosto mais perfeito do Homem. No Deus feito Homem.

**Belchior, esse vinha desorientado, mesmo vindo do Oriente. Para trás, ficara a Escola e a sacola do saber aprendido de memória. Os livros deram-lhe ciência bastante. Mas ele desejava aquela sabedoria que se aprende de cor. Enquanto o camelo galopava, lentamente, ele lá ia suplicando do coração:**

- «Ensinai-me a procurar-Vos, Senhor, porque não posso procurar-Vos, se não mo ensinais. Não posso encontrar-Vos, se não Vos mostrais»... «É o vosso rosto, Senhor, que eu procuro!» (*Sal* 27/26,8)

**-** É um aprendiz este Mago, na procura do rosto de Cristo. Servir-lhe-á de guião a Palavra de Deus, na sabedoria do Velho testamento e na Palavra luminosa do Novo. É aí que o mistério de Cristo se esboça e se revela (cf. N.M.I.17.) De facto, “a contemplação do rosto de Cristo não pode inspirar-se senão naquilo que se diz d'Ele na Sagrada Escritura”. De tal modo que «desconhecer as Escrituras é ignorar Cristo». Ancorado nesta Palavra, antiga e sempre nova, o Mago vai formoso e seguro, no rasto do testemunho vivo dos Apóstolos, daqueles precisamente que viram o Verbo da Vida, com os seus próprios olhos, O escutaram com os seus ouvidos e O tocaram com as suas mãos (cf. I Jo,1,1). Bíblia e Igreja, dois guias seguros no caminho deste Mago.

**Baltasar chegou ao Presépio, carregado de dúvidas. O cenário era poético mas não o convencia. Viu e não acreditou logo. Faltava-lhe, além da Estrela, para, seguir de noite, uma luz, para todo o dia, uma luz que o deixasse ver. Diante do Presépio, já a pensar no regresso, ele desabafa ainda em silêncio:**

- Senhor meu Deus, ensinai ao meu coração aonde e como hei de buscar-Vos, aonde e como poderei encontrar-Vos? Se estais em toda a parte, porque não Vos encontro aqui presente? Com que sinais, com que aspeto Vos devo procurar?' Nunca Vos vi, Senhor meu Deus; não conheço o vosso rosto! E «é o vosso rosto, Senhor, que eu procuro!» (*Sal* 27/26,8)

- Este é o Mago incrédulo. Que precisa de ver para crer. Mas não vê sem acreditar. “Na realidade, por mais que se olhasse e tocasse o corpo de Jesus, *só a fé podia penetrar plenamente no mistério daquele rosto*. A Jesus só se chega verdadeiramente pelo caminho da fé” (N.M.I. 19).

**- E nós, também,** na peugada dos Magos, com o Presépio ainda à nossa frente, vemo-nos “gregos” e desejamos, do fundo do coração. Como eles “*queríamos ver a Jesus»* (*Jo* 12,21)! E dizemos: «É o vosso rosto, Senhor, que eu procuro»! (*Sal* 27/26,8)

- Como aqueles peregrinos de há dois mil anos, os homens do nosso tempo pedem aos crentes de hoje não só que lhes «falem» de Cristo, mas também que de certa forma lh'O façam «ver». E não é porventura a missão da Igreja *refletir a luz de Cristo* em cada época da história, e por conseguinte fazer resplandecer o seu rosto também diante das gerações do novo milénio? Mas o nosso testemunho seria excessivamente pobre, se não fôssemos primeiro *contemplativos do seu rosto.* Ao retomarmos o caminho de sempre, também o nosso olhar permanece mais intensamente *fixo no rosto do Senhor”* (N.M.I. 16).

E os nossos Magos continuam calados. Sigamos-lhe o rasto, para encontrar o rosto de Cristo. Só pel*a experiência do silêncio e da oração* alcançaremos um conhecimento mais verdadeiro, aderente e coerente daquele mistério, pelo qual «o Verbo se fez carne e habitou no meio de nós» (*Jo* 1,14). Vinde, adoremos!

**Homilia na Epifania do Senhor 2001**

Encerramento do Jubileu

**1.** “*Levanta-te e resplandece, Jerusalém. Olha ao redor e vê: todos se reúnem e vêm ao teu encontro; os teus filhos vão chegar de longe e as tuas filhas são trazidas nos braços. Quando o vires ficarás radiante, palpitará e dilatar-se-á o teu coração*”... E assim foi durante o Jubileu que agora se conclui. A Igreja dilatou o coração e alegrou-se... Roma encheu-se de crianças, consagrados, doentes, artistas, diáconos permanentes, membros da cúria, artesãos e trabalhadores, presbíteros, cientistas, migrantes e peregrinos, jornalistas, encarcerados, adolescentes e jovens, professores, universitários, Idosos, Bispos, Famílias, Desportistas, Governantes e Parlamentares, Autarcas e Políticos, Agricultores, Militares e Polícia, Bombeiros e Forças de Segurança, Deficientes, Catequistas e, por fim, algumas estrelas do mundo do Espetáculo... Em Roma e por toda a Igreja, (também na nossa), viveu-se um ano de manifestações... de culto e de cultura, um ano inteiro de «*epifania*», de manifestação... A Igreja revelou-se «casa» de portas abertas, oferecendo Cristo a todos os peregrinos, aos crentes e a todos os homens de boa vontade. A Igreja serviu de presépio e tornou-se verdadeiramente “*o berço onde Maria depõe Jesus e o confia à adoração e contemplação de todos os Povos*” (IM 11)... Alguns, entre tantos e muitos peregrinos, como os Magos, terão encontrado o Senhor, dentro da velha casa da Igreja e na manjedoura da Eucaristia. Outros, porventura, terão ficado confusos perante as notícias do Salvador e perdido a sua fé ou a sua cabeça, como Herodes, às portas de Belém. Talvez o Jubileu nos tenha servido apenas de balão de ensaio, para novos caminhos de evangelização, para novos meios e linguagens, novo ardor e entusiasmo, nesta obra de dar a *conhecer o mistério de Cristo a todos os Povos* e de fazer que *a sua* *mensagem chegue aos confins da Terra*!

**2.** Agora, estourado o champagne do milénio, apagadas as luzes da festa e silenciado o ruído das grandes manifestações do Jubileu, é tempo realmente de seguir, de anunciar e testemunhar Jesus Cristo, mas - creio -, como os Magos, «*por outro caminho*»... caminho menos vistoso e mais humilde, de procura árdua e de encontro aberto entre a Igreja e o Mundo, entre judeus e gentios, entre cristãos e homens de boa-vontade. Caminho feito de perguntas, mais do que de respostas. É, porventura, um caminho de afetos, mais que de efeitos sonoros ou visuais. É uma travessia invisível, porque nada está riscado, medido, programado, previsto ou definido à partida. Caminho estrelado de surpresas e, a maior parte das vezes, feito «*pela noite dentro*». É um caminho onde a Igreja bem pode e deve servir de Estrela... e de guia, de bússola e de companhia, no encalço da Luz. E caminhar, ao lado dos «Magos» de hoje, que procuram a verdade e a beleza, a luz e a salvação..., dando-lhes alegria e esperança, porque apesar da noite, *«a Luz brilha nas trevas»...*

**3.** Esta é a única certeza que temos na mão, dois mil anos depois. O resto é a insegurança total, face aos novos caminhos que se abrem. Na realidade, o dia, o ano e o século que vêm a caminho, não são apenas salpicados de surpresa. São tudo surpresa. Tudo o que não chegou e mesmo o que esperamos como certo... pode rodar e seguir um percurso que nada tem a ver com as mais documentadas previsões. Os cartomantes, bruxos e adivinhos, *os magos* daquele e do nosso tempo, nunca acertaram nas teatrais profecias que costumam vender, à mistura com jogos de signos e conjugações de energias que só eles vislumbram. O tempo é de surpresa... E o que é preciso estar atento aos sinais, no meio da noite dos tempos!

**4.** É sobre essa estrada desconhecida, rasgada diante de nós, que estendemos o tapete macio da ilusão, para podermos serenamente percorrer os nossos dias de hoje e amanhã. O Jubileu acabou. É o fim das grandes manifestações. Mas o tempo da graça continua. Continuam as Estrelas no Céu a dourar o nosso caminho! Tenhamos olhos para as ver. Coragem para partir. Humildade para acolher. Capacidade para mudar... e seguir por outro caminho... no Caminho de sempre, que é Cristo, nossa Luz! E a graça do Senhor que se «*manifestou*» aos Magos, «*manifestar-se-á sempre no meio de nós, até à sua vinda no fim dos tempos*».

**Homilia na Epifania do Senhor 2000**

**Jubileu Vicarial dos Jovens**

**1.** Uns Magos perguntam: «*onde está o rei dos judeus que acaba de nascer»?* Não se trata de uma pergunta arrogante, à qual se tivesse de dar uma explicação... É a interrogação que brota de corações inquietos, de almas tocadas pela surpresa, de vidas em busca de Algo, de Alguém mais. «*Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l’O*». Era como se um sinal da Estrela despertasse o coração dos Magos para a Luz. Esta é uma pergunta, em tudo semelhante àquela de Cristo, que o Papa colocava em primeiro lugar aos jovens: «*Quem procurais?»* (cf. Jo 20, 15) Não vos foi perguntado: “*O que é que procurais*?” «Essa é a tentação de muitos jovens do nosso tempo, de gastar as suas energias e esgotar as suas iniciativas em busca de coisas deste mundo, de situações materiais, de um futuro efémero, de uma felicidade precária, não percebendo que só interessa procurar uma pessoa, Jesus Cristo». E os Magos procuram-na sinceramente. Procuram Jesus Cristo, porque há no coração do Homem uma brecha de abertura para o Alto. E muito embora, alguns, com medo de perder a razão, neguem a Deus, ou tentem esquecer ou adiar o problema da sua existência, Deus permanece como uma inquietação impossível de silenciar... Torga diria, dolorosamente: «*Deus, o meu eterno pesadelo. Tive sempre a força de o negar, nunca a coragem de esquecê-lo*». E o homem se procura Deus, é para, em primeiro lugar, se entender a si próprio, pois é n’Ele que encontra a resposta radical para a sua busca de sentido e de felicidade na Vida.

**2.** Nesta busca, os Magos aperceberam-se de uma Estrela, deram conta de que também Deus vinha ao seu encontro, dando sinal de Si e do seu interesse por eles... numa palavra, que Deus se «*revelava*»... Perceberam então de que nada valiam as suas perguntas e as suas respostas, se não fossem iluminados por aquela Luz divina. Sabiam de que nada serviria a sua busca, se Deus não viesse ao seu encontro. Os Magos fazem a experiência de Pedro e dos discípulos, anos mais tarde, quando Jesus lhes faz esta pergunta: **Vós quem dizeis que Eu sou?** (Mt 16,15). Jesus faz esta pergunta, a segunda, aos discípulos que já O tinham seguido. A eles Jesus quer revelar mais intimamente o Seu mistério. Pedro respondeu bem e foi feliz. Não pela inteligência do seu muito saber, mas pela graça de *uma revelação* que recebera do Pai. Para Ele, como para os Magos, a resposta vinha ao seu encontro e era causa de grande alegria. “*Parando no lugar onde estava o Menino, viram a estrela e sentiram grande alegria*”, diz o Evangelho.

**3.** Depois, “*prostrando-se, os Magos adoraram-n’O*”! Porque só Ele, Jesus Cristo, é o Senhor. Só Ele o Caminho e fora d’Ele todo o caminho é sem saída. Só Ele é a Verdade e fora d’Ele não há Luz. Só Ele é a Vida, e sem Ele, nada feito. É esta mensagem que, de modo particular os jovens, devem comunicar a todos os que, sinceramente, buscam o rosto de Deus: Jesus Cristo é o Caminho e fora d’Ele todo o caminho é sem saída. «*Senhor, a quem iremos? Só Tu tens palavras de vida eterna* (Jo 6, 68)». Foi a resposta de Pedro, à terceira pergunta de Jesus: «*E vós, também vos quereis ir embora?*» (Jo.6,67). É uma resposta de adoração e de compromisso, de convicção e de conversão. Pois implica mudança de rota. De caminho e de vida. «*Regressaram, por outro caminho*».

**4.** E os Magos regressaram por outro caminho, mesmo contra a vontade de Herodes. O Papa foi claro na Mensagem que vos dirigiu, por ocasião do Jubileu dos Jovens: para ser fiel a Jesus Cristo, é preciso ter a coragem de "**ir contra a corrente**". Essa coragem precisa da audácia dos santos e da radicalidade do martírio, expressa nas situações da vida que partilhais com todos os outros jovens:

*É preciso ser diferente no modo de amar*. A todos os jovens, o Papa lembra a coragem de um amor casto e puro, pois só assim o amor será gratuito, generoso, expressão do amor com que Cristo nos ama.

*É preciso ser diferente na relação com o dinheiro e os bens materiais*, que não devem aprisionar o nosso coração, mas ser instrumento de amor fraterno.

*É preciso ser diferente na luta pela paz*, vencendo toda e qualquer tentação de violência, praticando na nossa vida de relação com quem nos está próximo os ideais que proclamamos acerca da paz.

*É preciso ser diferente na maneira de conceber a vida como um serviç*o, o sucesso e a realização pessoais como um contributo para a edificação de um mundo mais justo e mais fraterno. Sublinhando o caráter heroico da existência cristã, o Santo Padre pergunta: "*Queridos jovens, num mundo assim, é difícil acreditar? No ano dois mil é difícil acreditar? Sim, é difícil. Não vale a pena escondê-lo. É difícil, mas com a ajuda da graça é possível*".

**5.** Além do mais a aventura da fé é um caminho que não se percorre sozinho. João Paulo II lembra-vos isso: "*Queridos jovens, em tarefas tão nobres não estais sozinhos. Convosco estão as vossas famílias, as vossas comunidades, estão os vossos sacerdotes e educadores, estão tantos de vós que, sem fazer alarde, não se cansam de amar a Cristo e de acreditar n'Ele. Na luta contra o pecado, não estais sozinhos: muitos como vós lutam e, com a graça do Senhor, vencem*".

**6.** Queridos jovens! A vossa adesão a Jesus Cristo só será definitiva se experimentardes encontrá-l'O na Eucaristia, sinal da Sua presença e do Seu amor, até ao fim. "A Eucaristia é o sacramento da presença de Cristo que Se dá a nós, porque nos ama. Ele ama cada um de nós, de maneira pessoal e única. Cristo ama-nos sempre, mesmo quando o desiludimos, quando não correspondemos às suas expectativas a nosso respeito. Nunca nos fecha os braços da Sua misericórdia". Apesar do Jubileu que agora acaba, a Porta da Salvação, à entrada do Presépio de Belém, permanece aberta para todos. Quem entrar por Ela será salvo! E terá a Luz da Vida! Vinde, adoremos!

**Rito do Envio:**

**7.** Que este «regressar por outro caminho» dos Magos, nos ajude a fazer deste encontro uma Festa de envio em missão. E se torne um convite a todos, padres e pais, educadores e jovens, a sermos **inventivos no encontrar novos caminhos** de pastoral para a evangelização dos jovens.

**Homilia na Epifania do Senhor 1999**

**1.** Uns Magos perguntam: «*onde está o rei dos judeus que acaba de nascer»?* Não se trata de uma pergunta arrogante, à qual se tivesse de dar uma explicação... É a interrogação que brota de corações inquietos, de almas tocadas pela surpresa, de vidas em busca de Algo, de Alguém mais. «*Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l’O*». Era como se um sinal da Estrela despertasse o coração dos Magos para a Luz. E eles procuram-na verdadeiramente. Na verdade, há no coração do Homem uma brecha de abertura para o Alto. E muito embora, alguns, com medo de perder a razão, neguem a Deus, ou tentem esquecer ou adiar o problema da sua existência, Deus permanece como uma inquietação impossível de silenciar... Torga diria, dolorosamente: «*Deus, o meu eterno pesadelo. Tive sempre a força de o negar, nunca a coragem de esquecê-lo*». E o homem se procura Deus, é para, em primeiro lugar, se entender a si próprio, pois é n’Ele que encontra a resposta radical para a sua busca de sentido e de felicidade na Vida...

**2.** Nesta busca, os Magos aperceberam-se de uma Estrela, deram conta de que também Deus vinha ao seu encontro, dando sinal de Si e do seu interesse por eles... numa palavra, que Deus se «*revelava*»... Perceberam então de que nada valiam as suas perguntas e as suas respostas, se não fossem iluminados por aquela Luz divina. Sabiam de que nada serviria a sua busca, se Deus não viesse ao seu encontro. Por isso, captaram os sinais da Luz de Deus, «viram *e estrela*», escutaram a palavra dos profetas, que lhes falavam de Belém, e dos homens religiosos que falavam em nome de Deus... Mas a resposta estava no Caminho. E vinha ao seu encontro. Por isso, parando no lugar onde estava o Menino, viram a estrela e sentiram grande alegria. Sempre que Deus se manifesta e descerra a noite com a luz do dia, é uma grande festa. Eles entraram e Deus se lhes manifestava no Menino. Deus, que outrora falara de muitos modos, falava-lhes agora pelo Filho" *(cf. Heb 1, 1-2)*. Era difícil ir mais longe: poder ouvir o próprio Filho de Deus a falar-nos de Deus...

**3.** É esta mensagem que, sempre, e de modo particular durante este ano, a Igreja deve comunicar a todos os que, sinceramente, buscam o rosto de Deus: ***Jesus Cristo é o caminho***; Ele introduz-nos na intimidade de Deus. Um dia o Apóstolo Tomé suplicava: «*Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta*». E Jesus apresentara-se então como o único caminho para chegar ao Pai: "*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai, a não ser por Mim*" (cf. Jo 14, 6-7). A ânsia do absoluto, semeada por Deus no coração do homem, não se sacia com o simples reconhecimento da existência de Deus. Podemos aceitar que Deus existe e Ele continuar a ser, para nós, um desconhecido. O homem foi criado para penetrar e participar da intimidade de Deus e aí... só Jesus Cristo, o Filho, nos pode introduzir.

**4.** Que ao longo deste ano de 1999, dedicado à contemplação amorosa do Pai que está nos Céus, a nossa busca de Deus seja mais intensa e mais humilde. Rezemos assim: «*Ensinai-me, ó Deus, a procurar-Vos e mostrai-me o vosso rosto; porque não posso procurar-Vos, se não mo ensinais. Não posso encontrar-Vos, se não Vos mostrais. Desejando Vos procurarei, e procurando Vos desejarei; amando Vos encontrarei, e encontrando Vos amarei*»... (Santo Anselmo) por nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. Ámen.

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor B 1997**

*Onde está - perguntaram uns Magos - o rei dos judeus que acaba de nascer?*

*Onde está?* É a pergunta do peregrino em busca, do caminhante em marcha, do crente à procura. *Onde está?* Onde está a meta? Por onde é o Caminho? Na procura de um horizonte de esperança e de sentido para a Vida, os homens tentaram, desde sempre “*descobrir clareiras de luz na espessura da neblina que os envolvia. Aspiravam ardentemente pela hora em que o céu tocasse a terra e os homens pudessem, de algum modo, encontrar Deus*” e possuí-lo, abraçá-lo e tocá-lo de perto. A história das várias religiões é um cruzamento de estradas diversas e caminhos estreitos na busca de Deus. É uma história “*cheia de testemunhos da permanente insatisfação do coração humano e das respostas, tantas vezes imperfeitas*”, que entretanto lhe foram sendo dadas. E por isso, na sua procura insatisfeita, o homem ainda pergunta: «*Onde está*»? Onde está Aquele que o meu coração ama? Onde está a Luz dos meus olhos, a Estrela dos meus passos perdidos?...

E *quando chegou a plenitude dos tempos*, os céus, de facto, abriram-se. Veio o próprio Deus ao encontro do Homem, Ele mesmo em Pessoa, Jesus Cristo, Ele mesmo a resposta plena à nossa pergunta «*onde está?*». Em Jesus, Deus manifesta-se, excedendo a medida do desejo humano. Porque é então o próprio Deus que nos busca, que vem ao nosso encontro e se manifesta no corpo da nossa humanidade. «*Em Jesus Cristo, a religião deixa de ser «um procurar Deus como que “às apalpadelas” (Act.l7,27), para se tornar resposta da fé a Deus que se revela*» (TMA 6). Mais do que o esforço da busca de Deus pelo Homem, está a graça da Luz de Deus que brilha nas alturas. E é esta luz que primeiro atrai o Homem para Ele e o chama até si. *Ele é que é a Luz, que vindo a este mundo, ilumina todo o Homem.* Se, por um lado, em Cristo, Deus fala de si a toda a humanidade, por outro, toda a humanidade fala de si a Deus. E assim se cumpre a aspiração de todas as religiões do mundo. A do encontro do Homem com a plenitude da Luz divina.

Ao homem, resta, por isso, acolher o brilho desta Luz e continuar a sua busca. Sem certezas sabidas de cor. Mas aberto às surpresas do caminho. Ao homem resta a fé que, procurando, encontra. E encontrando, procura sempre mais. Resta ao crente caminhar, como mendigo que parte na confiança do que der e vier... A fé não é, por isso uma certeza alcançada, mas um caminho a percorrer, uma meta por atingir. A fé é-nos dada como um *raio de treva* para partir, sem cálculos nem previsões. Partir no risco de não saber onde se irá parar, na certeza única de que Deus nos espera e vem primeiro ao nosso encontro...

Em Jerusalém, foi assim. Uns Magos perguntaram «*onde está*»? E Deus acenou com o brilho da Estrela que a Luz estava por ali. Em Belém. E eles lá foram, buscaram e encontraram Aquele que só, pela fé, viram e adoraram!... E partiram!...

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 1996**

Vinham de longe estes filhos, ao sabor do encanto de uma Estrela, em busca do brilho singular de uma Luz nova, ainda por descobrir. Entre o relâmpago da partida e a Luz terna e suave do presépio de Belém, havia um longo caminho, uma noite de busca, e apenas uma Estrela a iluminar o horizonte.

Vinham de longe e bateram às portas de Jerusalém, o centro religioso de então. Passaram pelo Templo, pelo poder e pelo saber. E foi a desilusão. Ali que julgavam encontrar a brecha de abertura, a luz do caminho, topam com a cegueira obstinada do poder e a ignorância convencida da classe sacerdotal. Grande desilusão! Pareciam ter batido à porta errada. E do esplendor de Jerusalém caminham para a simplicidade bucólica de Belém...

Guiados ainda pela Estrela, isto é, tocados por um apelo profundo que não os deixou desanimar nem abater, movidos por um desejo, atraídos pela Verdade e pela justiça, puseram-se a caminho. A estrela parou sobre o lugar onde estava o Menino. O sinal dá lugar à realidade, a estrela cede à Luz. Eles ficaram cheios de alegria. Viram a salvação e, prostrando-se diante do Menino, adoraram-no!

Mas foi porque o exótico curral não tinha portas nem guardas que eles entraram. Sem seguranças nem guarda-costas, sem reservas de lugar nem exame de admissão, eles entraram livres e encontram a salvação. E foi esse gesto que abriu aos de fora, aos de longe, aos desconhecidos, aos indignos, a pessoa de Jesus. Foi assim que Deus se manifestou a todos os homens como Luz e salvação.

Dou-me hoje a pensar nesta história dos Magos, como uma espécie de encenação profética deste final do século. Uma multidão à procura de um Salvador, mas que se fixa em estrelas cadentes como se ali se contivesse toda a luz. E o fenómeno das seitas é a este respeito exemplar.Não raro, recusando passar pela Igreja, por esta nova Jerusalém, os homens do nosso tempo vão em busca de uma salvação «à la minute», sem compromisso, sem guia e sem caminho.

Mas não raro também, os homens do nosso tempo bateram às portas da Igreja e foram desiludidos. Chamada a ser «luz do mundo», a Igreja deve ser os olhos do corpo da Humanidade, através dos quais se vê a luz divina, através dos quais entra no mundo a luz divina. Olhos que se queiram ver a si mesmos são cegos. Mas muitas vezes a Igreja fala mais de si mesma, gira demasiado em torno de si mesma. Desse modo o testemunho do Deus vivo, que nos dá a luz e a Vida, não resplandece na Igreja, nem resplandece dela suficientemente. Em vez de expor Cristo, parece querer resguardá-lo para consumo interno! A Igreja não foi criada para si mesma, mas existe para ser os olhos, através dos quais todos possam atingir a luz de Deus.

Hoje, como ontem, ninguém pode aferrolhar o Salvador. Não tenhamos medo dos que chegam de fora, nem daqueles que mal sabem soletrar o seu nome. Sejamos acolhedores, Igreja de porta aberta. Que nenhum «zeloso guarda-costas», para defender a Igreja dos de fora, impeça Jesus de chegar à multidão. Deixem-no percorrer, abraçar e sorrir a Humanidade. Ele é de todos. E veio para todos...

**Homilia na Epifania do Senhor 1995**

Em Belém tudo dormia à hora em que o Menino ali estava para manifestar ao mundo o rosto de Deus. Mas, lá longe, uns homens, guiados pela linguagem silenciosa do universo, lançavam-se na aventura arriscada de irem à Sua procura! *Não se puseram a caminho porque tivessem visto a Estrela. Mas viram a Estrela porque se tinham posto a caminho...* Eram almas a caminho, já à espera, homens movidos pelo desejo de Deus. No seu coração uma Estrela se acendeu e souberam vê-la e deixar-se conduzir...

Caminho duro, certamente! Feito de trevas e dúvidas. Desnorteado até pelo brilho de tantas estrelas...Valia que eram mais que um a caminhar, em busca da Luz. Crer e caminhar sozinho seria impossível. Mas a fé de um reacendia a confiança dos outros. E a loucura da procura partilhada era já só meia loucura!...

Eis representado na figura dos Magos esta parcela de humanidade em busca de Deus. A cinco anos do fim do milénio todas as questões à volta do sentido da vida e da espiritualidade voltam bruscamente a reativar-se. A necessidade do espiritual, isto é, da busca de um sentido para a vida, é a grande questão do final do milénio, à mistura com o risco de desvios ligados ao pulular de seitas de toda a espécie. Há grandes sinais de busca do Messias num tempo em que as Estrelas do mundo faliram. Mas, no ocaso deste século, a retoma do religioso é manifesta mais na experiência interior do que na fidelidade a uma Tradição. Quer dizer, a tentação é a de fazer sozinho este caminho, um pouco ao jeito de cada um. Não se faz profissão de fé em nada e cada um vai acreditando um pouco à medida do que experimenta ao vivo. Mas, contraditoriamente, fenómenos como o sucesso do Catecismo da Igreja Católica, os 100.000 jovens da comunidade de Taizé que encheram as Igrejas e o Parque de Exposições de Paris, o aumento da prática dominical e da catequese, manifestam um desejo profundo de retomar as grandes tradições e a necessidade de encontrar uma resposta, uma palavra de esperança, um sentido firme e certo para a vida...

Este tempo assim, de busca e perdição, é um desafio para a Igreja. A Igreja precisa de fazer brilhar bem alto a Luz dos povos que é Cristo. Só a qualidade e a força das suas propostas poderão substituir o elo perdido da experiência interior.

Aos homens que caminham em busca de Deus, a Igreja deve anunciar-lhes um Deus que veio ao encontro de todos nós e está connosco. Pois será em vão esta busca se o homem despreza a sabedoria e a companhia dos outros, se lança perguntas sem procurar respostas... Levar a sério esta procura de Deus implica deixar-se mover por Ele, desmontar-se da armadura de tudo o que somos e sabemos e deixarmo-nos surpreender por um Deus inesperado...maior que as nossas perguntas! E sempre para lá das nossas respostas... Em vão é a busca do Homem se não for Deus a revelá-lo. E Ele já o fez em Cristo, a Palavra do seu amor. Há que escutá-la, celebrá-la, vivê-la.

***Querer ir em busca de Deus, sem a companhia da Igreja, qual Estrela no horizonte da Pátria da Luz... querer fazer caminho às cegas, sem a Luz da Palavra que é Cristo é como procurar uma agulha no palheiro!... Nas trevas do século que se despede, brilha para todos a Luz dos Povos que é Cristo. Vinde, adoremos!***

**Homilia na Solenidade da Epifania do Senhor 1994**

Não são três, nem são reis, nem deles se sabe o nome. São simplesmente «uns Magos vindos do Oriente». Ao que parece vinham do mundo da astrologia, dos horóscopos e da magia. São homens de um mundo ainda fascinado pela magia das estrelas, pelo brilho dos astros. Eram homens de um mundo de gente à procura, que, nos sinais do Céu e nos movimentos da Terra, procuravam o segredo da Vida e o mistério de Deus. Sinceros e humildes até mais não, deixaram a sabedoria que tinham. Guiados pela linguagem silenciosa do universo criado, pela harmonia do Cosmos, eles partiram para a aventura sempre fascinante da busca do Além. «Onde está, perguntam eles, o rei dos Judeus que acaba de nascer. Vimos a sua Estrela no Oriente e viemos adorá-lo»! Acolheram a indicação dada pela Palavra do Profeta e puseram-se em busca do Rei e encontraram um Menino pobre e desvalido nos braços de uma Mulher. Depuseram as suas coroas e ajoelharam-se diante do Mistério. Nos Magos está representada esta parcela de humanidade capaz de renunciar à sua própria sabedoria e poder, à sua magia, aos ídolos e à astrologia, para reconhecer em Jesus o Filho de Deus no meio dos homens.

O seu itinerário é exemplar para a nossa caminhada de fé. Eu, por mim, atribuiria a estes Magos o Prémio Nobel da Fé. Abandonaram as suas certezas, deixaram-se guiar por um Sinal, conduzir-se por uma Palavra até se encontrarem com a Luz. E diante da Luz que se lhes descobria encheram-se de alegria, dobraram os joelhos e, no regresso, foram por outro caminho! Tudo tinha mudado de orientação. A Luz do Menino chegavam ao coração de todo o mundo, para lá das fronteiras de Israel.

Nos finais deste século XX assistimos a um movimento de procura de Deus impressionante. Faliram as estrelas deste mundo, falharam as soluções mágicas e anda errante o homem à procura do Além. O homem deste tempo dispõe-se de novo a acolher a Vida como um mistério imerso no desígnio de Deus. Simplesmente é um movimento contrário aos dos Magos. Eles partiram da Estrela para a Luz. Nós fugimos da Luz para as estrelas. Eles abandonaram a feitiçaria, a magia e o encanto dos astros para se deixarem iluminar pela Luz de Cristo. Os homens do nosso tempo recusaram ser guiados pela Igreja e iluminados por Cristo para se afogarem na bruxaria, na magia, nos horóscopos, nas seitas, no ocultismo, em práticas orientais, para todos os gostos e feitios, fabricaram ídolos, vão em crendices ridículas e obscenas. Quer dizer que o retorno do religioso não é necessariamente o regresso à fé. Se os Magos deixaram a fantasia da magia para dobrarem o joelho à fé, acolhendo o Salvador, não falte hoje quem abandone a Igreja, para se dispersar pelos caminhos de uma religiosidade selvagem e mágica.

O desejo de Deus e de uma relação viva com Ele é hoje tão forte que, onde falta o autêntico anúncio do Evangelho, cresce a difusão de formas de religiosidade sem Deus e de inúmeras seitas. Mas cabe-nos também refletir que irradiação de Luz passa pela Igreja? Que resposta daremos nós àqueles que, no meio da Cidade, andam em busca e nos perguntam «onde está o Salvador?».

Seremos como os homens da religião daquele tempo que sacaram de uma frase sabida e mais nada? Que experiência de fé brilha em nossas vidas para atrairmos esta multidão de gente perdida na sua busca? Faltam-nos razões e nem sempre o testemunho é luminoso. Sem esquecer que a ignorância religiosa explica, em grande parte, a difusão de cultos mágicos, do ocultismo e das seitas. Proponho, por isso, para este ano de 94 o lançamento da Catequese de Adultos. Para dar as razões da fé, para fazer um caminho de descoberta e experimentar a alegria de uma vida, iluminada pela Luz que é Cristo e guiada pela Igreja, qual Estrela erguida no meio do mundo. Foi assim com os Magos. Seja assim connosco.

***MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II   
PARA A XX JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE***

**COLÓNIA (ALEMANHA) | AGOSTO DE 2005**

**"Viemos adorá-l’O" (*Mt 2,2)***

*Caríssimos jovens*!

1. *"Viemos adorá-l’O" (Mt* 2,2).

Na realidade, a luz de Cristo já esclarecia a inteligência e o coração dos Magos. *"Eles partiram" (Mt* 2,9), narra o evangelista, lançando-se corajosamente por estradas desconhecidas e empreendem uma viagem longa e difícil. Não hesitam em deixar tudo para seguir a estrela que tinham visto surgir no Oriente (cf. *Mt* 2,1). À imitação dos Magos, também vós, queridos jovens, vos preparais para realizar uma "viagem" partindo de todas as regiões do globo para Colónia. É importante que não vos preocupeis apenas da organização prática da Jornada Mundial da Juventude mas é necessário que vos ocupeis, em primeiro lugar, da sua preparação espiritual, numa atmosfera de fé e de escuta da Palavra de Deus.

2. *"E a estrela... ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o Menino, parou" (Mt* 2,10). Caríssimos, é importante aprender a *perscrutar os sinais* com os quais Deus nos chama e nos guia. Quando temos a consciência de sermos guiados por Ele, o coração experimenta uma *alegria autêntica e profunda,* que é acompanhada por um desejo sincero de O encontrar e por um esforço perseverante em segui-lo docilmente.

*"Entrando na casa, viram o Menino com Maria, sua mãe" (Mt* 2,11). Nada de extraordinário à primeira vista. Contudo, aquele Menino é diferente dos outros:  é o Filho unigénito de Deus que *se despojou da sua glória* (cf. *Fl* 2,7) e veio à terra para morrer na Cruz. Desceu entre nós e fez-se pobre para nos revelar a glória divina, que contemplaremos plenamente no Céu, nossa pátria bem-aventurada.

Quem poderia inventar um sinal de amor maior? Permaneçamos extasiados diante do *mistério de um Deus que se humilha* para assumir a nossa condição humana até se imolar por nós na cruz (cf. *Fl* 2,6-8). Na sua *pobreza,* veio para oferecer a salvação aos pecadores, Aquele que como nos recorda São Paulo *"sendo rico, se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza" (2 Cor* 8,9). Como dar graças a Deus por tanta bondade magnânima?

3. Os Magos encontram Jesus em *"Bêt-lehem",* que significa *"casa do pão".* Na humilde gruta de Belém jaz, colocado em cima de um pouco de palha, *"o grão de mostarda"* que, morrendo, dará *"muito fruto"* (cf. *Jo* 12, 24). Para falar de si e da sua missão salvífica Jesus, ao longo da sua vida pública, recorrerá à imagem do pão. Dirá:  "*Eu sou o pão da vida", "Eu sou o pão que desceu do céu", "o pão que Eu hei de dar é a minha carne, pela vida do mundo" (Jo* 6, 35.41.51).

Repercorrendo com fé o itinerário do Redentor da pobreza desde o *Presépio* até ao abandono na *Cruz*, compreendemos melhor o mistério do seu amor que redime a humanidade. O Menino, colocado por Maria na Manjedoura, é o Homem-Deus que veremos pregado na Cruz. O mesmo Redentor está presente no sacramento da Eucaristia. Na *manjedoura de Belém* deixou-se adorar, sob as pobres aparências de um recém-nascido, por Maria, por José e pelos pastores; na *hóstia consagrada* adorámo-l'O sacramentalmente presente em corpo, sangue, alma e divindade, e oferece-se a nós como alimento de vida eterna. A *santa Missa* torna-se então o verdadeiro encontro de amor com Aquele que se entregou completamente por nós. Queridos jovens, não hesiteis em responder-Lhe quando vos convida *para o banquete do Cordeiro" (cf. Ap* 19,9). Escutai-O, preparai-vos de modo adequado e aproximai-vos do Sacramento do Altar, sobretudo neste Ano da Eucaristia (outubro de 2004-2005) que quis proclamar para toda a Igreja.

4. *"Prostrando-se, adoraram-no" (Mt* 2,11). Se no Menino que Maria estreita entre os seus braços os Magos reconhecem e adoram o esperado pelas nações anunciado pelos profetas, nós hoje podemos adorá-lo na Eucaristia e *reconhecê-lo como o nosso Criador, único Senhor e Salvador.*

*"Abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes:  ouro, incenso e mirra" (Mt* 2,11). Os dons que os Magos oferecem ao Messias simbolizam a verdadeira adoração. Mediante o ouro eles realçam a realeza divina; com o incenso confessam-no como sacerdote da nova Aliança; oferecendo-lhe a mirra celebram o profeta que derramará o próprio sangue para reconciliar a humanidade com o Pai.

Queridos jovens, oferecei também vós ao Senhor *o ouro da vossa existência*, ou seja, *a liberdade* de o seguir por amor respondendo fielmente à sua chamada; fazei subir para Ele o incenso da vossa *oração* fervorosa, o louvor da sua glória; oferecei-lhe a mirra, isto é, *o afeto repleto de gratidão por Ele,* verdadeiro Homem, que nos amou até morrer como um malfeitor no Gólgota.

5. Sede adoradores do único Deus, reconhecendo-lhe o primeiro lugar na vossa existência! A *idolatria* é uma tentação constante do homem. Infelizmente há quem procure a solução para os problemas em *práticas religiosas incompatíveis com a fé cristã.* É grande a tentação de pensar nos mitos de fácil sucesso e do poder; é perigoso aderir a conceções evanescentes do  sagrado que apresentam Deus sob a forma de energia cósmica, e de outras maneiras que não estão em sintonia com a doutrina católica.

Jovens, não cedais a *falsas ilusões* nem a *modas efémeras*, que muitas vezes deixam um trágico vazio espiritual! Recusai as *soluções* do dinheiro, do consumismo e da violência dissimulada que por vezes os meios de comunicação propõem. A adoração do verdadeiro Deus constitui um ato autêntico de *resistência contra qualquer forma de idolatria.* Adorai Cristo:  Ele é a Rocha sobre a qual construir o vosso futuro e um mundo mais justo e solidário. Jesus é *o Príncipe da paz,* a fonte de perdão e de reconciliação, que pode irmanar todos os membros da família humana.

6. *"Regressaram ao seu país por outro caminho" (Mt* 2,12). O Evangelho esclarece que, depois de ter encontrado Cristo, os Magos regressaram ao seu país "por outro caminho". Esta mudança de caminho pode simbolizar *a conversão* daqueles que encontraram Jesus e foram chamados a tornar-se os verdadeiros adoradores que Ele deseja (cf. *Jo* 4,23-24). Isto exige a imitação do seu modo de agir fazendo de si próprios, como escreve o apóstolo Paulo, um *"sacrifício vivo, santo e agradável a Deus".* O Apóstolo acrescenta depois que não se conformem com a mentalidade deste século, mas que se transformem renovando a mente, *"para poder discernir qual é a vontade de Deus:  o que é bom e lhe é agradável é perfeito"* (cf. *Rm* 12 1-2). Escutar Cristo e adorá-lo leva a fazer *opções corajosas,* a tomar decisões por vezes heroicas. Jesus é exigente porque deseja a nossa felicidade autêntica. Chama alguns a deixarem tudo para o seguir na vida sacerdotal ou consagrada. Quem sente este convite não tenha receio de lhe responder "sim" e ponha-se generosamente no seu seguimento. Mas, além das vocações de especial consagração, existe também a vocação própria de cada batizado:  também ela é vocação àquela "medida alta" da vida cristã ordinária que se expressa na santidade (cf. [*Novo millennio ineunte*](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte_po.html)*,* 31). Quando se encontra Cristo e se acolhe o seu Evangelho, a vida muda e somos estimulados a comunicar aos outros a própria experiência. São tantos os nossos contemporâneos que ainda não conhecem o amor de Deus, ou procuram encher o coração com alternativas insignificantes. É urgente, por conseguinte, ser *testemunhas do amor contemplado em Cristo.* O convite para participar na Jornada Mundial da Juventude é também para vós, queridos amigos que não sois batizados ou que não vos reconheceis na Igreja. Não é porventura verdade que também vós tendes sede de Absoluto e andais em busca de "algo" que dê significado à vossa existência? Dirigi-vos a Cristo e não sereis desiludidos.

7. Amados jovens, a Igreja precisa de testemunhas autênticas para a nova evangelização:  homens e mulheres cuja vida seja transformada pelo encontro com Jesus; homens e mulheres capazes de comunicar esta experiência aos outros. *A Igreja precisa de santos*. Todos somos chamados à santidade, e só os santos podem renovar a humanidade. Sobre este caminho de heroísmo evangélico foram muitos os que nos precederam e exorto-vos a recorrer com frequência à sua intercessão. Encontrando-vos em Colónia, aprendereis a conhecer melhor alguns deles, como *São Bonifácio*, o apóstolo da Alemanha, e *os Santos de Colónia,* particularmente Úrsula, Alberto Magno, Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) e o beato Adolph Kolping. Entre eles, gostaria de citar em particular *Santo Alberto e Santa Teresa Benedita da Cruz* que, com a mesma atitude interior dos Magos, procuraram apaixonadamente a verdade. Eles não hesitaram em colocar as próprias capacidades intelectuais ao serviço da fé, testemunhando assim que fé e razão estão ligadas e que uma se refere à outra. Caríssimos jovens encaminhai-vos idealmente para Colónia, o Papa acompanha-vos com a sua oração. Maria, "mulher eucarística" e Mãe da Sabedoria, ampare os vossos passos, ilumine as vossas opções, vos ensine a amar o que é verdadeiro, bom e belo. Acompanhe todos vós até ao seu Filho, o único que pode satisfazer as expectativas mais íntimas da inteligência e do coração do homem. Com a minha Bênção!

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI   
NA FESTA DE ACOLHIMENTO DOS JOVENS**

*Colónia, 18 de agosto de 2005*

No seu Evangelho, Mateus transcreve a pergunta que ardia no coração dos Magos: *"Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer" (Mt* 2,2). Procurar Jesus era o motivo pelo qual tinham enfrentado a longa viagem até Jerusalém. Por isso tinham suportado fadigas e privações sem ceder ao desencorajamento e à tentação de retroceder nos seus passos. Agora, que estavam próximos da meta, não tinham outra pergunta a fazer a não ser esta. É verdade que nós hoje já não procuramos um rei; mas estamos preocupados pela condição do mundo e perguntamos: onde encontro os critérios para a minha vida, os critérios para colaborar de modo responsável na edificação do presente e do futuro do nosso mundo? Em quem posso confiar? De quem posso confiar? Onde está Aquele que me pode oferecer a resposta satisfatória para as expectativas do coração?

Fazer estas perguntas significa antes de tudo reconhecer que o caminho não termina enquanto não se encontra Aquele que tem o poder de instaurar o Reino universal de justiça e de paz, pelo qual os homens aspiram, mas que não sabem construir sozinhos. Fazer tais perguntas significa procurar Alguém que não se engana e não pode enganar e por isso é capaz de oferecer uma certeza tão firme que permite viver por ela e, nesse caso, também morrer por ela. Queridos amigos, quando se apresenta no horizonte da existência esta resposta é preciso saber fazer as opções necessárias. É como quando nos encontramos numa encruzilhada: que caminho empreender? O que é sugerido pelas paixões ou o que é indicado pela estrela que brilha na consciência? Os Magos, ao ouvir a resposta: "*Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta*" *(Mt* 2,5), escolheram prosseguir o caminho e ir até ao fundo, iluminados por esta Palavra. De Jerusalém foram a Belém, isto é, da palavra que lhes indicava onde estava o Rei dos Judeus que procuravam até ao encontro com aquele Rei que era ao mesmo tempo o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

Aquela Palavra também nos é dita a nós. Também nós devemos fazer a nossa opção. Na realidade, considerando bem, é precisamente esta experiência que fazemos na participação em cada Eucaristia. De facto, em cada Missa, o encontro com a Palavra de Deus introduz-nos na participação no mistério da cruz e ressurreição de Cristo e assim introduz-nos na Mesa eucarística, na união com Cristo. Sobre o altar está presente Aquele que os Magos viram deitado na manjedoura: Cristo, o Pão vivo que desceu do céu para dar a vida ao mundo, o verdadeiro Cordeiro que dá a própria vida pela salvação da humanidade. Iluminados pela Palavra, é sempre em Belém na "Casa do pão" que podemos fazer o encontro arrebatador com a grandeza inconcebível de um Deus que se humilhou a ponto de se mostrar na manjedoura, de se oferecer como alimento no altar.

Podemos imaginar a admiração dos Magos diante do Menino envolvido em panos! Só a fé lhes permitiu reconhecer nas feições daquele menino o Rei que procuravam, o Deus para o qual a estrela os tinha orientado. N'Ele, preenchendo o abismo entre o finito e o infinito, entre o visível e o invisível, o Eterno entrou no tempo, o Mistério revelou-se entregando-se a nós nos membros frágeis de um pequeno menino. "Os Magos estão admirados diante do que veem; o céu sobre a terra e a terra no céu; o homem em Deus e Deus no homem; veem contido num corpo pequenino quem não pode ser contido por todo o mundo" *(São Pedro Crisólogo,* Sermão 160, n. 2).

Queridos jovens, a felicidade que procurais, a felicidade que tendes o direito de saborear tem um nome, um rosto: o de Jesus de Nazaré, oculto na Eucaristia. Só ele dá plenitude de vida à humanidade!

Com Maria, dizei o vosso "sim" àquele Deus que deseja oferecer-se a vós. Repito-vos hoje o que disse no início do meu pontificado:

"Quem faz entrar Cristo [na própria vida] nada perde, nada absolutamente nada do que torna a vida livre, bela e grande. Não, só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade desabrocham realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade nós experimentamos o que é belo e o que liberta" *(*[*Homilia para o início do ministério de Supremo Pastor*](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato_po.html)*,* 24 de abril de 2005).

Disto estai plenamente convictos: Cristo de nada vos priva do que tendes em vós de belo e de grande, mas tudo leva à perfeição para glória de Deus, a felicidade dos homens e a salvação do mundo.

Nestes dias convido-vos a comprometer-vos sem reservas a servir Cristo, custe o que custar. O encontro com Jesus Cristo permitir-vos-á saborear interiormente a alegria da sua presença viva e vivificante para depois a testemunhar à nossa volta.

**VIGÍLIA DE ORAÇÃO COM OS JOVENS   
NA ESPLANADA DE MARIENFELD**

***DISCURSO DO PAPA BENTO XVI***

*Sábado, 20 de agosto de 2005*

*Queridos jovens*!

Na nossa peregrinação com os misteriosos Magos do Oriente chegámos àquele momento que São Mateus no seu Evangelho nos descreve assim: "*entrando na casa (sobre a qual a estrela tinha parado), viram o Menino com Maria, sua Mãe. Prostrando-se, adoraram-n'O*" *(Mt* 2,11). O caminho exterior daqueles homens tinha terminado. Tinham chegado à meta.

Mas a este ponto, começa para eles um novo caminho, uma peregrinação interior que altera toda a sua vida. Porque, certamente, tinham imaginado este rei recém-nascido de maneira diferente. Tinham-se detido precisamente em Jerusalém para obter do Rei local notícias acerca do Rei prometido que acabara de nascer. Sabiam que ***o mundo estava em desordem, e por isso o seu coração andava irrequieto***.

Tinham a certeza de que Deus existe e que é um Deus justo e benigno. E talvez tenham ouvido falar também das grandes profecias, com as quais os profetas de Israel anunciavam um Rei que estaria em íntima harmonia com Deus, e que em seu nome e por seu encargo teria restabelecido a ordem no mundo.

Para procurar este Rei tinham-se posto a caminho: *do fundo do seu coração andavam à procura do direito, da justiça que devia vir de Deus, e desejavam ouvir aquele Rei, prostrar-se aos seus pés e desta forma servir, eles mesmos, a renovação do mundo*. Pertenciam àquele género de pessoas "*que têm fome e sede de justiça*" *(Mt* 5,6). Tinham seguido esta fome e esta sede na sua peregrinação tinham-se feito peregrinos em busca da justiça que esperavam de Deus, a fim de se poderem pôr ao seu serviço.

Mesmo se os outros homens, os que permaneceram em casa, os consideravam talvez utopistas e sonhadores, eles, ao contrário, eram pessoas com os pés no chão, e sabiam que para *mudar o mundo é preciso ter poder*. Por isso não podiam procurar o menino da promessa a não ser no palácio do Rei.

Mas agora, inclinavam-se diante de um menino filho de gente pobre, e muito depressa vêm a saber que Herodes aquele Rei junto do qual tinham ido pretendia ameaçá-lo com o seu poder, de forma que a família só teria como alternativa a fuga e o exílio.

O novo Rei, diante do qual se tinham prostrado em adoração, diferenciava-se muito da expectativa deles. Portanto, tinham que aprender que era diferente do modo como nós normalmente o imaginamos. *Começou assim o seu caminho interior*. Começou no mesmo momento em que se prostraram diante deste menino e o reconheceram como o Rei prometido. Mas eles ainda tinham que alcançar interiormente estes gestos jubilosos. Deviam mudar a ideia que tinham acerca do poder, de Deus e do homem e, fazendo isto, deviam também *eles mesmos mudar*.

Então vejamos: o poder de Deus é diferente do poder dos poderosos do mundo. A maneira de agir de Deus é diferente de como nós a imaginamos e de como gostaríamos de a impor também a Ele. Neste mundo***, Deus não entra em concorrência com as formas terrenas do poder. Não contrapõe as suas divisões a outras divisões*.** Deus não envia a Jesus, no monte das oliveiras, doze legiões de anjos para o ajudarem (cf. *Mt* 26,53). Ele contrapõe ao poder rumoroso e prepotente deste mundo o poder inerme do amor, que na Cruz e depois sempre de novo no decorrer da história se submete, e contudo constitui a novidade divina que depois se opõe à injustiça e instaura o Reino de Deus. Deus é diferente é isto que agora reconhecem. E isto significa que *eles mesmos devem tornar-se diferentes, devem aprender o estilo de Deus*.

Servindo-O e seguindo-O, desejavam servir, juntamente com ele, a *causa da justiça e do bem no mundo*. E nisto tinham razão. Mas agora aprendem que ela não pode ser realizada simplesmente por meio de ordens e do alto de um trono. Agora aprendem que se devem oferecer a si mesmos uma doação menor do que esta não è suficiente para este Rei. Agora aprendem que a sua vida deve conformar-se com este modo divino de exercer o poder, com esta forma de ser do próprio Deus. *Devem tornar-se homens da verdade, do direito, da bondade, do perdão e da misericórdia*.

Não voltarão a perguntar: Para que me serve isto? Ao contrário, deverão perguntar: Com que sirvo a presença de Deus no mundo? Devem aprender a perder-se a si mesmos e precisamente assim a encontrar-se a si mesmos. Ao irem embora de Jerusalém, devem continuar sobre as pegadas do verdadeiro Rei, no seguimento de Jesus.

Permiti que eu acrescente apenas mais duas breves reflexões.

São muitos os que falam de Deus; em nome de Deus prega-se também o ódio e pratica-se a violência. Portanto, é importante *descobrir o verdadeiro rosto de Deus*. Os Magos do Oriente encontraram-no, quando se prostraram diante do Menino de Belém. "Quem Me vê, vê o Pai", dizia Jesus a Filipe *(Jo* 14,9). Em Jesus Cristo, que por nós permitiu que lhe trespassassem o seu coração, n'Ele apareceu o verdadeiro rosto de Deus. Segui-lo-emos juntos com a grande multidão de quantos nos precederam. Então caminharemos pela via justa.

Isto significa que não construímos para nós um Deus privado, um Jesus privado, mas que cremos e nos prostramos diante daquele Jesus, que nos é mostrado pelas Sagradas Escrituras e que na grande procissão dos fiéis chamada Igreja se revela vivo, sempre connosco e, ao mesmo tempo, sempre diante de nós.

Podemos criticar muito a Igreja. Nós sabemo-lo, e o próprio Senhor no-lo disse: ela é uma rede com peixes bons e peixes maus, um campo com trigo e erva daninha. O Papa João Paulo II, que nos numerosos beatos e santos nos mostrou o verdadeiro rosto da Igreja, pediu também perdão por tudo o que ao longo da história, devido às ações e às palavras dos homens de Igreja, aconteceu de mal. Desta forma ele mostrou também a nós a nossa verdadeira imagem e exortou-nos a entrar com todos os nossos defeitos e debilidades na procissão dos santos, que com os Magos do Oriente teve o seu início. No fundo, é confortador o facto de existir a erva daninha na Igreja. Assim, com todos os nossos defeitos podemos contudo ter a esperança de nos encontrarmos ainda no seguimento de Jesus, que chamou precisamente os pecadores. A Igreja é como uma família humana, mas é também ao mesmo tempo a grande família de Deus, mediante a qual Ele forma um espaço de comunhão e de unidade através de todos os continentes, culturas e nações. Por isso sentimo-nos felizes por pertencer a esta grande família que vemos aqui; sentimo-nos felizes por ter irmãos e amigos em todo o mundo. Experimentamos precisamente aqui, em Colónia, como é belo pertencer a uma família vasta como o mundo, que inclui o céu e a terra, o passado, o presente e o futuro e todas as partes da terra. Nesta grande comitiva de peregrinos caminhamos juntamente com Cristo, caminhamos com a estrela que ilumina a história.

## HOMILIA DO PAPA BENTO XVI – 6 DE JANEIRO DE 2011

## Na solenidade da Epifania, a Igreja continua a contemplar e a celebrar o mistério do nascimento de Jesus Salvador. Em particular, a celebração de hoje sublinha o destino e o significado universais deste nascimento. Fazendo-se homem no seio de Maria, o Filho de Deus veio não só para o povo de Israel, representado pelos pastores de Belém, mas também para a humanidade inteira, representada pelos Magos. E é precisamente a respeito dos Magos e do seu caminho em busca do Messias (cf. Mt 2, 1-12) que hoje a Igreja nos convida a meditar e a rezar.

## No Evangelho ouvimos que eles, tendo chegado a Jerusalém provenientes do Oriente, perguntam: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo» (V. 2).

## Que tipo de pessoas eram, e que espécie de estrela era aquela?

## Eles eram, provavelmente, sábios que perscrutavam o céu, mas não para procurar «ler» o futuro nos astros, eventualmente para obter disto um lucro; eram sobretudo homens «à procura» de algo mais, em busca da verdadeira luz, que seja capaz de indicar o caminho a percorrer na vida. Eram pessoas convictas de que na criação existe aquela que poderíamos definir como a «assinatura» de Deus, uma assinatura que o homem pode e deve procurar descobrir e decifrar.

## Talvez o modo para conhecer melhor estes Magos e compreender o seu desejo de se deixar guiar pelos sinais de Deus consista em deter-nos para considerar aquilo que eles encontram ao longo do seu caminho, na grande cidade de Jerusalém.

## Em primeiro lugar, encontraram o rei Herodes. Certamente, ele estava interessado no menino de que os Magos falavam; no entanto, não com a finalidade de o adorar, como quer fazer entender, mentindo, mas sim para o suprimir. Herodes é um homem de poder, que no próximo só consegue ver um rival para combater. No fundo, se meditarmos bem, até Deus lhe parece um rival, aliás, um rival particularmente perigoso, que gostaria de privar os homens do seu espaço vital, da sua autonomia, do seu poder; um rival que indica o caminho a percorrer na vida, e assim impede que se realize tudo o que se deseja. Herodes ouve dos seus peritos nas Sagradas Escrituras, as palavras do profeta Miqueias (cf. 5, 1), mas o seu único pensamento é o trono.

## Então, o próprio Deus deve ser ofuscado e as pessoas devem reduzir-se a ser simples peças para mover no grande tabuleiro do poder. Herodes é uma figura que não nos é simpática e que, instintivamente, julgamos de modo negativo pela sua brutalidade. Mas deveríamos perguntar-nos: existe, porventura, algo de Herodes também em nós? Acaso também nós, às vezes, vemos Deus como uma espécie de rival? Porventura também nós somos cegos diante dos seus sinais, surdos às suas palavras, porque pensamos que Ele impõe limites à nossa vida e não nos permite dispor da existência a nosso bel-prazer?

## Estimados irmãos e irmãs, quando vemos Deus deste modo, acabamos por nos sentir insatisfeitos e aborrecidos, porque não nos deixamos guiar por Aquele que está no fundamento de tudo. Temos que eliminar da nossa mente e do nosso coração a ideia da rivalidade, a ideia de que conceder espaço a Deus constitui um limite para nós mesmos; devemos abrir-nos à certeza de que Deus é o amor todo-poderoso que nada tira, não ameaça, aliás, é o Único capaz de nos oferecer a possibilidade de viver em plenitude, de sentir a verdadeira alegria.

## Sucessivamente, os Magos encontram os estudiosos, os teólogos, os especialistas que sabem tudo sobre as Sagradas Escrituras, que conhecem as suas possíveis interpretações, que são capazes de citar de cor cada um dos seus trechos e que, por conseguinte, são uma ajuda preciosa para quem quer percorrer o caminho de Deus. Contudo, afirma santo Agostinho, eles gostam de ser guias para os outros, indicam a vereda mas não caminham, permanecem imóveis. Para eles, as Escrituras tornam-se uma espécie de atlas a ler com curiosidade, um conjunto de palavras e de conceitos a examinar e sobre o qual debater com sabedoria.

## Mas, novamente, podemos interrogar-nos: não existe inclusive em nós a tentação de considerar as Sagradas Escrituras, este tesouro extremamente rico e vital para a fé da Igreja, mais como um objeto para o estudo e o debate dos especialistas, do que o Livro que nos indica o caminho para alcançar a vida? Na minha opinião, como indiquei na Exortação Apostólica [Verbum Domini](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html), deveria surgir sempre de novo em nós a profunda disposição a considerar a palavra da Bíblia, lida na Tradição viva da Igreja (cf. n. 18), como a verdade que nos diz o que é o homem, e como pode ele realizar-se plenamente, a verdade que é a senda a percorrer no dia a dia, juntamente com os demais, se quisermos construir a nossa existência sobre a rocha, e não sobre a areia.

## E agora consideremos a estrela. Que tipo de estrela era aquela que os Magos viram e seguiram? Ao longo dos séculos, esta pergunta foi objeto de debate entre os astrónomos. Kepler, por exemplo, considerava que se tratasse de uma «nova», ou de uma «supernova», ou seja, de uma daquelas estrelas que normalmente emanam uma luz ténue mas que, de repente, podem ter uma violenta explosão interna, que produz uma luz extraordinária. Sem dúvida, coisas interessantes, mas que não nos orientam rumo àquilo que é essencial para compreendemos esta estrela. Temos que remontar ao facto de que aqueles homens buscavam os vestígios de Deus; procuravam ler a sua «assinatura» na criação; sabiam que «narram os céus a glória de Deus» (Sl 19 [18], 2); isto é, estavam persuadidos de que Deus pode ser vislumbrado na criação. No entanto, como homens sábios, estavam conscientes também de que não é com um telescópio qualquer, mas com os profundos olhos da razão em busca do sentido último da realidade, e com o desejo de Deus impelido pela fé, que é possível encontrá-lo, aliás, que se torna possível que Deus se aproxime de nós. O universo não é o resultado do acaso, como alguns querem fazer-nos crer. Contemplando-o, somos convidados a ler nele algo de profundo: a sabedoria do Criador, a fantasia inesgotável de Deus, o seu amor infinito por nós. Não deveríamos deixar limitar a nossa mente por teorias que chegam apenas a um certo ponto e que — se olharmos bem — não estão de modo algum em concorrência com a fé, mas não conseguem explicar o sentido derradeiro da realidade. Na beleza do mundo, no seu mistério, na sua grandeza e na sua racionalidade não podemos deixar de ler a racionalidade eterna, e não podemos deixar de nos fazer guiar por ela até ao único Deus, Criador do céu e da terra. Se tivermos este olhar, veremos que Aquele que criou o mundo e Aquele que nasceu numa gruta em Belém e continua a habitar no meio de nós na Eucaristia são o único Deus vivo, que nos interpela, nos ama e quer conduzir-nos para a vida eterna.

## Herodes, os especialistas das Escrituras, a estrela. Mas sigamos o caminho dos Magos, que chegam a Jerusalém. Em cima da grande cidade, a estrela desaparece, já não se vê. O que significa? Também neste caso, temos que ler o sinal em profundidade. Para aqueles homens, era lógico procurar o novo rei no palácio real, onde se encontravam os sábios conselheiros da corte. Mas, provavelmente para sua surpresa, tiveram que constatar que aquele recém-nascido não se encontrava nos postos do poder e da cultura, embora naqueles lugares lhes tenham sido oferecidas informações preciosas acerca dele. Ao contrário, deram-se conta de que por vezes o poder, inclusive o do conhecimento, impede o caminho rumo ao encontro com aquele Menino. Então, a estrela orientou-os para Belém, uma pequena cidade; guiou-os entre os pobres, entre os humildes, para encontrar o Rei do mundo. Os critérios de Deus são diferentes dos critérios dos homens; Deus não se manifesta no poder deste mundo, mas sim na humildade do seu amor, daquele amor que pede à nossa liberdade para ser recebido para nos transformar e nos tornar capazes de chegar Àquele que é o Amor.

## Mas também para nós, as coisas não são tão diferentes de como eram para os Magos. Se nos fosse pedido o nosso parecer sobre a forma como Deus deveria ter salvo o mundo, talvez respondêssemos que devia manifestar todo o seu poder para conceder ao mundo um sistema económico mais justo, no qual cada um pudesse dispor de tudo o que quer. Na realidade, esta seria uma espécie de violência sobre o homem, porque o privaria de elementos fundamentais que o caracterizam. Com efeito, não seriam interpelados a nossa liberdade, nem o nosso amor. O poder de Deus manifesta-se de modo totalmente diferente: em Belém, onde encontramos a aparente impotência do seu amor. E é ali que nós devemos ir, é lá que havemos de encontrar a estrela de Deus. Assim, parece-nos bem claro também um último elemento importante da vicissitude dos Magos: a linguagem da criação permite-nos percorrer um bom trecho de caminho rumo a Deus, mas não nos concede a luz definitiva. No final, para os Magos era indispensável ouvir a voz das Sagradas Escrituras: unicamente elas podiam indicar-lhes o caminho. A Palavra de Deus é a verdadeira estrela que, na incerteza dos discursos humanos, nos oferece o imenso esplendor da verdade divina. Caros irmãos e irmãs, deixemo-nos guiar pela estrela, que é a Palavra de Deus; sigamo-la na nossa vida, caminhando com a Igreja, onde a Palavra armou a sua tenda. A nossa senda será sempre iluminada por uma luz que sinal algum nos pode oferecer. E também nós poderemos tornar-nos estrelas para os outros, reflexo daquela luz que Cristo fez resplandecer sobre nós. Amém.

**Homilia do Papa Francisco | Epifania 2016**

«Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!» (60, 1).

As palavras do profeta Isaías, dirigidas à cidade santa de Jerusalém, convidam a levantar-nos, a sair – a sair dos nossos fechamentos, a sair de nós mesmos – para reconhecermos a luz esplendorosa que ilumina a nossa existência: «Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!» (60, 1). A «tua luz» é a glória do Senhor.

A Igreja não pode iludir-se de brilhar com luz própria; não pode! Lembra-o Santo Ambrósio com uma bela expressão em que usa a lua como metáfora da Igreja: «Verdadeiramente como a lua é a Igreja (...) brilha, não com luz própria, mas com a de Cristo. Recebe o seu próprio esplendor do Sol de Justiça, podendo assim dizer: “Já não sou eu que vivo, é Cristo vive em mim”» (*Exameron*, IV, 8, 32). Cristo é a luz verdadeira, que ilumina; e a Igreja, na medida em que permanece ancorada n’Ele, na medida em que se deixa iluminar por Ele, consegue iluminar a vida das pessoas e dos povos. Por isso, os Santos Padres reconheciam, na Igreja, o «*mysterium lunae*».

Temos necessidade desta luz, que vem do Alto, para corresponder coerentemente à vocação que recebemos. Anunciar o Evangelho de Cristo não é uma opção que podemos fazer de entre muitas, nem é uma profissão. Para a Igreja, ser missionária não significa fazer proselitismo; para a Igreja, ser missionária equivale a exprimir a sua própria natureza: ser iluminada por Deus e refletir a sua luz. Este é o seu serviço. Não há outra estrada. A missão é a sua vocação: fazer resplandecer a luz de Cristo é o seu serviço. Quantas pessoas esperam de nós este serviço missionário, porque precisam de Cristo, precisam de conhecer o rosto do Pai!

Os Magos, de que nos fala o Evangelho de Mateus, são um testemunho vivo de como estão presentes por todo o lado as sementes da verdade, pois são dom do Criador que, a todos, chama a reconhecê-Lo como Pai bom e fiel. Os Magos representam as pessoas, dos quatro cantos da terra, que são acolhidas na casa de Deus. Na presença de Jesus, já não há qualquer divisão de raça, língua e cultura: naquele Menino, toda a humanidade encontra a sua unidade. E a Igreja tem o dever de reconhecer e fazer surgir, de forma cada vez mais clara, o desejo de Deus que cada um traz dentro de si. Este é o serviço da Igreja, com a luz que ela reflecte: fazer surgir o desejo de Deus que cada um traz dentro de si. Como os Magos, ainda hoje, há muitas pessoas que vivem com o «coração inquieto», continuando a questionar-se sem encontrar respostas certas (a inquietação nasce do Espírito Santo, que se move nos corações). Também elas andam à procura da estrela que indica a estrada para Belém.

Quantas estrelas existem no céu! E todavia os Magos seguiram uma diferente, uma nova, que – segundo eles – brilhava muito mais. Longamente perscrutaram o grande livro do céu para encontrar uma resposta às suas questões (sentiam o coração inquieto) e, finalmente, a luz aparecera. Aquela estrela mudou-os. Fez-lhes esquecer as ocupações diárias e puseram-se imediatamente a caminho. Deram ouvidos a uma voz que, no íntimo, os impelia a seguir aquela luz – é a voz do Espírito Santo, que actua em todas as pessoas –; e a luz guiou-os até encontrarem o rei dos judeus numa pobre casa de Belém.

Tudo isto é uma lição para nós. Hoje far-nos-á bem repetir a pergunta dos Magos: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo» (*Mt* 2, 2). Somos chamados, sobretudo num tempo como o nosso, a procurar os sinais que Deus oferece, cientes de que se requer o nosso esforço para os decifrar e, assim, compreender a vontade divina. Somos desafiados a ir a Belém encontrar o Menino e sua Mãe. Sigamos a luz que Deus nos oferece! É uma luz pequenina; o hino do Breviário diz-nos, poeticamente, que os Magos «*lumen requirunt lumine*». Aquela luz pequenina é a luz que irradia do rosto de Cristo, cheio de misericórdia e fidelidade. E, quando chegarmos junto d’Ele, adoremo-Lo com todo o coração e ofereçamos-Lhe de presente a nossa liberdade, a nossa inteligência, o nosso amor. A verdadeira sabedoria esconde-se no rosto deste Menino. É aqui, na simplicidade de Belém, que a vida da Igreja encontra a sua síntese. Aqui está a fonte daquela luz que atrai a si toda a pessoa no mundo e orienta o caminho dos povos pela senda da paz.

## HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Basílica Vaticana  
Quarta-feira, 6 de janeiro de 2020*

Ouvimos, no Evangelho (*Mt* 2, 1-12), que os Magos começam por manifestar a intenção que os move: «Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo» (2, 2). Adorar é o objetivo do seu percurso, a meta do seu caminho. De facto, chegados a Belém, quando «viram o Menino com Maria, sua mãe, prostrando-se, adoraram-No» (2, 11). Se perdermos o sentido da *adoração*, falta-nos o sentido de marcha da vida cristã, que é um caminho rumo ao Senhor, e não a nós. O risco existe, como nos adverte o Evangelho, quando, a par dos Magos, mostra personagens incapazes de adorar.

O primeiro deles é o rei Herodes, que usa o verbo «adorar», mas de maneira falaciosa. Com efeito, pede aos Magos que o informem do local onde encontrarem o Menino, «para – diz ele – ir também eu adorá-Lo» (2, 8). Na realidade, Herodes adorava apenas a si mesmo e por isso, com uma mentira, o que ele queria era livrar-se do Menino. Que nos ensina isto? Que o homem, quando não adora a *Deus*, é levado a adorar-se a *si mesmo*; e a própria vida cristã, sem adorar o Senhor, pode tornar-se uma forma educada de se louvar a si mesmo e a sua habilidade: cristãos que não sabem adorar, não sabem rezar adorando. É um risco sério: servir-se de Deus, em vez de servir a Deus. Quantas vezes trocamos os interesses do Evangelho pelos nossos; quantas vezes revestimos de religiosidade aquilo que a nós nos convém; quantas vezes confundimos o poder segundo Deus, que é servir os outros, com o poder segundo o mundo, que é servir-se a si mesmo!

Além de Herodes, há outras pessoas no Evangelho que não conseguem adorar: são os sumos sacerdotes e os escribas do povo. Com extrema precisão, indicam a Herodes o local onde havia de nascer o Messias: em Belém da Judeia (cf. 2, 5). Conhecem as profecias, citam-nas de forma exata. Sabem aonde ir – são grandes teólogos, mesmo grandes! –, mas não vão. Disto, também podemos tirar uma lição: na vida cristã, não basta saber. Sem sair de si mesmo, sem ir ao encontro de Deus, sem O adorar, não O conhecemos. De pouco ou nada servem a teologia e a ação pastoral, senão se dobram os joelhos; senão se faz como os Magos, que não se limitaram a ser sábios organizadores duma viagem, mas caminharam e adoraram. Quando se adora, apercebemo-nos de que a fé não se reduz a um belo conjunto de doutrinas, mas é a relação com uma Pessoa viva, que devemos amar. É permanecendo face a face com Jesus que conhecemos o seu rosto. Quando O adoramos, descobrimos que a vida cristã é uma história de amor com Deus, onde não basta ter boas ideias sobre Ele, mas é preciso colocá-Lo em primeiro lugar, como faz um namorado com a pessoa amada. Assim deve ser a Igreja: uma adoradora enamorada de Jesus, seu esposo.

Ao principiar este ano, descubramos de novo a adoração como exigência da fé. Se soubermos ajoelhar diante de Jesus, venceremos a tentação de olhar apenas aos nossos interesses. De facto, adorar é fazer o êxodo da maior escravidão: a escravidão de si mesmo. Adorar é colocar o Senhor no centro, para deixarmos de estar centrados em nós mesmos. É predispor as coisas na sua justa ordem, reservando o primeiro lugar para Deus. Adorar é antepor os planos de Deus ao meu tempo, aos meus direitos, aos meus espaços. É aceitar o ensinamento da Escritura: «Ao Senhor, teu Deus, adorarás» (*Mt* 4, 10). «Teu Deus»: adorar é sentir que nos pertencemos mutuamente, eu e Deus. É tratá-Lo por «Tu» na intimidade, é depor a seus pés a nossa vida, permitindo-Lhe entrar nela. É fazer descer sobre o mundo a sua consolação. Adorar é descobrir que, para rezar, basta dizer «Meu Senhor e meu Deus!» (*Jo* 20, 28) e deixar-me invadir pela sua ternura.

Adorar é ir ter com Jesus, não com uma lista de pedidos, mas com o único pedido de estar com Ele. É descobrir que a alegria e a paz crescem com o louvor e a ação de graças. Quando adoramos, permitimos a Jesus que nos cure e transforme; adorando, damos ao Senhor a possibilidade de nos transformar com o seu amor, iluminar as nossas trevas, dar-nos força na fraqueza e coragem nas provações. Adorar é ir ao essencial: é o caminho para se desintoxicar de tantas coisas inúteis, de dependências que anestesiam o coração e estonteiam a mente. De facto, adorando, aprende-se a rejeitar o que não deve ser adorado: o deus dinheiro, o deus consumo, o deus prazer, o deus sucesso, o nosso eu arvorado em deus. Adorar é fazer-se pequenino na presença do Altíssimo, descobrir diante d’Ele que a grandeza da vida não consiste em ter, mas em amar. Adorar é descobrir-nos como irmãos e irmãs face ao mistério do amor que ultrapassa todas as distâncias: é beber o bem na fonte, é encontrar no Deus próximo a coragem de nos aproximarmos dos outros. Adorar é saber calar diante do Verbo divino, para aprender a dizer palavras que não magoem, mas consolem.

Adorar é um gesto de amor que muda a vida. É fazer como os Magos: levar ao Senhor o ouro, para Lhe dizer que nada é mais precioso do que Ele; oferecer-Lhe o incenso, para Lhe dizer que só com Ele se eleva para o alto a nossa vida; apresentar-Lhe a mirra – com ela se ungiam os corpos feridos e dilacerados – como promessa a Jesus de que socorreremos o próximo marginalizado e sofredor, porque nele está o Senhor. Habitualmente, ao rezar, sabemos pedir, agradecer ao Senhor; mas a Igreja deve progredir ainda mais na oração de adoração. Devemos crescer na adoração; a oração de adoração é uma ciência que temos de aprender todos os dias: rezar adorando.

Amados irmãos e irmãs, hoje cada um de nós pode interrogar-se: «Sou um cristão adorador?» A pergunta impõe-se-nos, pois muitos cristãos que rezam, não sabem adorar. Encontremos momentos para a adoração ao longo do nosso dia e criemos espaço para a adoração nas nossas comunidades. Cabe a nós, como Igreja, colocar em prática as palavras que acabamos de rezar no Salmo: «Adorar-Vos-ão, Senhor, todos os povos da terra». Adorando, descobriremos também nós, como os Magos, a direção certa do nosso caminho. E sentiremos, como os Magos, uma «imensa alegria» (*Mt* 2, 10).

***HOMILIA DO PAPA FRANCISCO***

*Basílica Vaticana  
Domingo, 6 de janeiro de 2019*

*Epifania*: esta palavra indica a *manifestação* do Senhor, que Se revela – como diz São Paulo, na segunda Leitura (cf. *Ef* 3, 6) – aos gentios, hoje representados pelos Magos. Desvenda-se, assim, a verdade sublime que Deus veio para todos: todas as nações, línguas e povos são acolhidos e amados por Ele. Símbolo disso é a luz, que tudo alcança e ilumina.

Ora, se é verdade que o nosso Deus Se manifesta para todos, surpreende, porém, o modo *como* o faz. O Evangelho mostra-nos o redopio de gente desencadeado em torno do palácio do rei Herodes, precisamente quando se designa Jesus como rei: «Onde está – perguntam os Magos – o rei dos judeus que acaba de nascer?» (*Mt* 2, 2). Encontrá-Lo-ão, mas não onde pensavam: não no palácio real de Jerusalém, mas numa casa humilde de Belém. O mesmo paradoxo aparecera nos textos de Natal, quando o Evangelho falava do recenseamento de toda a terra no tempo do imperador Augusto e do governador Quirino (cf. *Lc* 2, 2). Mas, nenhum dos poderosos de então se apercebeu de ter nascido, nos seus dias, o Rei da história. E mais tarde quando Jesus – pelos trinta anos – Se manifesta publicamente, tendo João Batista como precursor, de novo o Evangelho nos proporciona uma solene apresentação do contexto: depois de elencar todos os «grandes» de então, tanto no poder secular como no religioso – Tibério César, Pôncio Pilatos, Herodes, Filipe, Lisânias, os sumos-sacerdotes Anás e Caifás –, conclui: «a Palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto» (*Lc* 3, 2), ou seja, a nenhum dos grandes foi dirigida, mas a um homem que se retirara para o deserto. Eis a surpresa: Deus não sobe à ribalta do mundo para Se manifestar.

Ao ouvir aquela lista de personagens ilustres, poderia vir a tentação de «fixar os holofotes» nelas. Poderíamos pensar: teria sido melhor se a estrela de Jesus aparecesse em Roma, na colina do Palatino, onde reinava Augusto sobre o mundo; todo o império ter-se-ia imediatamente tornado cristão. Ou então, se tivesse iluminado o palácio de Herodes, este teria podido fazer o bem em vez do mal. Mas, a luz de Deus não vai para quem brilha de luz própria. Deus propõe-Se, não Se impõe; ilumina, mas não encandeia. É sempre grande a tentação de confundir a luz de Deus com as luzes do mundo. Quantas vezes corremos atrás dos clarões sedutores do poder e da ribalta, convencidos que prestamos um bom serviço ao Evangelho! Mas, assim, voltamos os holofotes para o lado errado, porque Deus não estava lá. A sua luz amável resplandece no amor humilde. Além disso, quantas vezes tentamos, como Igreja, brilhar de luz própria! Mas, não somos nós o *sol* da humanidade; somos a *lua* que, mesmo com as suas sombras, reflete a luz verdadeira, o Senhor. A Igreja é *mysterium lunae* e o Senhor é a luz do mundo (cf. *Jo* 9, 5). Ele… não nós!

A luz de Deus vai para quem a acolhe. Isaías, na primeira Leitura (cf. 60, 2), lembra-nos que a luz divina não impede as trevas e o nevoeiro denso de cobrirem a terra, mas resplandece em quem está pronto a recebê-la. Por isso, o profeta dirige um convite, que interpela a cada um: «Levanta-te e resplandece» (60, 1). É preciso levantar-se, isto é, erguer-se do próprio sedentarismo e prontificar-se a caminhar. Caso contrário, fica-se parado como os escribas consultados por Herodes, que sabiam bem onde nascera o Messias, mas não se moveram. Além disso, é preciso revestir-se de Deus – que é a luz – todos os dias, até que Jesus Se torne a nossa vestimenta diária. Mas, para usar a vestimenta de Deus, que é simples como a luz, primeiro é preciso desfazer-se das roupas pomposas. Caso contrário, faz-se como Herodes, que preferia as luzes terrenas do sucesso e do poder à luz divina. Ao invés, os Magos realizam a profecia, levantam-se para ser revestidos de luz. E são os únicos que veem a estrela no céu: nem os escribas, nem Herodes, ninguém em Jerusalém a viu. Para encontrar Jesus, deve-se planear um itinerário diferente, deve-se tomar outro caminho: o d’Ele, o caminho do amor humilde. E deve-se perseverar nele. De facto, na conclusão do Evangelho de hoje, diz-se que os Magos, tendo encontrado Jesus, «regressaram ao seu país *por outro caminho*» (*Mt* 2, 12). Outro caminho, diferente do de Herodes, distinto do caminho do mundo. Um caminho como o percorrido pelos que estão com Jesus, no Natal: Maria e José, os pastores. Eles, como os Magos, deixaram suas casas e tornaram-se peregrinos pelos caminhos de Deus. Com efeito, só encontra o mistério de Deus quem deixa os próprios apegos mundanos e se põe a caminho.

O mesmo vale para nós. Não basta saber onde nasceu Jesus, como os escribas, se não caminhamos até esse *onde*. Não basta saber *que* Jesus nasceu, como Herodes, se não O vamos encontrar. Quando o seu *onde* se torna o nosso onde, o seu *quando* o nosso quando, a sua pessoa a nossa vida, então cumprem-se em nós as profecias. Então Jesus nasce dentro e torna-Se Deus *vivo para mim*. Hoje, irmãos e irmãs, somos convidados a imitar os Magos. Eles não discutem…, caminham; não ficam a ver, mas entram na casa de Jesus; não se colocam no centro, mas prostram-se aos pés d’Ele, que é o centro; não se fincam nos seus planos, mas prontificam-se a tomar outro caminho. Nos seus gestos, temos um contacto estreito com o Senhor, uma abertura radical a Ele, um envolvimento total com Ele. Com Ele, usam a linguagem do amor, a própria linguagem que Jesus, ainda infante, já fala. De facto, os Magos vão ter com o Senhor, não para receber, mas para dar. Perguntemo-nos: no Natal, trouxemos algum presente a Jesus, pela sua festa, ou trocamos presentes apenas entre nós?

Se fomos ter com o Senhor de mãos vazias, hoje podemos remediar. Com efeito, o Evangelho contém por assim dizer uma pequena lista de prendas: ouro, incenso e mirra. O *ouro*, considerado o elemento mais precioso, lembra-nos que, a Deus, deve ser dado o primeiro lugar. Deve ser adorado. Mas, para isso, é preciso privar-se a si mesmo do primeiro lugar e considerar-se necessitado, não autossuficiente. E aqui entra o *incenso*, que simboliza o relacionamento com o Senhor, a oração, que se eleva para Deus como perfume (cf. *Sal* 141, 2). Ora, como o incenso para exalar o seu perfume se deve queimar, assim também para a oração é preciso «queimar» um pouco de tempo, gastá-lo para o Senhor. Mas fazê-lo de verdade, e não só em palavras. A propósito de factos, entra a *mirra*, unguento que seria utilizado ao envolver amorosamente o corpo de Jesus descido da cruz (cf. *Jo* 19, 39). Agrada ao Senhor que cuidemos dos corpos provados pelo sofrimento, da sua carne mais frágil, de quem ficou para trás, de quem só pode receber não tendo nada de material para retribuir. É preciosa aos olhos de Deus a misericórdia com quem não tem para restituir, a gratuidade. É preciosa aos olhos de Deus a gratuidade. Neste tempo de Natal que está a terminar, não percamos a ocasião para dar um lindo presente ao nosso Rei, que veio para todos, não nos cenários faustosos do mundo, mas na pobreza luminosa de Belém. Se o fizermos, resplandecerá sobre nós a sua luz.

***HOMILIA DO PAPA FRANCISCO***

*Basílica Vaticana  
Sábado, 6 de janeiro de 2018*

O nosso percurso ao encontro do Senhor, que hoje Se manifesta como luz e salvação para todos os povos, é elucidado por três gestos dos Magos. Estes *veem a estrela*, *põem-se a caminho*e *oferecem presentes*.

*Ver a estrela*. É o ponto de partida. Mas, poder-nos-íamos perguntar: Por que foi que só os Magos viram a estrela? Porque talvez poucos levantaram o olhar para o céu. De facto na vida, muitas vezes, contentamo-nos com olhar para a terra: basta a saúde, algum dinheiro e um pouco de divertimento. E pergunto-me: Sabemos nós ainda levantar os olhos para o céu? Sabemos sonhar, anelar por Deus, esperar a sua novidade, ou deixamo-nos levar pela vida como um ramo seco pelo vento? Os Magos não se contentaram com deixar correr, flutuando. Intuíram que, para viver de verdade, é preciso uma meta alta e, por isso, é preciso manter alto o olhar.

E poder-nos-íamos perguntar ainda: Porque é que muitos outros, dentre aqueles que levantavam o olhar para o céu, não seguiram aquela estrela, «a sua estrela» (*Mt* 2, 2)? Talvez porque não era uma estrela deslumbrante, que brilhasse mais do que as outras. Era uma estrela que os Magos viram – diz o Evangelho – «despontar» (cf. *Mt* 2, 2.9). A estrela de Jesus não encandeia, não atordoa, mas gentilmente convida. Podemos perguntar-nos pela estrela que escolhemos na vida. Há estrelas deslumbrantes, que suscitam fortes emoções mas não indicam o caminho. Tal é o sucesso, o dinheiro, a carreira, as honras, os prazeres procurados como objetivo da existência. Não passam de meteoritos: brilham por um pouco, mas depressa caem e o seu esplendor desaparece. São estrelas cadentes, que, em vez de orientar, despistam. Ao contrário, a estrela do Senhor nem sempre é fulgurante, mas está sempre presente: é meiga, guia-te pela mão na vida, acompanha-te. Não promete recompensas materiais, mas garante a paz e dá, como aos Magos, uma «imensa alegria» (*Mt* 2, 10). Pede, porém, para caminhar.

*Caminhar*, a segunda ação dos Magos, é essencial para encontrar Jesus. De facto, a sua estrela solicita a decisão de se pôr a caminho, a fadiga diária da caminhada; pede à pessoa para se libertar de pesos inúteis e sumptuosidades embaraçantes, que estorvam, e aceitar os imprevistos que não aparecem assinalados no mapa da vida tranquila. Jesus deixa-Se encontrar por quem O busca, mas, para O buscar, é preciso mover-se, sair. Não ficar à espera; arriscar. Não ficar parados; avançar. Jesus é exigente: a quem O busca, propõe-lhe deixar as poltronas das comodidades mundanas e os torpores sonolentos das suas lareiras. Seguir a Jesus não é um polido protocolo a respeitar, mas um êxodo a viver. Deus, que libertou o seu povo mediante o trajeto do êxodo e chamou novos povos para seguir a sua estrela, dá a liberdade e distribui a alegria, sempre e só, em caminho. Por outras palavras, para encontrar Jesus, é preciso perder o medo de entrar em jogo, a satisfação do caminho andado, a preguiça de não pedir mais nada à vida. Simplesmente para encontrar um Menino, já é preciso arriscar; mas vale bem a pena, porque, ao encontrar aquele Menino, ao descobrir a sua ternura e o seu amor, encontramo-nos a nós mesmos.

Pôr-se a caminho não é fácil. Assim no-lo mostra o Evangelho através dos vários personagens. Temos Herodes, perturbado pelo temor de que o nascimento dum rei ameace o seu poder. Por isso, organiza reuniões e envia outros a recolher informações; mas ele não se move, está fechado no seu palácio. E, com ele, «toda a Jerusalém» (*Mt* 2, 3) tem medo: medo das coisas novas de Deus. Prefere que tudo permaneça como antes – «fez-se sempre assim» -, e ninguém tem a coragem de se pôr a caminho. Mais subtil é a tentação dos sacerdotes e escribas: conhecem o lugar exato e indicam-no a Herodes, citando inclusive a profecia antiga; sabem, mas não dão um passo rumo a Belém. Pode ser a tentação de quem é crente há muito tempo: discorre-se de fé, como de algo que já é conhecido, mas que não se compromete *pessoalmente* com o Senhor. Fala-se, mas não se reza; lastima-se, mas não se faz o bem. Pelo contrário, os Magos falam pouco e caminham muito. Embora ignorando as verdades da fé, estão ansiosos e põem-se a caminho, como evidenciam os verbos do Evangelho: «viemos adorá-lo» (*Mt* 2, 2), «puseram-se a caminho; entraram na casa; prostraram-se; regressaram» (cf. *Mt* 2, 9.11.12): sempre em movimento.

*Oferecer*. Quando chegaram ao pé de Jesus, depois da longa viagem, os Magos fazem como Ele: dão. Jesus está ali para oferecer a vida; eles oferecem as suas preciosidades: ouro, incenso e mirra. O Evangelho está cumprido, quando o caminho da vida chega à doação. Dar *gratuitamente*, por amor do Senhor, sem esperar nada em troca: isto é sinal certo de ter encontrado Jesus, que diz «recebestes de graça, dai de graça» (*Mt* 10, 8). Praticar o bem sem cálculos, mesmo se ninguém no-lo pede, mesmo se não nos faz ganhar nada, mesmo se não nos apetece. Isto é o que Deus deseja. Ele, que Se fez pequenino por nós, pede-nos para oferecermos algo pelos seus irmãos mais pequeninos. E quem são? São precisamente aqueles que não têm com que retribuir, como o necessitado, o faminto, o forasteiro, o preso, o pobre (cf. *Mt* 25, 31-46). Oferecer um presente agradável a Jesus é cuidar dum doente, dedicar tempo a uma pessoa difícil, ajudar alguém que não nos inspira, oferecer o perdão a quem nos ofendeu. São presentes gratuitos, não podem faltar na vida cristã; caso contrário, como nos recorda Jesus, amando apenas aqueles que nos amam, fazemos como os pagãos (*Mt* 5, 46-47). Olhemos as nossas mãos muitas vezes vazias de amor, e procuremos hoje pensar num presente gratuito, sem retribuição, que possamos oferecer. Será agradável ao Senhor. E peçamos-Lhe: «Senhor, fazei-me redescobrir a alegria de dar».

Amados irmãos e irmãs, façamos como os Magos: olhar para o Alto, caminhar e oferecer presentes gratuitamente.

**HOMILIA DO PAPA FRANCISCO 2022**

Os Magos estão de viagem para Belém. E a sua peregrinação interpela-nos também a nós, chamados a caminhar para Jesus, porque é Ele a estrela polar que ilumina os céus da vida e orienta os passos para a verdadeira alegria. Mas, qual foi o ponto de partida da peregrinação dos Magos ao encontro de Jesus? O que é que levou estes homens do Oriente a porem-se em viagem?

Tinham ótimas desculpas para não partir: eram sábios e astrólogos, tinham fama e riqueza; de posse duma tal segurança cultural, social e económica, podiam acomodar-se no que tinham e sabiam, deixando-se estar tranquilos. Mas não; deixam-se inquietar por uma pergunta e um sinal: «Onde está Aquele que nasceu? Vimos despontar a sua estrela» (Mt 2, 2). O seu coração não se deixa amortecer na choça da apatia, mas está sedento de luz; não se arrasta pesadamente na preguiça, mas está abrasado pela nostalgia de novos horizontes. Os seus olhos não estão voltados para a terra, mas são janelas abertas para o céu. Como afirmou **Bento XVI, eram «pessoas de coração inquieto (...); homens à espera, que não se contentavam com seus rendimentos assegurados e com uma posição social (...); eram indagadores de Deus» (Homilia, 06/I/2013).**

Mas esta saudável inquietação, que os levou a peregrinar, donde nasce? Nasce do desejo. Eis o seu segredo interior: saber desejar. Meditemos nisto. Desejar significa manter vivo o fogo que arde dentro de nós e nos impele a buscar mais além do imediato, mais além das coisas visíveis. Desejar é acolher a vida como um mistério que nos ultrapassa, como uma friesta sempre aberta que nos convida a olhar mais além, porque a vida não é «toda aqui», é também «noutro lugar». É como uma tela em branco que precisa de ser colorida. Um grande pintor, Van Gogh, escreveu que a necessidade de Deus o impelia a sair de noite para pintar as estrelas (cf. Carta a Theo, 09/V/1889). Isto deve-se ao facto de Deus nos ter feito assim: empapados de desejo; orientados, como os Magos, para as estrelas. Podemos dizer, sem exagerar, que nós somos aquilo que desejamos. Porque são os desejos que ampliam o nosso olhar e impelem a vida mais além: além das barreiras do hábito, além duma vida limitada ao consumo, além duma fé repetitiva e cansada, além do medo de arriscar, de nos empenharmos pelos outros e pelo bem. «A nossa vida – dizia Santo Agostinho – é uma ginástica do desejo» (Tratados sobre a primeira Carta de João, IV, 6).

Irmãos e irmãs, como no caso dos Magos, também a nossa viagem da vida e o nosso caminho da fé têm necessidade de desejo, de impulso interior. Às vezes vivemos um espírito de «*parque de estacionamento*», vivemos estacionados, sem este ímpeto do desejo que nos impele para diante. Será bom perguntar-nos: a que ponto estamos nós na viagem da fé? Não estaremos já há bastante tempo bloqueados, estacionados numa religião convencional, exterior, formal, que deixou de aquecer o coração e já não muda a vida? As nossas palavras e ritos despertam no coração das pessoas o desejo de caminhar ao encontro de Deus ou são «língua morta», que fala apenas de si mesma e a si mesma? É triste quando uma comunidade de crentes já não tem desejos, arrastando-se, cansada, na gestão das coisas, em vez de se deixar levar por Jesus, pela alegria explosiva e desinquietadora do Evangelho. É triste quando um sacerdote fechou a porta do desejo; é triste cair no funcionarismo clerical! É muito triste...

Na nossa vida e nas nossas sociedades, a crise da fé tem a ver também com o desaparecimento do desejo de Deus. Tem a ver com a sonolência do espírito, com o hábito de nos contentarmos em viver o dia a dia, sem nos interrogarmos acerca daquilo que Deus quer de nós. Debruçamo-nos demasiado sobre os mapas da terra, e esquecemo-nos de erguer o olhar para o céu; estamos empanturrados com muitas coisas, mas desprovidos da nostalgia do que nos falta. Nostalgia de Deus. Fixamo-nos nas necessidades, no que havemos de comer e vestir (cf. Mt 6, 25), deixando dissipar-se o anseio por aquilo que o ultrapassa. E deparamo-nos com a bulimia de comunidades que têm tudo e muitas vezes já nada sentem no coração. Pessoas fechadas, comunidades fechadas, bispos fechados, padres fechados, consagrados fechados. Porque a falta de desejo leva à tristeza, à indiferença. Comunidades tristes, padres tristes, bispos tristes.

Com os olhos pousados sobretudo em nós mesmos, perguntemo-nos: como está a viagem da minha fé? É uma pergunta que hoje nos podemos colocar, cada um de nós. Como está a viagem da minha fé? Está estacionada ou está em caminho? A fé, para partir uma vez e outra, precisa de ser deflagrada pelo detonador do desejo, de colocar-se em jogo na aventura duma relação sentida e vivaz com Deus. Mas o meu coração vive ainda animado pelo desejo de Deus? Ou deixo que o hábito e as deceções o apaguem? Hoje, irmãos e irmãs, é o dia bom para nos colocarmos estas perguntas. Hoje é o dia bom para voltar a alimentar o desejo. E como fazer? Vamos à «escola de desejo», vamos ter com os Magos. Ensinar-nos-ão, na sua escola do desejo. Fixemos os passos que dão e tiremos algumas lições.

1. Em primeiro lugar, partem quando aparece a estrela: ensinam-nos que é preciso voltar a partir sempre cada dia, tanto na vida como na fé, porque a fé não é uma armadura que imobiliza, mas uma viagem fascinante, um movimento contínuo e desinquietador, sempre à procura de Deus, sempre com o discernimento, naquele caminho.

2. Depois, os Magos em Jerusalém perguntam: perguntam onde está o Menino. Ensinam-nos que precisamos de interrogativos, de ouvir com atenção as perguntas do coração, da consciência; porque frequentemente é assim que fala Deus, que Se nos dirige mais com perguntas do que com respostas. Devemos aprender bem isto: Deus dirige-Se a nós mais com perguntas do que com respostas. Mas deixemo-nos desinquietar pelos interrogativos das crianças, pelas dúvidas, as esperanças e os desejos das pessoas do nosso tempo. A estrada é deixar-se questionar.

3. Além disso os Magos desafiam Herodes. Ensinam-nos que temos necessidade duma fé corajosa, que não tenha medo de desafiar as lógicas obscuras do poder, tornando-se semente de justiça e fraternidade numa sociedade onde, ainda hoje, muitos “herodes” semeiam morte e massacram pobres e inocentes, na indiferença da multidão.

4. Por fim, os Magos regressam «por outro caminho» (Mt 2, 12): provocam-nos a percorrer estradas novas. É a criatividade do Espírito, que faz sempre coisas novas. É também, neste momento, uma das tarefas do Sínodo que nós estamos a realizar: caminhar numa escuta conjunta, para que o Espírito nos sugira caminhos novos, estradas para levar o Evangelho ao coração de quem é indiferente, vive alheado, de quem perdeu a esperança mas procura aquilo que sentiram os Magos: uma «imensa alegria» (Mt 2, 10). Sair para mais além, caminhar para a frente.

5. No ponto culminante da viagem dos Magos, porém, há um momento crucial: tendo chegado ao destino, viram o Menino e «prostrando-se adoraram-No» (2, 11). Adoram. Lembremo-nos disto: a viagem da fé só encontra ímpeto e cumprimento na presença de Deus. Só se recuperarmos o gosto da adoração é que se renova o desejo. O desejo leva-te à adoração e a adoração renova em ti o desejo. Porque o desejo de Deus cresce apenas permanecendo diante de Deus. Porque só Jesus cura os desejos. De quê? Cura-os da ditadura das necessidades. Com efeito, o coração adoece quando os desejos coincidem apenas com as necessidades; ao passo que Deus eleva os desejos e purifica-os; cura-os, sanando-os do egoísmo e abrindo-nos ao amor por Ele e pelos irmãos. Por isso, não esqueçamos a Adoração, a oração de adoração que é pouco comum entre nós: adorar, em silêncio. Por isso não esqueçamos a adoração, por favor.

E procedendo assim, cada dia, como os Magos, teremos a certeza de que, mesmo nas noites mais escuras, brilha uma estrela. É a estrela do Senhor, que vem cuidar da nossa frágil humanidade.

Ponhamo-nos a caminho rumo a Ele. Não demos à apatia e à resignação a força de nos cravar na tristeza duma vida medíocre. Abramo-nos à inquietude do Espírito, corações inquietos. O mundo espera dos crentes um renovado ímpeto para o Céu. Como os Magos, levantemos a cabeça, ouçamos o desejo do coração, sigamos a estrela que Deus faz brilhar sobre nós. E como indagadores inquietos, permaneçamos abertos às surpresas de Deus. Irmãos e irmãs, sonhemos, procuremos, adoremos.

[**A ESTRELA DA ESPERANÇA**](http://mesadepalavras.wordpress.com/2009/09/03/a-estrela-da-esperanca/)

**1.** Era uma vez milhões e milhões de estrelas, espalhadas pelo céu. Havia estrelas de todas as cores: brancas, amarelas, prateadas, cor-de-rosa, vermelhas, azuis… Um dia foram à procura de Deus, Senhor de todo o universo, e disseram-lhe: «Senhor, gostaríamos de viver na terra, no meio dos homens». «Seja como quereis», respondeu Deus. «Podeis descer à terra. Conservar-vos-ei pequeninas, como sois vistas pelos homens».

**2.** Conta-se que, naquela noite, houve uma deslumbrante chuva de estrelas. Acoitaram-se umas nas montanhas, enquanto outras se instalaram no meio dos brinquedos das crianças. Certo é que a terra ficou maravilhosamente iluminada.

**3.** Algum tempo depois, porém, as estrelas resolveram abandonar a terra, e voltaram para o céu. A terra ficou outra vez escura e triste. «Por que voltastes?», perguntou Deus. Então as estrelas responderam: «*Senhor, não aguentámos permanecer no meio de tanta miséria, violência, guerra, fome, doença, morte*». Ao que Deus terá retorquido: «*Tendes razão, estais melhor aqui no céu, em que tudo é sossego e perfeição, ao contrário da terra em que tudo é transitório e mortal*».

**4.** Depois de todas as estrelas se terem apresentado e de ter conferido o seu número, Deus anotou: «*Mas falta aqui uma estrela; ter-se-á perdido no caminho?*» Ao que um anjo, que estava por perto, respondeu: «*Houve uma estrela que resolveu ficar na terra, porque pensa que o seu lugar é exatamente no meio da imperfeição, onde as coisas não correm bem»*. «Mas que estrela é essa?», perguntou novamente Deus. E o anjo respondeu: «por coincidência, Senhor, era a única estrela daquela cor». «Qual é a cor dessa estrela?», insistiu Deus. O anjo respondeu: «*Essa estrela é verde, da cor da esperança*».

**5.** Olharam então para a terra, mas a estrela verde, da esperança, já não estava só. A terra estava outra vez iluminada, com luzes em todas as janelas, porque ardia uma estrela no coração de cada ser humano. A esperança, diz a tradição hebraica, é o único sentimento que o ser humano possui, e Deus não, porque, conhecendo o futuro, Deus já não espera. A esperança é própria do ser humano, que é imperfeito, que erra e que não sabe como será o dia de amanhã.

Rezo para que brilhe cada vez mais a estrela da esperança que arde em ti e na tua casa. E a nossa terra pode ser mais céu.

António Couto

## Comentário de Dom António Couto

## 1. «Eu o vejo, mas não agora, / eu o contemplo, mas não de perto:/ uma estrela desponta (anateleî) de Jacob, / um cetro se levanta de Israel» (Números 24,17). Assim fala, com uns olhos muito claros postos no futuro, um profeta de nome Balaão, que o Livro dos Números diz ser oriundo das margens do rio Eufrates (Números 22,5), uma vasta região conhecida pelo nome de «montes do Oriente» (Números 23,7).

## 

## 2. Do Oriente são também os Magos, que enchem o Evangelho deste Dia (Mateus 2,1-12), e que representam a humanidade de coração puro e de olhar puro que, agora e de perto, sabe ler os sinais de Deus, sejam eles a estrela que desponta (anateleî) (2,2 e 9) ou o sonho (2,12), uma e outro indicadores de caminhos novos, insuspeitados. Surpresa das surpresas: até para casa precisamos de aprender o caminho, pois é, na verdade, um caminho novo! (2,12). Excelente, inteligente, o grande texto bíblico: Balaão vem do Oriente, e os Magos também. O texto grego diz bem, no plural, «dos Orientes» (ap’anatolôn). Só a estrela que desponta (anatolê / anatoleî), no singular, pode orientar a nossa humanidade perdida no meio da confusão do plural.

## 

## 3. De resto, já sabemos que, na Escritura Santa, a Luz nova que no céu desponta (Lucas 1,78; 2,2 e 9; cf. Números 24,17; Isaías 60,1-2; Malaquias 3,20) e o Rebento tenro que entre nós germina (Jeremias 23,5; 33,15; Zacarias 3,8; 6,12) apontam e são figura do Messias e dizem-se com o mesmo nome grego anatolê (tsemah TM) ou forma verbal anatéllô. Esta estrela (anatolê) que arde nos olhos e no coração dos Magos está, portanto, longe de ser uma história infantil. Orienta os passos dos Magos e, neles, os de toda humanidade para a verdadeira ESTRELA que desponta e para o REBENTO que germina, que é o MENINO. E os Magos e, com eles, a inteira humanidade orientam para aquele MENINO toda a sua vida, que é o que significa o verbo «ADORAR» (proskynéô). Esta «adoração» pessoal é o verdadeiro presente a oferecer ao MENINO.

## 4. Note-se bem, neste contexto, o contraponto bem vincado de Herodes, e de todos os Herodes deste nosso tempo e de todos os tempos.

## 

## 5. Mas, para juntar aqui outra vez os fios de ouro da Escritura Santa, nomeadamente 1 Reis 10,1-10 (Rainha de Sabá), Isaías 60 e o Salmo 72(71), diz o belo texto de Mateus que os Magos ofereceram ao MENINO ouro, incenso e mirra. Já sabemos que, desde Ireneu de Lion (130-203), mas entenda-se bem que isto é secundário, o ouro simboliza a realeza, o incenso a divindade, e a mirra a morte e o sepultamento.

## 6. Pode acrescentar-se ainda, mas também isto é claramente secundário, que muitos astrónomos e historiadores se têm esforçado por identificar aquela estrela que despontou e guiou os Magos, apresentando como hipóteses mais viáveis: a) o cometa Halley, que se fez ver em 12-11 a. C.; b) a tríplice conjunção de Júpiter e Saturno na constelação de Peixes, ocorrida em 7 a. C.; c) uma nova ou supernova, visível em 5-4 a. C. Esta última está registada nos observatórios astronómicos chineses. A conjunção de Júpiter e Saturno na constelação de Peixes está registada nos observatórios da Babilónia e do Egito. Johannes Kepler (1571-1630), que estudou este assunto em pormenor, dedica particular atenção aos fenómenos registrados em b) e c).

## 

## 7. Ilustra bem o grandioso texto do Evangelho de Mateus o soberbo texto de Isaías 60,1-6, que canta Jerusalém personificada como mãe extremosa que vê chegar dos quatro pontos cardeais os seus filhos e filhas perdidos nos exílios de todos os tempos e lugares. Também não falta a luz que desponta (anateleî) (60,1) e os muitos presentes, os tais fios que se vão juntar no Evangelho de hoje, de Mateus.

## 8. Também os versos sublimes do Salmo Real 72(71) cantam a mesma melodia de alegria que se insinua nas pregas do coração da inteira humanidade maravilhada com a presença de Rei tão carinhoso. Também aqui encontramos a hiperbólica «idade do ouro», o grão que cresce mesmo no cimo das colinas, e a felicidade dos pobres, que serão sempre os melhores «clientes» de Deus. Extraordinária condensação da esperança da nossa humanidade à deriva.

## 9. E o Apóstolo Paulo (Efésios 3,2-3 e 5-6) faz saber, para espanto, maravilha e alegria nossa, que os pagãos são co-herdeiros e comparticipantes da Promessa de Deus em Jesus Cristo, por meio do Evangelho.

## 10. Sim. Falta dizer que, no meio de tanta Luz, Presentes e Alegria para todos, vindos da Epifania, que significa manifestação de Deus entre nós e para nós, não podemos hoje esquecer as crianças e a missão. Hoje celebra-se o dia da «Infância Missionária», que gosto de ver sempre envolta no belo lema: «O Evangelho viaja sem passaporte». Para significar que o Evangelho nos faz verdadeiramente filhos e irmãos. E entre filhos e irmãos não há fronteiras nem barreiras nem muros ou qualquer separação.

## 11. Sonho um mundo assim. E parece-me que só as crianças nos podem ensinar esta lição maravilhosa.

## António Couto

**Epifania na poesia**

Deus, foste tu que nos puseste

nos caminhos do tempo

e disseste à nossa vida que a esperança se cumpre

atravessando a noite sem bagagens;

como os Magos à procura do presépio,

assim caminhamos para ti;

que nos guie a estrela para a prática das mãos,

dos olhos e da esperança;

e nos revele os perigos dos caminhos tortuosos;

que nos transporte a quadriga da justiça e da fortaleza

e que João Batista, estrela d’alva antes do dia que nasce,

nos indique o roteiro do teu Nome e do teu rosto;

dá-nos também a companhia de Maria

que nos ajude a descortinar

as janelas do deserto e da alegria.

*José Augusto Mourão*

Eu não sei de oração senão perguntas

ou silêncios ou gestos ou ficar

de noite frente ao mar, não de mãos juntas,

mas a pescar (…).

Não pesco só nas águas

mas nos céus,

e a minha pesca é quase uma oração

porque dou graças

sem saber

se Deus

é sim ou não.

*Manuel Alegre*

**A Estrela**

Eu caminhei na noite  
E entre o silêncio e frio  
**Só uma estrela secreta me guiava.**

Grandes perigos na noite me apareceram:  
Da minha estrela julguei que eu a julgara verdadeira

sendo ela só reflexo duma cidade a néon enfeitada.

A minha solidão me pareceu coroa.  
Sinal de perfeição em minha fronte.

Mas vi quando no vento me humilhava  
Que a coroa que eu levava era dum ferro tão pesado,

que toda me dobrava.

Do frio das montanhas eu pensei:  
«*Minha pureza me cerca e me rodeia».*

Porém meu pensamento apodreceu  
E a pureza das coisas cintilava  
E eu vi que a limpidez não era eu.

E a fraqueza da carne e a miragem do espírito  
Em monstruosa voz se transformaram:

Pedi às pedras do monte que falassem  
mas elas como pedras se calaram.

**Sozinha me vi, delirante e perdida  
E uma estrela serena me espantava.**

E eu caminhei na noite, minha sombra  
De gestos desmedidos me cercava

Silêncio e medo  
Nos confins dos desertos caminhavam:

Então vi chegar ao meu encontro  
**Aqueles que uma estrela iluminava**  
E assim me disseram:

«*Vem connosco  
Se também vens seguindo aquela estrela*».

**Então soube que a estrela me seguia.**

Era real e não imaginada.

Grandes e humanas miragens nos mostraram  
Em direções distantes nos chamaram  
E a sombra dos três homens sobre a terra  
Ao lado dos meus passos caminhava.

E eu espantada vi que aquela estrela  
Para a cidade dos homens nos guiava.

**E a estrela do céu parou em cima  
duma rua sem cor e sem beleza**  
Onde a luz tinha o mesmo tom que a cinza  
Longe do verde-azul da Natureza.

Ali não vi as coisas que eu amava  
Nem o brilho do sol nem o da água.

Ao lado do hospital e da prisão  
Entre o agiota e o templo profanado  
Onde a rua é mais negra e mais sem luz  
E onde tudo parece abandonado  
**Um lugar pela estrela foi marcado.**

Nesse lugar pensei:

Quando deserto atravessei

para encontrar aquilo  
Que morava entre os homens

tão perto.

*Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)*

"Por teus olhos acesos de inocência

Me vou guiando agora, que anoitece.

Rei Mago que procura e desconhece O caminho!

Sigo aquele que adivinho anunciado

nessa luz, só de luz adivinhada,

infância humana,

humana madrugada.

Presépio é qualquer berço

onde a nudez do mundo tem calor

e o amor recomeça.

Leva-me, pois, depressa,

através do deserto desta vida,

à Belém prometida...

… Ou és tu a promessa"?

Miguel Torga, *Coimbra, Natal de 1959*